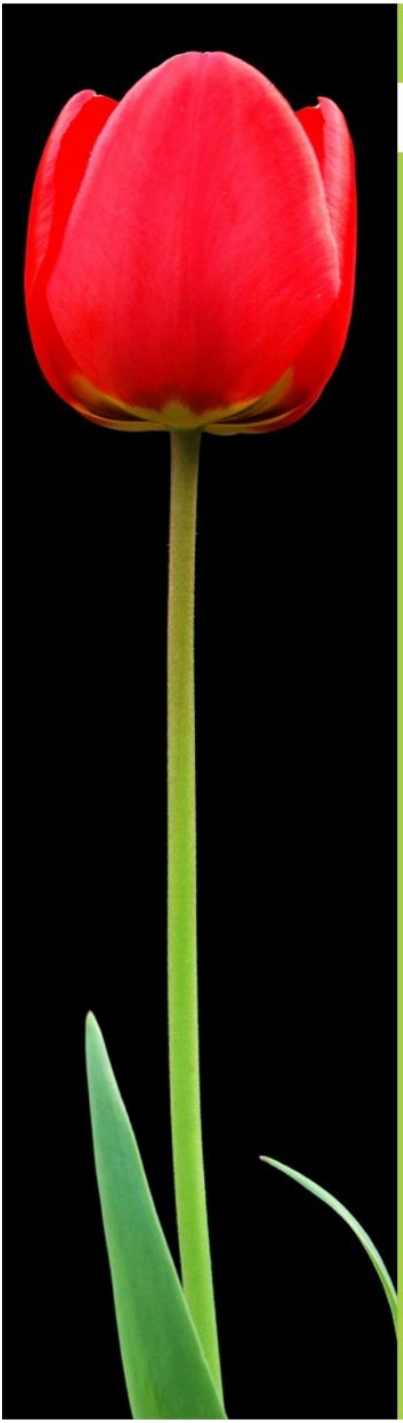


Everton Matheus

Curso Básico de TEOLOGIA REFORMADA

AMPLIE
AGÊNCIA MISSIONÁRIA DE PLANTAÇÃO DE IGREJAS E EVANGELISMO

Everton Matheus

Curso Básico de Teologia Reformada

Curso Livre preparado pela AMPLIE-PARQ

Agência Missionária de Plantação de Igrejas e Evangelismo
Jaboticabal - SP
2017

Soli Deo Gloria

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos:

Eduarda, Heloísa e Samuel.

"... corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta,..." Hebreus 12.1

SUMÁRIO

PREFÁCIO 8

VIDA CRISTÃ..... 10

MANDATOS DE DEUS. 10
OFERTANTE E OFERTA QUE AGRADAM..... 12
FAZENDO O QUE É CERTO. 14

A HISTÓRIA DO PROTESTANTISMO 16

SOBRE A CONFISSÃO DE FÉ 18

O QUE É A CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER? 18
O QUE É A CONFISSÃO DE FÉ HELVÉTICA? . 19
O QUE É A CONFISSÃO DE FÉ DE GUANABARA?..... 22

INTRODUÇÃO AO ESTUDO BÍBLICO..... 24

HISTÓRIA DA BÍBLIA 24
CONHECENDO MELHOR A BÍBLIA 28
DIVISÃO PROPOSTA PELA TEOLOGIA 31

SOBRE A BÍBLIA 34

O QUE SIGNIFICA A PALAVRA BÍBLIA? 34
O QUE É A BÍBLIA?..... 34
POR QUE A BÍBLIA PROTESTANTE É DIFERENTE DA CATÓLICA ROMANA? 35
COMO A BÍBLIA FOI ESCRITA?..... 36
POR QUE DEVO CONFIAR NA BÍBLIA?..... 38
COMO DEVO LER A BÍBLIA?..... 39
NOSSA TRADUÇÃO DA BÍBLIA É CONFIÁVEL? 40
O QUE POSSO CONCLUIR SOBRE A BÍBLIA? 41

SOBRE DEUS..... 43

O QUE DEUS REVELA AO HOMEM SOBRE SI? 43
COMO POSSO SABER A VONTADE DE DEUS? 48

SOBRE O HOMEM 55

COMO SURGIU? 55
QUAL A ESSÊNCIA DO HOMEM? 56
O HOMEM PERMANECEU NO ESTADO EM QUE FOI CRIADO? 58
QUAL A SITUAÇÃO DO HOMEM HOJE?..... 59
HÁ SOLUÇÃO PARA O HOMEM DECAÍDO?.... 60

SOBRE CRISTO, O MEDIADOR 62

POR QUE SE PRECISA DE UM MEDIADOR? .. 62
TODOS IRÃO PARA O INFERNO? 62
QUEM É JESUS, O MEDIADOR? 63
POR QUE ELE ESTÁ APTO PARA SER O MEDIADOR? 64
COMO ELE CUMPRIU SEU OFÍCIO?..... 64
POR QUEM CRISTO CUMPRIU SEU OFÍCIO? 65

SOBRE A SALVAÇÃO 68

COMO AS PESSOAS ERAM SALVAS NO VELHO TESTAMENTO? 68
SOB O NOVO TESTAMENTO, COMO O PACTO É ADMINISTRADO?..... 69
COMO A SALVAÇÃO É APLICADA NO HOMEM? 69
O QUE O HOMEM FAZ PARA SER SALVO?..... 70
A FÉ PRODUZ OU É O FRUTO DA ELEIÇÃO?. 70
O ARREPENDIMENTO É NASCIDO NO HOMEM NATURAL? 73
E QUANTO AS CRIANÇAS QUE MORREM NA INFÂNCIA E OS INCAPAZES? 73

QUAIS OS BENEFÍCIOS QUE RECEBO EM CRISTO? 74
QUAL O MEU PAPEL COMO SALVO EM JESUS? 75
O ELEITO PODE PERDER A SALVAÇÃO? 76
POSSO TER CERTEZA DA MINHA SALVAÇÃO? 77

SOBRE O ESPÍRITO SANTO 78

QUEM É O ESPÍRITO SANTO? 78
QUAL O PAPEL DO ESPÍRITO SANTO? 79
O QUE SIGNIFICA VIVER NO ESPÍRITO SANTO? 80
E A RESPEITO DOS DONS CARISMÁTICOS? 82

SOBRE A VIDA CRISTÃ 107

A LEI DE DEUS 107
A LIBERDADE CRISTÃ 108
A ADORAÇÃO 109
E SOBRE A ORAÇÃO? 112
QUAIS SÃO OS SACRAMENTOS? 115
E O DÍZIMO? 121

SOBRE A IGREJA 126

O QUE É A IGREJA? 126
HÁ QUANTAS IGREJAS? 126
O QUE CARACTERIZA UMA IGREJA CRISTÃ? 129
POR QUE A DISCIPLINA É IMPORTANTE? ... 129
DESVIOS DA IGREJA CRISTÃ 130
QUAL A MISSÃO DA IGREJA CRISTÃ? 134
QUAIS SÃO MEUS DEVERES PARA COM A IGREJA? 134
QUANDO SERÁ O FIM DA IGREJA? 135

SOBRE AS ÚLTIMAS COISAS 136

O QUE ACONTECE DEPOIS DA MORTE? 136
O QUE ACONTECERÁ NO ÚLTIMO DIA? 137
A VOLTA DE JESUS CRISTO 138
QUAL É A NOSSA ESPERANÇA?..... 143
O QUE FAZER ENQUANTO ESPERAMOS?... 144

INTRODUÇÃO À IPB 145

COMO SURGIU A IPB? 145
O QUE É A IPB?..... 147
COMO SE ORGANIZA A IPB?..... 147
QUANTOS NÓS SOMOS?..... 149

APÊNDICE: 150

OS CINCO PONTOS DO CALVINISMO 150

LEITURA SUGERIDA..... 153

BIBLIOGRAFIA 154

PREFÁCIO

Este material foi utilizado pela primeira vez na Igreja Presbiteriana de Vicente de Carvalho – Guarujá-SP, quando ainda frequentava o Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição e era Seminarista na referida Igreja. No ano de 2000, assumi a classe de novos convertidos. Tal classe tinha como objetivo preparar novos crentes e crentes oriundos de outras comunidades evangélicas para as aulas de Catecúmenos.

Desde aquela época senti a necessidade de um material diferenciado, que de maneira simples (para ser atraente aos novos convertidos), porém, substanciosa (para servir de alimento completo os membros professos), servisse à Igreja no sentido de mantê-la firme e fiel às Escrituras e suas doutrinas.

Hoje, após revisão, acréscimo e fusão com outros materiais, conforme desejado, temos uma proposta simples, porém, sem negligenciar verdades importantes para a carreira cristã.

Nosso objetivo nestes estudos é trazer ao estudante a base das doutrinas cristãs essenciais para um caminhar correto na fé. Tal objetivo é compartilhado por outros líderes, e sinto-me no caminho certo quando apresento mais esta opção de estudo, em tempos onde ícones da Igreja Contemporânea veem a necessidade de pensar e repensar a Profissão de Fé.

Nossos estudos serão totalmente bíblicos, seguindo *a priori* a sequência adotada pela

Confissão de Fé de Westminster, um dos símbolos de fé da Igreja Presbiteriana do Brasil. Em muitos casos, usaremos o texto da Confissão na íntegra ou parafraseado; devido a sua maneira clara e profunda de explicar as questões.

Estamos cientes e nem temos a intenção que nosso trabalho trate os assuntos de maneira exaustiva - deixamos isto para os tratados teológicos - mas sim, daremos uma base, que achamos necessária, para que o aluno prossiga em seus estudos e prática da Palavra de Deus.

Que nosso Curso Básico de Teologia Reformada cumpra com os objetivos propostos para a Glória de Deus.

Que Ele nos ilumine e nos ajude!

Rev. Everton Matheus.

VIDA CRISTÃ

"... torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza".

1 Timóteo 4.12

MANDATOS DE DEUS.

Leiamos Gênesis 1.24-31; 2.1-3;15-25

O capítulo primeiro do livro de Gênesis, que significa "princípio", apresenta de modo geral o processo da criação. Já no segundo capítulo vemos um relato mais detalhado da criação do ser humano. Esses dois capítulos apresentam de modo claro que, mesmo antes da queda, Deus tinha planos para o ser humano, recém-criado. Observe aquilo que chamamos de Mandatos de Deus ao homem:

Gn 1.28; 2.18-25 – *"Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra"*. Aqui vemos o mandato social.

Gn 1.28-31; 2.15 -*"... sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra"*. *"...para cultivar e o guardar"*. Aqui vemos o mandato cultural.

Gn 2.3;16-17 – "*E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou;"*. "*E o SENHOR Deus lhe deu esta ordem:".* Aqui vemos o mandato espiritual.

Nossa vida cristã, como servos de Deus, deve observar tais mandatos para que haja equilíbrio e segurança no nosso viver. Esse tripé

em equidade será responsável pela qualidade de vida e felicidade no convívio com Deus e com o próximo. Se porventura dermos maior ênfase em algum mandato, certamente teremos problemas.

Mandato Social – trata da responsabilidade que pesa sobre o homem para com a família. A atenção para com a família é algo que Deus exige e revela em sua Palavra. Em especial para com o cônjuge e filhos (Gn 2.24).

Mandato Cultural – trata da responsabilidade que temos para com a sociedade, de sermos úteis e produtivos. O trabalho não é maldição, o sofrimento do trabalho sim. Deus ordena que o homem sujeite a terra, domine e gerencie-a. Cultivando e guardando o jardim, dando nomes aos seres criados (Gn 2.19), administrando como sub-gerente todas as coisas criadas.

Mandato Espiritual – trata da responsabilidade que temos para com a honra às ordens do Criador. Veja que o foco está nas ordens. Deus santificou o dia de sábado e exigiu obediência direta do homem para suas ordens reveladas (Gn 2.16-17).

Não podemos negligenciar nenhum mandato de Deus e também não podemos enfatizar apenas um ou outro. Todos os três devem ser observados simultaneamente e em equilíbrio.

É lógico que quando se trata de prioridade na vida, Deus vem em primeiro lugar sempre. E se isso ocorrer certamente o homem de Deus agirá com responsabilidade, equilíbrio e determinação para cumprir os mandatos que o Senhor exige de nós.

OFERTANTE E OFERTA QUE AGRADAM

Leiamos Gênesis 4.1-7.

O capítulo quatro do livro de Gênesis trata da vida familiar do primeiro casal depois da queda, que trouxe o pecado para a geração humana.

Apesar do pecado vemos a pré-disposição do primeiro casal em aguardar a promessa de redenção feita pelo SENHOR (Gn 3.15). Isto fica claro nas palavras de Eva quando deu à luz a Caim: "*adquiri um varão com o auxílio do SENHOR".* Poderíamos dizer em outras palavras que Eva creu na promessa do SENHOR (Deus da aliança, da redenção). E mesmo que mais tarde ficasse claro que o descendente da mulher, que pisaria a cabeça da serpente, não era Caim, podemos observar um fato curioso na vida da primeira família, ou seja, que os dois filhos de Adão e Eva, demonstram uma inclinação em ofertar ao SENHOR (Rm 2.14-15).

Nesse momento, olhando para Caim e Abel vê-se dois ofertantes e duas ofertas.

Caim – literalmente "adquirir", primogênito e lavrador.

Oferta de Caim – fruto da terra

Abel – literalmente "sopro ou nada", pastor de ovelhas.

Oferta de Abel – primícias do seu rebanho e da gordura deste.

Vamos focar primeiramente as ofertas:

Eles ainda não tinham recebido a Lei de Moisés, porém os detalhes, que o texto menciona, sobre as ofertas, não têm como objetivo principal qualificar uma e desqualificar a outra. Na verdade, os detalhes servem para qualificar ambas as

ofertas. Vejamos: fruto da terra (Lv 27.30; Nm 18.12-13); primícias do rebanho e da gordura deste (Nm 18.17; Lv 3.16).

Logo o termo primícias ou gordura não desmerecem a oferta de Caim, mas qualificam a de Abel. Logicamente vemos que a oferta de Abel exigia maior abnegação, mas isso não desqualifica a oferta de Caim.

Verifiquemos agora os ofertantes:

Somente sob a luz do Novo Testamento podemos verificar a disposição do coração de Caim e Abel. Segundo Hebreus 11.4, Abel era um homem que cria em Deus, tinha fé, era justo. Já Caim, segundo 1 João 3.12, era do Maligno, era injusto e ganancioso (Jd 11). Aqui encontramos o grande diferencial de um ofertante que agrada a Deus ou não.

Não importa se estamos com a oferta correta, além dela precisamos ter a disposição correta ao servir ao Senhor. Não importa oferecer a Deus uma oferta que está de acordo com a lei, ou que é aceitável, se a nossa postura estiver errada, tanto nós como a nossa oferta será recusada (Gn 4.5). O foco está no proceder do ofertante (Gn 4.7).

Deus não quer sacrifício ele quer vida, ou seja, ele quer que você o sirva de coração, com fé e de modo justo. Não importa se você faz tudo certo no ofício, mas seu coração é injusto e ganancioso. Tudo será rejeitado. Precisamos ofertar corretamente, tanto na oferta a ser apresentada, quanto no nosso proceder como ofertante. Pois, "*se procederes bem, não é certo que serás aceito?".*

FAZENDO O QUE É CERTO.

Leiamos 2 Samuel 6.1-7.

Em relação à vontade de Deus, não basta ter boa vontade, é preciso real obediência. Temos vários exemplos bíblicos que referendam esta verdade dita. Quando olhamos para a história de Nadabe e Abiú (Levítico 10.1-7), vemos dois sacerdotes com a boa intenção de se apresentarem ao SENHOR, sem o pedido explícito deste. Como nos diz o relato bíblico, Deus não aceitou a aparente boa intenção deles que confrontava com Sua vontade e os consumiu com fogo. O caso foi tão sério que nem o lamentar por Nadabe e Abiú foi permitido (v. 6).

Outro exemplo seria o de Uzá (2 Samuel 6.1-7), como lemos. Aqui vemos, num momento de festa e júbilo pelo retorno da Arca da Aliança, o povo de Israel na boa intenção de trazer logo a Arca para Jerusalém, não se atentou para a vontade explícita de Deus referente ao modo de transporte da Arca (Êxodo 37.1-5; Números 4.4-6 e 15). Eles gostaram da inovação dos filisteus e imitaram o mundo (1 Sm 6.1-9). Desprezaram a clara revelação de Deus e resolveram inovar. O que aconteceu? Para evitar que a Arca caísse do carro que a estava transportando, Uzá, na boa intenção, segurou a Arca e "por esta irreverência" morreu. (tocou em cousa santa).

Poderíamos ainda citar o relato sobre Pedro, quando diante da revelação da missão terrena de Jesus se adiantou dizendo que Cristo não padeceria (Mateus 16.21-23). Ele teve boa intenção em dizer isto; significava que ele não queria que Jesus sofresse, mas isto significava também ir

contra os planos, ou melhor, a vontade de Deus. Diante dessa situação, Jesus, de modo claro, disse a Pedro: *"Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das cousas de Deus e sim das dos homens"*.

Para que você não diga que faltou exemplo, vamos citar ainda o que Arão fez diante da demora de Moisés, quando este fora receber as instruções do Senhor. Veja Êx 32.1-10. Moisés estava demorando, o povo estava inquieto, então Arão na boa intenção de acalmar os ânimos propôs uma inovação. Com isso ele conseguiu seu objetivo, porém, não foi aceito por Deus e todos receberão as conseqüências por desprezar os preceitos claros de Deus e na boa intenção realizar algo que Deus não dissera para fazer.

Sendo assim, podemos afirmar que diante da vontade de Deus, ter boa intenção não tem valor algum; precisamos: conhecer, amar e obedecer a Sua vontade para então estarmos de fato agradando a Deus e sermos alvos das bênçãos provenientes da obediência.

Onde há prescrição, a boa intenção não prevalece. Devemos agradar a Deus, não ao povo e muito menos imitar as estratégias do mundo.

A HISTÓRIA DO PROTESTANTISMO

A Reforma Protestante do Séc. XVI foi um movimento religioso de retorno as Escrituras Sagradas que gerou uma transformação espiritual, social, intelectual e política no mundo. Mudou definitivamente a cosmovisão de muitos e influenciou a formação daquilo que conhecemos como civilização ocidental moderna.

Desde os tempos que o cristianismo tornou-se a religião oficial do império, com a conversão do Imperador Constantino (por volta de 310 d.C.), a religião cristã sofreu uma deforma, decorrente do sincretismo religioso e dos acréscimos provindos da aceitação de todos na mesma religião imposta. Isto gerou erros doutrinários e um desvio teológico. Por vários anos muitos crentes verdadeiros tentaram promover uma reforma dentro da igreja, porém sem sucesso.

Depois de muitos anos de desvios e erros, alguns avanços no tempo proporcionaram um movimento que culminasse no retorno as Escrituras e aos princípios primitivos da fé cristã. O escolasticismo, a decadência do papado, a invenção da imprensa, maior independência dos reinos, abusos e escândalos envolvendo o clero católico foram fatores que permitiram a voz protestante ecoar e se fazer ouvida.

Assim no dia 31 de outubro de 1517 o monge Martinho Lutero afixou suas 95 teses contra o papado e as indulgências na porta da Igreja de Witemberg. Aqui temos o marco de um movimento

que supriu o anseio de muitos e trouxe a luz de volta.

Outros reformadores em várias outras partes da Europa foram fundamentais para que o coro ganhasse mais volume e influenciasse nações inteiras.

Lutero, Zwinglio, Calvino, Farel, Melanchton, Knox são nomes de alguns daqueles que gastaram suas vidas para que a verdadeira fé fosse praticada de modo a gerar transformação de vida e glória ao Deus único e verdadeiro.

Como expressão máxima deste movimento pautaram-se 5 pontos. Conhecidos como 5 solas: Sola Scriptura; Sola Fides; Sola Gratia; Solus Cristus e Soli Deo Gloria.

Deste modo, fundamentou-se princípios régios para o retorno da igreja para o padrão bíblico e estabeleceu-se critérios para a manutenção da pureza e verdadeira função da Igreja de Cristo.

Hoje temos o dever de manter em punho com extremo vigor a mesma bandeira levantada por Lutero e desenhada com traços forte e revigorantes por Calvino, para livrar as futuras gerações de erros diabólicos que conduziram a humanidade para as trevas, durante séculos.

O lema: "*Ecclesia Reformata et Semper Reformanda Est*." Aponta para a responsabilidade nunca deixar de usar os critérios estabelecidos para manter a igreja viva e atuante segundo a revelação bíblica. Que Deus nos ajude sempre!

SOBRE A CONFISSÃO DE FÉ

"As cousas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei". Deuteronômio 29.29

O QUE É A CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER?

A Confissão de Fé de Westminster (CFW), como também o Catecismo Maior de Westminster e o Breve Catecismo de Westminster, foram os documentos reconhecidos e adotados pela Igreja Presbiteriana do Brasil como símbolos de Fé, ou seja, onde sua doutrina está registrada de maneira sistematizada. Em seu Art. 1º da Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil, vemos: *"A Igreja Presbiteriana do Brasil é uma federação de Igrejas locais, que adota como única regra de fé e prática as Escrituras Sagradas do Velho e Novo Testamento e como sistema expositivo de doutrina e prática a sua* ***Confissão de Fé e os Catecismos Maior e Breve****;..."*(grifos meus).

Tais documentos são resultado de uma Assembléia convocada pelo parlamento inglês para definir uma confissão de fé para a Igreja Anglicana Inglesa, mais compatível com a confissão das igrejas reformadas (provenientes da Reforma Protestante do séc. XVI), ou seja, um sistema calvinista. Foram convocados 121 teólogos e eruditos da Bíblia, em sua maioria presbiterianos e puritanos, que se reuniram na abadia

(Mosteiro/Igreja) de Westminster (por isso o nome dos documentos), em Londres, entre o período de 1º de julho de 1643 a dezembro de 1646 (houve algumas interrupções).

A Confissão de Fé de Westminster, o Catecismo Maior e o Breve foram todos publicados em 1647; e desde então, passaram a ser documentos reconhecidos e de grande influência na Igreja Reformada. É uma declaração bíblica firme, que apresenta de maneira condensada, porém, abrangente o sistema calvinista.

São trinta e três capítulos que posteriormente receberam um adendo a respeito do Espírito Santo, das Missões e do amor de Deus para com todos os homens, feito pela Comissão Permanente de Doutrina da Igreja Presbiteriana do Brasil.

O QUE É A CONFISSÃO DE FÉ HELVÉTICA?[1]

A Segunda Confissão Helvética (1562) por Henrich Büllinger (1504 - 1575) é a última das grandes confissões reformadas do século XVI tem todas as características de uma confissão magisterial, mas também é um produto do próprio contexto histórico das igrejas reformadas dos países ou regiões de língua alemã que num período relativamente curto (1530 – 1570) presenciaram o surgimento de várias declarações de fé exprimindo os princípios e os fundamentos espirituais das comunidades reformadas. Na verdade, a segunda

[1] Extraído de: http://avivamentonosul21.comunidades.net/segunda-confissao-helveticas-1562

confissão helvética não apenas fecha um período histórico, mas, pelo menos no mundo reformado suíço de língua alemã, ela vem exprimir uma necessidade de unidade doutrinária consensual que os muitos credos confessionais do período exigiam de certo modo, já que a diversidade de confissões estava vinculada, sobretudo ao posicionamento confessional de comunidades específicas e não a uma igreja como um todo, ou pelo menos a uma igreja com uma tradição tão marcante quanto a Reformada. É bem verdade que Heinrich Büllinger, o autor dessa confissão, não a escreveu com esse propósito, mas a própria exigência do cenário reformado suíço onde já existiam outros escritos confessionais impunha o reconhecimento de um escrito confessional que se impusesse pela sua autoridade teológica e influência dogmática. Isso porque a Primeira Confissão Helvética (1536) do qual também Büllinger participou da elaboração, tinha o reconhecimento apenas dos cantões suíços que haviam abraçado da Reforma (Zurique, Basiléia, Berna, Schaffenhausen e Biel), ao passo que a segunda também se tornou aceita na Alemanha (Palatinado e Anhalt) e também na Escócia, França, Polônia e Hungria. Desse modo, a Segunda Confissão Helvética detém uma proeminência distinta não apenas do ponto de vista do esmero de sua elaboração como de seu reconhecimento que transcendeu as fronteiras lingüísticas e territoriais alemãs.

A exemplo das confissões de Schleitheim (1527) de Augsburgo (1530), da Confissão Escocesa (1560) e Belga (1561), frutos das lucubrações intelectuais de lideranças distintas, isto é, Michael Schattler, Phillip Melanchthon, John Knox e Guido de Brès, a

Segunda Confissão Helvética também é produto da obra de um homem, Heinrich Büllinger (1504 – 1575). A vida e o ministério pastoral de Büllinger tem muitas semelhanças com as de Lutero e Calvino e pode ser, de certo modo, igualmente apresentada como uma lenta e gradativa evolução do catolicismo para o mundo da Reforma, passando pelo luteranismo para desaguar no meio caminho zwingliano, entre Lutero e Calvino. Büllinger, nascido em Aargau em 1504, estudou em Emmerich e em Colônia onde a exemplo de Lutero, descobriu a Bíblia por meio dos pais (Crisóstomo, Agostinho), sendo posteriormente nomeado professor da escola instalada no mosteiro de Kappel, perto de Zurique. Ali se tornou luterano pela influência de Melanchthon, mas por volta de 1525 já havia sido inteiramente conquistado para o partido de Zwínglio, auxiliando-o na implementação da Reforma em Zurique, sendo nomeado pastor da comunidade de Bremgarten, em 1529. Como Lutero, casou-se com uma ex freira, e em 1531 em decorrência da morte de Zwínglio na batalha do mosteiro de Kappel, pelas suas íntimas relações com o reformador, foi convidado a assumir as funções de pastor e pregador da Grossmunster, a Grande Catedral de Zurique, que sob sua direção permaneceu até a sua morte. Não se limitou, como se pode ver pela sua atividade nas duas confissões helvéticas, exclusivamente às atividades pastorais, mas atuou diretamente em vários eventos da Reforma, ora polemizando com Lutero no debate sobre a ceia, assumindo abertamente o partido da representação memorial de Zwínglio (1536), ora conciliando-se com Calvino no Consenso Tigurino sobre o mesmo tema (1549). Foi sem dúvida um

dos grandes nomes da Reforma suíça e a presente confissão reflete poderosamente a dimensão do seu intelecto.

O QUE É A CONFISSÃO DE FÉ DE GUANABARA?[2]

A Confissão de Fé de Guanabara – por Jean de Bourdel, Matthieu Verneuil, Pierre Bourdon e André la Fon. No dia 7 de março de 1557 chegou a Guanabara um grupo de huguenotes (calvinistas franceses) com o propósito de ajudar a estabelecer um refúgio para os calvinistas perseguidos na França. Perseguidos também na Guanabara em virtude de sua fé reformada, alguns conseguiram escapar; outros, foram condenados à morte por Villegaignon, foram enforcados e seus corpos atirados de um despenhadeiro, em 1558. Antes de morrer, entretanto, foram obrigados a professar por escrito sua fé, no prazo de doze horas, respondendo uma série de perguntas que lhes foram entregues. Eles assim o fizeram, e escreveram a primeira confissão de fé na América (ver Apêndice 2), sabendo que com ela estavam assinando a própria sentença de morte.

O relato da história dos mártires huguenotes no Brasil, bem como a Confissão de Fé que escreveram, encontra-se no livro *A Tragédia da Guanabara: História dos Protomartyres do*

---

[2] Extraído de: http://www.monergismo.com/textos/credos/confissao_guanabara.htm#nota1

Christianismo no Brasil, traduzido por Domingos Ribeiro; de um capítulo intitulado *On the Church of the Believers in the Country of Brazil, part of Austral America: Its Affliction and Dispersion*, do livro de Jean Crespin: *l' Histoire des Martyres*, originalmente publicado em 1564. Este livro, por sua vez, é uma tradução de um pequeno livro: *Histoire des choses mémorables survenues en le terre de Brésil, partie de l' Amérique australe, sous le governement de N. de Villegaignon, depuis l' an 1558*, publicado em 1561, cuja autoria é atribuída a Jean Lery, um dos huguenotes que vieram para o Brasil em 1557, o qual também publicou outro livro sobre sua viagem ao Brasil: *Histoire d'an voyage fait en la terre du Brésil*.

INTRODUÇÃO AO ESTUDO BÍBLICO

"Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste".
2 Timóteo 3.14

HISTÓRIA DA BÍBLIA

A Palavra portuguesa Bíblia vem do grego *Biblion*, que significa livros, pergaminho, ata. Essa palavra, mediante um desenvolvimento histórico, veio a designar o Livro dos livros, as Escrituras Sagradas, compostas pelos livros do Antigo Testamento e do Novo Testamento, isso por volta do século II d.C.

Na verdade, a palavra Bíblia significa livros reunidos, mas que passou a ser entendida como se referindo a Palavra de Deus, e é assim que entendemos. Foi o primeiro livro a ser impresso e é o mais vendido em todo mundo.

A Bíblia é a fonte mais segura para conhecermos a respeito de Deus, pois nela vemos o próprio Deus falando a respeito de si mesmo.

A Bíblia é uma coletânea de sessenta e seis livros: 39 no Antigo Testamento (expressão usada para definir as Escrituras Judaicas) e 27 no Novo Testamento (expressão usada para definir as Escrituras Cristãs). Ela foi toda escrita por inspiração divina, através de homens santos (2 Pe 1.21); aproximadamente por 40 autores, 16 séculos e vários estilos ou gêneros literários (Narração Histórica, Poesia, Cântico, Oráculos, Parábolas, Evangelho, Cartas, etc...).

Esta coletânea foi composta durante séculos, num processo que chamamos de canonização. Para alguns, esse processo não passa de uma atividade humana, escolhendo os livros de acordo com seus desejos; para outros, esse processo histórico seletivo foi totalmente guiado pelo Espírito Santo.

Para melhor entendermos, é necessário desde já compreender que Deus é quem comanda todas as coisas e atua no homem, através do homem e pelo homem.

Entendemos por cânon os livros revelados por Deus e cujo registro foi inspirado pelo Seu Espírito, eles foram selecionados de acordo com testemunho dessa inspiração, através do testemunho do povo de Israel, de Jesus, dos apóstolos, da igreja e de outros livros canônicos (Lc 24.27, 44; Rm 3.2;).

Sendo assim, chegamos a 66 livros canônicos, ou seja, todos dados por inspiração de Deus (II Tm 3.16; II Pe 1.21.), para serem a regra de fé e prática. São eles:

Velho Testamento (ou Antigo Testamento) = 39

Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio = ***Pentateuco (Lei);***

Josué, Juízes, Rute, I Samuel, II Samuel, I Reis, II Reis, I Crônicas, II Crônicas, Esdras, Neemias e Ester **= *Históricos****;*

Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares **= *Sabedorias****;*

Isaías, Jeremias, Lamentações de Jeremias, Ezequiel e Daniel **= *Proféticos (Profetas Maiores);***

Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias **= *Proféticos (Profetas Menores).***

Novo Testamento = 27

Mateus, Marcos, Lucas e João **= *Evangelhos***;

Atos **= *Histórico;***

Romanos, I Coríntios, II Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, I Tessalonicenses, II Tessalonicenses, I Timóteo, II Timóteo, Tito e Filemon **= *Cartas Paulinas;***

Hebreus, Tiago, I Pedro, II Pedro, I João, II João, III João e Judas **= *Cartas Gerais;***

Apocalipse **= *Profético.***

A divisão feita por capítulos, versículos e os títulos que freqüentemente vêm em negrito dividindo, às vezes corretamente, as perícopes[3], foi feita posteriormente com a finalidade de facilitar o estudo de textos específicos.

---

[3] Perícope – Em relação ao estudo da Bíblia, refere-se as seções que completam uma determinada idéia, contexto ou história nos livros bíblicos.

Visão do conjunto Bíblico[4]:

Velho Testamento		Novo Testamento		
Gênesis 1-11	Gênesis 12 - Malaquias 4	Evangelhos	Atos e Epistolas	Apocalipse
Éden Dilúvio Babel	Patriarcas Egito Pergrinações Juízes Reino Unido Reino Dividido Cativeiro Restauração	Precedentes do Ministério Início do Ministério Min. Galiléia Min. Norte Min. Peréia Últimas Semanas Quarenta Dias	Ig. Jerusalém Dispersão em Antioquia Viagens Missionárias De Jerusalém a Roma Intervalo entre Prisões Cartas Pastorais Cartas Gerais	Sete Igrejas Sete Selos Sete Trombetas Sete Castiçais Lutas finais
CRIAÇÃO	ISRAEL	CRISTO	IGREJA	CONSUMAÇÃO

[4] Júlio A. Ferreira; *Conheça sua fé – vol 1*, Campina, LPC, Quadro 1.

CONHECENDO MELHOR A BÍBLIA

Como já falamos na outra aula, a Bíblia foi toda escrita por inspiração divina, através de homens santos (2 Pe 1.21); aproximadamente por 40 autores, 16 séculos e vários estilos ou gêneros literários (Narração Histórica, Poesia, Cântico, Oráculos, Parábolas, Evangelho, Cartas, etc...). Deus em sua sabedoria e soberania usou todas as pessoas, respeitando seus conhecimentos, seu contexto, período e sua personalidade; revelando-se de muitas maneiras (Hb 1.1-4). Assim vemos um erudito como Isaías ser usado ao lado de um pescador com Pedro. Ou ainda alguém que recebeu grande instrução em seus dias como Moisés e um simples homem do campo como Amós. Relembrando: *Para melhor entendermos, é necessário desde já compreender que Deus é quem comanda todas as coisas e atua no homem, através do homem e pelo homem*.

Assim temos o Antigo ou Velho Testamento sendo escrito em Hebraico com alguns trechos em aramaico e o Novo Testamento escrito em Grego (Coinê). Porém, sem perder nunca a coerência e a harmonia entre a revelação que é de um só, a saber, Deus.

Para melhor visualizarmos vamos apresentar abaixo um quadro que apresenta uma cronologia dos principais fatos relacionados aos livros da Bíblia. Vejamos:

Data	Fatos Históricos	Personagens bíblicos	Livros bíblicos
6000 a.C	Queda do Homem	Adão Eva Caim Abel Sete	Gênesis
4000 a.C	Dilúvio	Noé Ló	Gênesis

		Sem Cam Jafé			
2000 1800 a.C	Formação de Israel	Abraão Isaque Jacó			Gênesis Jó
1440 1439	Saída do Egito Construção do Tabernáculo	Moisés			Êxodo/ Levítico/ Número e Deuter.
1400	Conquista de Canaã	Josué			Josúe
1375 1125 1075	Período dos Juízes	Juízes: Otniel, Eude, Sangar, Debora, Baraque, Gideão, Abimeleque, Tola, Jair, Jefté, Ibsã, Elom, Abdom, Sansão, Eci, Samuel. Rute Profeta Samuel			Juízes Rute 1 Samuel
1050 1011 971	Período do Reino Unido Construção do Templo	Saul Davi Salomão			1 e 2 Sm Salmos 1 Reis, 1 e 2 Crônicas, Provérbios, Eclesiastes, Cantares.
931 – 923 874 841 782 732 722 716 640 612 605 597 587	Período do Reino Dividido Divisão do Reino de Israel em Reino do Sul e Reino do Norte Expansão do culto a Baal no reino do Norte. Extermínio da Dinastia de Onri. Prosperidade e ruína de Israel Cativeiro da Galiléia pela Assíria Cativeiro de Israel (R. do Norte) pela Assíria Reforma Religiosa em Judá Reforma Religiosa Queda da Assíria Domínio babilônico Conquista de Judá pela Babilônia 2ª Leva de Cativos Destruição de Jerusalém	Reis do Reino do Sul (Judá): Jeroboão I (931-909) Nadabe (910-908) Baasa (909-886) Elá (886-885) Zinri (885) Onri (885-874) Acabe (874-853) Acazias (853-852) Jorão (852-841) Jeú (841-814) Jeocaz (814-798) Jeoás (798-782) Jeroboão II (782-753) Zacarias (753-752) Sacum (752) Menaem (752-742) Pecaías (742-740) Peca (740 -732) Oséias (732-723)	Reis do Reino do Norte (Israel): Roboão (931-913) Abias (913-911) Asa (911-870) Josafá (870-848) Jorão (848-841) Acazias (841) Atalia (841-835) Joás (835-796) Amazias (796-767) Uzias (767-740) Jotão (740-732) Acaz (732-716) Ezequias (716-687) Manassés (686-642) Amóm (642-640) Josias (640-609) Jeocaz (609) Jeoaquim (609-597) Joaquim (597) Zedequias (597-587)	Profetas: Elias (875-850) Eliseu (850-800) Joel (840-830) Jonas (790-770) Amós (780-740) Oséias (760-720) Isaías (745-695) Miquéias (740-700) Sofonias (639-608) Naum (630-610) Jeremias (626-586) Habacuque (606-586) Daniel (605-534) Ezequiel (592-570)	1 e 2 Reis 2 Crônicas Joel Jonas Amós Oséias Isaías Miquéias Sofonias Naum Jeremias/ Lamentações Habacuque Daniel Ezequiel
537	Período de Restauração Retorno de Judá para Palestina. Domínio Persa	Zorobabel		Obadias (586) Ageu (520-	Obadias Ageu

520 478 458 444	Reconst. Templo Judeus livres do extermínio Ensino da Lei e reorganização do culto Reconstrução dos muros de Jerusalém	 Ester Esdras Neemias		516) Zacarias (520-516) Malaquias (450-400)	Zacarias Malaquias
400 a.C – 1 d.C.	Período Inter-bíblico ou inter-testamentário Dominação Persa / Grega / Macabéia	Chamado período do silêncio de Deus, em que não falou através de profeta e não foi produzido qualquer material bíblico. (alguns livros apócrifos aceitos pela ICAR são desse período)			
1 d.C 33 50 70 d.c 100	Dispensação da Graça Formação da Igreja Cristã Viagens Missionárias Fim do período Apostólico	Ministério terreno de Jesus Escrita das Cartas Escrita dos Evangelhos Escrita do Livro de Atos Escritos de Apocalipse			 Gálatas Hebreus 1 e 2 Ts Mc / Tg Rm / 1 Co 2 Co Mateus / Cl Lc/ Ef/ Fp /Fm 1 Tm / Tt / Jd 1 e 2Pe Atos/ 2 Tm João 3 Jo 1 e 2 Jo Apocalipse

Observe que a maioria absoluta dos profetas escritores, pertence ao chamado período do Reino Dividido, inaugurado depois do reinado de Salomão.

Observe ainda que vários profetas tiveram um ministério superior ou igual a 40 anos: Amós, Oséias, Isaías, Miquéias, Sofonias, Jeremias e Daniel.

DIVISÃO PROPOSTA PELA TEOLOGIA

Para estudarmos a Bíblia corretamente precisamos levar em consideração vários detalhes como: história, gramática (estudo das línguas: Hebraico e Grego), contexto cultural, geografia, a progressão da revelação, a harmonia entre os textos bíblicos, etc... Somente numa perspectiva ampla e concisa poderemos interpretar corretamente a revelação de Deus a respeito de Si e de Sua vontade. Para facilitar este estudo, surge a Teologia. Mas o que é Teologia?

Teologia é de modo simples (Theós = Deus + Logia=estudo), o estudo acerca de Deus. Porém, Deus não é um objeto de estudo. Logo, a Teologia é uma ciência que estuda a revelação que Deus fez de Si mesmo, segundo a sua vontade e propósito. Ou seja, Teologia estuda a revelação de Deus, levando em consideração todo o contexto em que ela foi revelada.

Ela se divide em várias outras partes para que possamos estudar melhor, cada assunto abordado pela Palavra de Deus. Segue as principais divisões:

1) Teologia Exegética ou Bíblica – é a área da teologia que procura harmonizar todo ensinamento da Bíblia. Ele compreende o estudo de cada texto do Antigo Testamento e do Novo Testamento; Analisa o contexto geográfico e histórico do período bíblico para harmonizar o ensino de modo claro, gradual e amplo. Ela inclui o estudo das línguas originais, história, geografia e arqueologia da Bíblia, Hermenêutica e Teologia Bíblica.

2) Teologia Sistemática – é a área da teologia que se divide por assuntos relevantes na revelação, sistematizando tudo o que a Bíblia diz sobre determinado assunto ou tema. Ela se divide:

Prolegômena: Estudo da Revelação;

Teontologia: Estudo do Ser e vontade de Deus;

Antropologia: Estudo da criação e da situação do homem;

Soteriologia: Estudo a respeito da salvação e do modo dela ser aplicada no homem decaído;

Cristologia: Estudo da pessoa de Cristo, seus ofícios, títulos, obras e ensinos.

Pneumatologia: Estudo da pessoa do Espírito Santo, atuação e ação sobre o homem e sobre a igreja.

Eclesiologia: Estudo a respeito da Igreja de Deus, no Antigo e principalmente a formação da Igreja Cristã, com suas marcas, função e missões.

Escatologia: Estudo das últimas coisas, das profecias apocalípticas e dos oráculos de Deus.

Ainda podemos subdividir a teologia sistemática, em quantos assuntos ou temas forem abordados pela Palavra de Deus. Exemplo: Angelologia.

3) Teologia Prática – é a parte da teologia que se propõe a aplicar o conteúdo dos estudos da teologia exegética/bíblica e sistemática. Divide-se em:

Aconselhamento;

Evangelismo e Missões;

Ética Cristã;

Homilética (Pregação).

Além dessas, existe outra divisão chamada Teologia Histórica, que se envolve com o estudo da

história da Bíblia, igreja, missões, doutrina e etc. A Teologia Contemporânea faz parte dessa divisão.

SOBRE A BÍBLIA

"Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e luz, para os meus caminhos". Salmo 119.105

O QUE SIGNIFICA A PALAVRA BÍBLIA?

A Palavra portuguesa Bíblia vem do grego *Biblion*, que significa livros, pergaminho, ata. Essa palavra, mediante um desenvolvimento histórico, veio a designar o Livro dos livros, as Escrituras Sagradas, compostas pelos livros do Antigo Testamento e do Novo Testamento, isso por volta do século II d.C.

Na verdade, a palavra Bíblia significa, livros reunidos, mas que passou a ser entendida como se referindo a Palavra de Deus, e é assim que entendemos. Foi o primeiro livro a ser impresso e é o mais vendido em todo mundo.

O QUE É A BÍBLIA?

Como já vimos é uma coletânea de sessenta e seis livros: 39 no Antigo Testamento (expressão usada para definir as Escrituras Judaicas) e 27 no Novo Testamento (expressão usada para definir as Escrituras Cristãs). É a revelação especial de Deus (Sl 19), inspirada por Deus, inerrante[5], e dada ao homem com o objetivo de ser útil para o ensino,

[5] Para maiores detalhes: COSTA; Hermisten Maia Pereira; A Inspiração e Inerrância das Escrituras, São Paulo, Cultura Cristã, 1998.

para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, conduzindo o homem à vontade de Deus (Ec 12.13; 2Tm 3.16-17).

POR QUE A BÍBLIA PROTESTANTE É DIFERENTE DA CATÓLICA ROMANA?

A Bíblia na verdade é uma só. Porém, no processo de canonização, a Igreja Católica Apostólica Romana, em 1546, no Concílio de Trento, aceitou outros livros que não foram aceitos como sendo inspirados para toda a maioria, incluindo a Igreja Protestante.

No processo de canonização, foram rejeitados especificamente no V.T. 14 livros, chamados de "Apócrifos", mas os livros que foram aceitos pela Igreja Romana são apenas sete:

Tobias, livro histórico, com narrativas de uma viagem a terras distantes, uma pesca, uma droga maravilhosa, casos de amor, costumes religiosos, costumes de sepultamento, etc.

Judite, livro histórico, enfatiza o sacrifício pessoal, a possibilidade de realizarmos qualquer coisa se tivermos coragem, etc.

Sabedoria de Salomão, livro que exalta a sabedoria, mostrando que quem a possui é um ser quase divino, etc.

Eclesiástico, ou Sabedoria de Jesus Bem-Siraque, o livro mais longo dentre os apócrifos, exalta os escribas, os médicos, os homens famosos, etc.

Baruque, uma obra composta, que combina a confissão de pecados de Israel, como o motivo para a destruição de Jerusalém em 586 a.C. com

uma seção que louva a sabedoria e outra acerca da futura salvação de Israel.

I Macabeus, um relato da guerra de independência dos macabeus.

II Macabeus, sumário da obra de Jasan de Cirene, fala de milagres e lendas sagradas, como o martírio de sete irmãos; relatos de orações de almas encarnadas por almas de falecidos e vice-versa, a doutrina do purgatório e etc.

Nesses pequenos comentários dos sete livros aceitos pela igreja romana, já fica expressa a não canonicidade deles, devido ao fato de irem contra ensinos de outros livros aceitos como canônicos por toda a cristandade.

COMO A BÍBLIA FOI ESCRITA?

A Bíblia é o registro da revelação especial de Deus. Deus se revelou ao homem por dois tipos: a **revelação geral,** que é a revelação dada por Deus através da obra da Criação (Sl 19.1-6) e a **revelação especial,** que é a escrita.

A revelação especial, que é a escrita, foi nos dada por Deus de quatro maneiras bem distintas no percurso da história da humanidade.

Primeiramente, Deus se revelou através da TEOFANIA, que é Deus tomando uma forma conhecida por um determinado tempo e assim se apresentando ao homem e revelando-se. Ex. A sarça ardente, a coluna de fogo, os homens com Abraão, a nuvem, o anjo com Jacó (Dt 4.12-14). Essa maneira acontece desde Adão até Moisés, basicamente, lembrando que sempre há um

período de transição para a outra maneira a ser utilizada.

Depois Deus se revelou através da PROFECIA, sonhos e visões. Deus agora não mais aparece de forma real, mas através de sonhos e visões. Ex. Isaías 1.1; essa maneira acontece basicamente de Moisés até Malaquias ou João Batista, que também era profeta. Essa dificuldade para definir o período é justamente devido a transição de uma maneira para a outra.

Após esse período, Deus se revela através do FILHO (Hb 1.1-2; Gl 1.11,12; Cl 2.8-9). O verbo encarnado. Deus se apresenta ao homem agora não por um determinado tempo, mas sim encarnado na figura do Filho, a saber, Jesus Cristo. Em Jesus a revelação de Deus se completa, e a partir dele não há mais revelação (Hb 1.1-3; Ap 1.1-2).

Mas dentro desse período da revelação através do Filho, Deus se revelou através da COOPERAÇÃO. Aqui o homem, através de pesquisas e estudos sobre fatos acontecidos, é dirigido por Deus. Que atua *em, através* e *pelo* homem. Deus se revela, mas nesse caso já com a perspectiva da revelação através do Filho. Ex. Lucas 1.1-4 e Atos 1.1-3.

E durante estas maneiras de revelação, Deus através de Seu Espírito, age de forma inspiradora no homem, conduzindo este a registrar a sua revelação.

Aqui vemos Deus agir no homem, sem quebrar sua personalidade, nem suas características literárias. Assim o Velho Testamento foi registrado em Hebraico e o Novo Testamento em Grego, registrando realmente aquilo que foi

revelado por Deus com o propósito de trazer ao homem conhecimento de Deus e de sua vontade, necessário para a salvação. Isto se chama **inspiração**.(I Co 1.21; I Co 2.9-14; At 4.12; Rm 10.13,14; II Tm 3.14-17.).

Como já falamos, esse processo de registro perdurou por 16 séculos e cerca de 40 escritores foram o instrumento de Deus, o Autor da Escritura, às vezes registrando a revelação muito tempo após Deus a ter dado. Ex. Gênesis.

Outro termo importante, que não se refere à escrita da Bíblia, mas à sua utilização, é **iluminação.** Este termo refere-se à atuação de Deus no leitor, ou seja, no homem, capacitando-o para compreender o ensino da Bíblia, através de uma atuação direta pelo Espírito Santo (1 Co 2.10-14).

POR QUE DEVO CONFIAR NA BÍBLIA?

Há vários motivos pelos quais devo confiar na Bíblia. Dentre eles, destacamos:

1º A autoridade da Bíblia é divina. Jo 5.39; II Tm 3.16; II Pe 1.21.

2º A Bíblia é a Palavra de Deus. I Ts 2.13; Gl 1.11-12.

3º O Espírito Santo testifica em nossos corações a infalibilidade e autoridade da Bíblia. I Co 2.10-12; Jo 16.13-14; I Co 2.6-9.

4º A Bíblia traz o conhecimento para a Salvação. II Tm 3.15; Os 4.6; Rm 1.28; Jo 20.31.

5º A Bíblia nos ensina quanto à vontade de Deus e nos aperfeiçoa. II Tm 3.16-17; Sl 119.105,130; At 17.11-12; Mt 28.19,20; Cl 3.16; Rm 15.4.

6º A Bíblia é imutável. Mt 5.18; II Tm 3.14; Hb 1.1-2.

7º A Bíblia não se contradiz. Mt 4.5-7; Mt 12.1-7; Mt 22.29; At 28.25.

8º A Bíblia nos supre. Jo 15.3, 11; Sl 119.9-11, 98-100,105; 1 Pe 2.2.

COMO DEVO LER A BÍBLIA?

Muitas vezes encontramos pessoas fazendo da Bíblia um livro de superstições, como "caixinha de surpresas". Não devemos utilizá-la com este propósito. A Bíblia foi escrita para ser bem manejada pelo servo (obreiro – 2 Tm 2.15).

É importante ainda dizer, quanto a disposição dos livros na Bíblia, que além de serem divididos em A.T. e N.T. também recebem uma divisão por estilo literário, como já vimos quando falamos sobre os livros bíblicos, na porção "*O QUE É A BÍBLIA?".*

Portanto, devo ler a Bíblia:

1) Constantemente – Sl 1.2
2) Debaixo da direção divina (oração)– Sl 119.18
3) Considerando o contexto geral - At 17.11
4) Fazendo perguntas (iluminação) – 1 Ts 5.21; 1Co 10.15

5) Com disposição de obedecer – Tg 1.22; 2 Tm 3.16
6) Com submissão à verdade – Jo 17.17

Utilizando desses preceitos, organize-se: separe um tempo para leitura diária, ore pedindo orientação, pergunte-se: o que esta passagem me ensina? E, o que devo colocar em prática em minha vida agora? E caso tenha alguma dúvida, pergunte para alguém mais experiente na fé.

NOSSA TRADUÇÃO DA BÍBLIA É CONFIÁVEL?

Podemos dizer que sim! E não apenas isto, mas que hoje, depois de revisões e atualizações, é considerada uma das melhores traduções para um idioma moderno.

Diante dos manuscritos, papiros, pergaminhos, etc, sabemos que os textos bíblicos, em especial o Novo Testamento, são os documentos do mundo antigo com maior número de comprovação.[6] E para entender sobre a tradução para o português, é preciso saber que os textos sagrados foram primeiramente traduzidos totalmente para o grego, numa versão chamada de LXX (Septuaginta) e depois para o latim, numa versão que chamamos de Vulgata. Desta última, foram feitas algumas traduções (porções apenas) para o português. Mas, foi João Ferreira de Almeida (nascido em 1628), pastor protestante, português, que, utilizando os manuscritos em Hebraico e Grego, fez a primeira Tradução da Bíblia completa,

---

[6] Cf. R. N. CHAMPLIN; J. M. BENTES; *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, São Paulo, Candeia, 1995, Vol. 04, págs. 62-116.

publicada no início do século XVIII. Sabemos que a tradução da Bíblia não é uma tarefa fácil. E por isso mesmo esta primeira tradução era dotada de vários erros decorrentes de se ter usado manuscritos, chamados de inferiores. Já as edições mais modernas trouxeram melhorias no texto e na tradução, feita através de uma comissão que se utilizou dos melhores manuscritos gregos disponíveis.

Mas mesmo assim, ainda há algumas porções em nossa tradução que foram mantidas sem base nos melhores manuscritos, fato que algumas edições trazem tais porções entre colchetes [...]. Ex. Mt 6.13,14; Mt 18.11; Mc 16.9-20; Jo 5.4; Jo 7.53-8.11; 1 Jo 5.7-8 entre outros. Porém, isto de modo algum denigre ou mancha a veracidade, fidelidade e importância da nossa tradução da Bíblia[7].

O QUE POSSO CONCLUIR SOBRE A BÍBLIA?

Em resumo, podemos concluir que: as Escrituras Sagradas, o Antigo e o Novo Testamento são a Palavra de Deus, a única regra de fé e prática[8], revelada de modo especial por Deus a nós, por intermédio de homens inspirados, que registraram a vontade de Deus para nossa vida e, através das Escrituras, por ação do Espírito Santo nos iluminando, podemos compreender tal vontade e praticá-la para honra e glória do próprio Deus trino.

---

[7] Idem, Ibidem; Vol. 01, págs. 530-536.

[8] Cf. *O Catecismo Maior de Westminster*, São Paulo, Cultura Cristã, 12ª ed., 2002, pp.8-9.

Devemos considerá-la como tal e nos posicionarmos de modo submisso ao seu ensino normativo, utilizando ferramentas apropriadas para uma interpretação (hermenêutica) que a considere como um todo e que respeite o gênero literário, o contexto próximo e a cultura em questão. Somente assim estaremos preparados para ouvir a voz de Deus que emana de sua revelação escrita.

SOBRE DEUS

"No princípio, criou Deus os céus e a terra".

Gênesis 1.1

O QUE DEUS REVELA AO HOMEM SOBRE SI?

De acordo com a Bíblia, Deus revela de si: o que Ele é, quantas pessoas há na divindade, os seus decretos e como Ele os executa, sua vontade e muito mais. A Bíblia é a fonte mais segura para conhecermos a respeito de Deus, pois nela vemos o próprio Deus falando a respeito de si mesmo. É bem verdade que a revelação sobre Deus é **incompreensível**, porém, pode ser **conhecida**.

Diante desse paradoxo, muitos se perguntam como podemos conhecer a Deus se não o podemos entender ou até mesmo vê-lo. Poderíamos dizer o mesmo a respeito da dor, da fome, do vento, da saudade, do amor, etc... Não podemos vê-los; alguns deles nem entendemos, mas podemos conhecê-los.

João Calvino[9] (reformador francês – séc. XVI) afirmou que todos os homens, sem exceção, nascem com um senso de Deus (*sensu divinitatis / sêmen religionis)*, ou seja, é algo inato; e que, portanto, possuem a lei de Deus gravada em seus corações (Rm 2.14-16).

---

[9] Para maiores informações sobre João Calvino vá até a parte que estudamos - Sobre a Igreja, no ponto que tratamos sobre – Como surgiu a Igreja Presbiteriana. vide

No caso de Deus, podemos conhecê-Lo por meio da sua auto-revelação, tanto na revelação geral como na revelação especial (Salmo 19).

É importante dizer que só podemos conhecer de Deus aquilo que Ele mesmo nos permite conhecer, e que, portanto, nos revelou.

Uma das maneiras que temos para conhecer a Deus é através da revelação dos Nomes de Deus.

Na Bíblia, o nome de pessoas, de locais, e até mesmo de objetos tem uma importância e um porquê. Ex. Gn 27.36 compare com Gn 32.28; 35.10.

No caso de Deus não é diferente. Vejamos seus nomes:

- **Deus poderoso**. Gn 1.1; Dt 5.24; Sl 68.7-8 (Elohim / plural de El ou Eloah) – Criador – aparece 2200 vezes.
- **Deus Altíssimo**. Gn 14.18-20; Dt 32.8; (El Elyon) – Supremacia.
- **Deus Todo-Poderoso**. Gn 17.1; Gn 28.3 (El-Shaddai) – Poderoso em cumprir suas promessas.
- **Deus Eterno**. Gn 21.33 e Is 40.28 (El Olam) – indica imutabilidade.
- **Senhor**. Dt 10.17; Js 3.11-13 (Adonai) – Dono, Governador.
- **SENHOR**. Êx 3.1-4,14-15; (YAHWEH) – EU SOU – Deus Redentor, Deus da aliança, imutável, cheio de graça, eterno, Deus da libertação; etc.

Deste nome saem outros nomes compostos:

Iavé Jireh = “O Senhor proverá” Gn 22.14;

Iavé Mecadishkem = “O Senhor que vos santifica” Ex 31.13

Iavé Nissi = “O Senhor é minha bandeira” Ex 17.15;

Iavé Rohi = “O Senhor é o meu pastor” Sl 23.1;

Iavé Shalom = “O Senhor é paz” Jz 6.24; e tantos outros.

Iavé Tsidkenu = “O Senhor nossa justiça” Jr 23.6

Iavé Shamah = “O Senhor está ali” Ez 48.35

Iavé Elohim Israel = “O Senhor, Deus de Israel” Jz 5.3; Is 17.6.

No Novo Testamento também encontramos outros nomes de Deus:

- **Deus.** Jo 10.34; 1 Co 1.18-24 (Theós) – palavra comum para Deus.
- **Senhor**. Lc 10.2,17; Fp 2.11; 2 Co 3.17-18 (Kyrius).
- **Pai**. Ef 1.3; Jo 5.17-23; Gl 4.6 (Páter).

Podemos conhecer a Deus não simplesmente pelos seus nomes, mas também por aquilo que ele revela sobre seu ser através de seus atributos[10] e por seus atos. Vejamos:

---

[10] Atributos são qualidades, virtudes ou propriedades essenciais de um ser ou de uma pessoa. No caso de Deus, atributos são qualidades essenciais reveladas nas Escrituras ou deduzidas através dos seus atos. Existem vários tipos de classificações dos Atributos de Deus e o mais conhecido divide os atributos em Incomunicáveis – atributos que só Deus possui e o distinguem como Deus; e Comunicáveis – atributos que foram compartilhados com os homens em grau infinitamente menor (criados a imagem e semelhança) e que foram afetados pelos efeitos do pecado sobre este homem. Para maior esclarecimento sobre os Atributos de Deus que serão estudados de maneira simples aqui, cf. Arthur W. PINK; *Los Atributos de Dios*, Barcelona, El Estandarte de la Verdad, 1997, 132 p.

- Ele é o único Deus vivo e verdadeiro. Dt 6.4; I Co 8.4,6; I Ts 1.9; Jr 10.10.

- Ele é Espírito. Jo 4.24; Dt 4.15,16.

- Ele é infinito em seu ser e perfeições. Jr 23.24; Sl 147.5; I Rs 8.27; Êx 3.14.

- Ele não tem corpo, membros ou paixões. Dt 4.15,16; 2 Cr 2.6.

- Ele é invisível. I Tm 1.17

- Ele é imutável[11]. Tg 1.17; Ml 3.6; Pv 19.21;

- Ele é eterno. Sl 90.2; I Tm 1.17.

- Ele é insondável. Rm 11.33; Sl 145.3; Sl 139.6.

- Ele é onipotente. Ap 4.8.

- Ele é onisciente. Hb 4.13; Sl 139.1-4.

---

[11] Dizer que Deus é imutável não significa dizer que Deus é um ser estático. Ele é imutável em relação a: sua natureza, seus atributos, seus decretos e suas promessas. Porém, "*Deus muda de atitude quando as suas promessas, por exemplo, são condicionadas à obediência dos seres humanos"* – cf. Heber Carlos de CAMPOS; *O SER DE DEUS E SEUS ATRIBUTOS*. São Paulo, Cultura Cristã, 1999, pp. 190-191. Outro assunto referente a esta aparente mudança em Deus refere-se a textos que afirmam que houve arrependimento em Deus (Gn 6.5-6; Ex 32.10-14; Jr 18.8,10; 26.13; Jn 3.9,10,4.2; Am 7.1-3). Isto na verdade é uma tentativa de atribuirmos um "sentimento humano" a Deus, chamado de *antropopatismo*. Cf. Nm 23.19; Sl 110.4.

- Ele é onipresente. Jr 23.24; Sl 139.7-12.

- Ele é santíssimo. Is 6.3; Ap 15.4;

- Ele é todo-suficiente. Is 44.6; At 17.24,25.

- Ele faz tudo segundo o conselho da sua vontade, que é reta e imutável, para sua própria glória. Sl 115.3; Ef 1.11; Rm 11.36; Ap 4.11.

- Ele é cheio de amor. I Jo 4.8-10.

- Ele é gracioso, misericordioso, longânimo, muito bondoso e verdadeiro galardoador dos que o buscam. Êx 34.6; Lm 3.22; Hb 11.6.

- Ele é justíssimo e terrível em seus juízos. Ne 9.32,33; Dt 32.4; Sl 145.17.

- Ele é avesso ao pecado. Êx 34.6,7; Na 1.2,3

- Ele é o criador. Gn 1.1,26-28; 2.1.

- Ele é trino[12]. Mt 3.16,17; 28.19; II Co 13.13; Jo 1.1; 17.24; 15.26; At 5.3,4; Gl 4.6; Hb 1.5,6.

---

[12] Quando falamos sobre a Trindade (*este termo não aparece nas Escrituras*), estamos diante de uma das doutrinas bíblicas mais incompreensíveis da revelação. Billy Graham disse: *"Explicar e ilustrar a Trindade é uma das tarefas mais difíceis que se pode dar a um cristão"*. Cf. Billy GRAHAM; *O Espírito Santo – Ativando o Poder de Deus em Sua Vida*, São Paulo, Vida Nova, 1980, p. 20. Diria que além de difícil, seria impossível explicar ou ilustrar. Algumas tentativas foram feitas, contudo, sem muito sucesso (ex. Água no estado sólido, líquido e gasoso – não é satisfatório pois a

COMO POSSO SABER A VONTADE DE DEUS?

Tenho comigo que este assunto é um dos mais importantes para a carreira cristã. Pois, se nos desviarmos apenas 0,1º do centro da vontade de Deus, já não mais estaremos no centro da sua vontade. Os navegadores sabem bem o que é isto.

Em relação à vontade de Deus, não basta ter boa vontade, é preciso real obediência. Temos vários exemplos bíblicos que referendam esta verdade dita. Quando olhamos para a história de Nadabe e Abiú (Levítico 10.1-7), vemos dois sacerdotes com a boa intenção de se apresentarem ao SENHOR, sem o pedido explícito deste. Como nos diz o relato bíblico, Deus não aceitou a aparente boa intenção deles que confrontava com Sua vontade e os consumiu com fogo. O caso foi tão sério que nem o lamentar por Nadabe e Abiú foi permitido (v. 6).

Outro exemplo seria o de Uzá (2 Samuel 6.1-7). Aqui vemos, num momento de festa e júbilo pelo retorno da Arca da Aliança, o povo de Israel na boa

---

água não pode estar nos três estados ao mesmo tempo). Mas, apesar de não podermos explicar, pois se trata de um mistério, podemos conhecer; e isto é a única parte que nos cabe. Sendo assim, podemos conhecê-la, conforme nos revela e ensina a própria Bíblia, descrita na CFW: ***Existe um só Deus (Dt 6.4; Mc 12.29), que subsiste em "três pessoas de uma mesma substância, poder e eternidade (Mt 3.16-17, 28.19; 2 Co 13.13),a saber, Deus o Pai (Dt 6.4; Jo 17.24), Deus o Filho (Jo 1.1; Mt 3.17) e Deus o Espírito Santo (Jo 15.26; At 5.3,4). O Pai não é de ninguém – não é gerado, nem procedente; o Filho é eternamente gerado do Pai (Jo 1.14,18); o Espírito Santo é eternamente procedente do Pai e do Filho (Gl 4.6; Jo 15.26)".*** Cf. A Confissão de Fé de Westminster, São Paulo, Cultura Cristã, 1997, p. 17. Billy GRAHAM; *op. cit.*, pp. 20-23.

intenção de trazer logo a Arca para Jerusalém, não se atentou para a vontade explícita de Deus referente ao modo de transporte da Arca (Êxodo 37.1-5; Números 4.4-5e15). Para evitar que a Arca caísse do carro que a estava transportando, Uzá, na boa intenção, segurou a Arca e "por esta irreverência" morreu.

Poderíamos ainda citar o relato sobre Pedro, quando diante da revelação da missão terrena de Jesus se adiantou dizendo que Cristo não padeceria (Mateus 16.21-23). Ele teve boa intenção em dizer isto; significava que ele não queria que Jesus sofresse, mas isto significava também ir contra os planos, ou melhor, a vontade de Deus. Diante dessa situação, Jesus, de modo claro, disse a Pedro: *"Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das cousas de Deus e sim das dos homens"*.

Sendo assim, podemos afirmar que diante da vontade de Deus, ter boa intenção não tem valor algum; precisamos conhecer, amar e obedecer a Sua vontade para então estarmos de fato agradando a Deus e sermos alvos das bênçãos provenientes da obediência.

Agora, para entrarmos propriamente no assunto em questão, leiamos alguns textos bíblicos: Colossenses 1.9-10; Efésios 5.17 e Romanos 12.1-2.

Uma das questões que levantamos, quando reconhecemos o chamado de Deus e entramos em contato com aquilo que Ele mesmo nos revelou de Si, e vemos que nosso dever para o nosso próprio bem é fazer a Sua vontade, é: como posso saber a Vontade de Deus?

Isso surge ou quando estamos procurando direção sobre um problema momentâneo, ou em uma questão relevante para o resto da vida, enfim, em qualquer situação esta questão sempre estará em nossa mente.

Esta pergunta poderia, de uma forma simplista, ser respondida assim: através da própria revelação de Deus, a saber, a Bíblia.

Parece fácil, mas notamos logo de início que a Bíblia fala da vontade de Deus de mais de uma maneira.

Portanto, para chegarmos a uma resposta, devemos dividir o estudo da vontade de Deus em três partes[13] a saber, vontade Decretiva, Preceptiva e de Disposição. Vejamos:

A vontade Decretiva de Deus.

Esta é a vontade pela qual Deus **decreta** que as coisas aconteçam de acordo com Sua suprema soberania. E a própria soberania de Deus assegura que esta vontade seja sempre cumprida. Portanto, algumas vezes encontramos esta vontade sendo chamada de "vontade soberana e/ou eficaz de Deus".

Como já dissemos, esta vontade é sempre cumprida, nada pode impedir que aconteça.

Observemos o exemplo dado por R. C. Sproul em seu Livro "Discípulos hoje", pág. 148:

"Quando Deus ordenou que a luz brilhasse, as trevas não tiveram poder para resistir ao comando. As 'luzes' vieram. Este é o 'conselho determinado' de Deus, de que fala a Bíblia. Deus não persuade a luz a brilhar. (...)"

---

[13] R. C. SPROUL; *DISCÍPULOS HOJE*. São Paulo, Cultura Cristã, 1998, pp. 143-162.

Deus simplesmente decretou de modo absoluto e seus efeitos foram eficazes.

Outros exemplos: as demais obras da criação; o plano de salvação; a morte e ressurreição de Jesus Cristo, etc...

Crer na vontade decretiva de Deus não é acreditar num determinismo, onde tudo já está decretado e o homem é apenas um robô. O homem possui sua vontade, no seu agir, escolher e responder; e é responsável pelos seus atos provenientes do seu querer. Mas, *"há um Deus que é soberano e cuja vontade é maior que a minha. Sua vontade restringe a minha vontade. Minha vontade não pode restringir Sua vontade. Quando ele decreta algo soberanamente, isso acontecerá – quer eu goste ou não, quer eu escolha ou não. Ele é soberano. Eu sou subordinado."*[14]

A vontade Preceptiva de Deus

Como já vimos, a vontade decretiva de Deus é a sua vontade sendo manifesta pelos seus decretos.

Já a vontade preceptiva é a vontade de **preceitos** de Deus. Ela é encontrada na Lei. Os preceitos, estatutos e mandamentos que Ele entrega a Seu povo consistem na vontade preceptiva. Essa vontade nos direciona para o que é certo e próprio para nós fazermos. Esta vontade pode e é desobedecida a cada dia por nós.

Mais uma vez observe os exemplos dados por Sproul, pág. 149: *"É a vontade de Deus que não pequemos; que não tenhamos outros deuses diante Dele; que amemos nosso próximo como a*

---

[14] Idem, Ibidem.

nós mesmos; que refreemos de roubar, cobiçar, e cometer adultério. Ainda assim o mundo está cheio de idolatria, ódio, roubos, cobiças e adultérios. Aqui a vontade de Deus é violada. A lei é quebrada."

Em relação a esta vontade de Deus, ou seja, a preceptiva, somos ativos e, portanto, responsáveis por cumpri-las e prestaremos contas por não obedecê-la.

Aqui podemos dizer que a segurança que como crentes temos sobre a vontade decretiva de Deus deve nos impulsionar a ter uma vida de obediência à vontade preceptiva.

A vontade de Disposição de Deus

Este aspecto da vontade de Deus refere-se ao que é prazeroso e agradável a Ele. Esta é aquela vontade que Ele nem decretou, nem deu preceito sobre. Um exemplo para ilustrar esta vontade está em 2 Pedro 3.9, quando diz que o Senhor não quer que ninguém pereça, no sentido em que Ele não tem uma disposição interior nem prazer nisso. Em outra passagem vemos que Deus não tem prazer na morte do ímpio.

Com isso, temos uma noção básica sobre a vontade de Deus, mas mesmo dentro dessas três divisões, outra distinção deve ser feita. Em relação à vontade de Deus, podemos subdividi-la em: vontade secreta, ou oculta e vontade revelada. Vejamos:

Vontade secreta de Deus está encoberta sob a vontade decretiva de Deus porque, na maior parte, permanece escondida para nós. Aqui relembramos que só sabemos de Deus aquilo que Ele mesmo revelou de si nas Escrituras. Exemplo:

não sabemos o dia, nem ano em que o Senhor Jesus virá, mas sabemos que ele virá, pois, Deus já o decretou.

Vontade revelada de Deus é tudo aquilo que Ele nos revelou em sua Palavra.

Uma vez então, tendo uma noção básica, podemos então procurar a resposta para nossa questão: Como posso saber a Vontade de Deus?

Como vimos, através da Bíblia temos a vontade revelada de Deus para nós. A Bíblia nos revela a vontade preceptiva em várias questões, mas há outras questões sobre os planos de Deus para a nossa vida que, por hora, estão escondidas de nós. Como então eu sei a vontade de Deus para minha vida?

Primeiramente, para responder esta pergunta, devo rever minha situação diante de Deus; devo me submeter a Deus; orar a Ele; conversar com alguém mais maduro na fé e confiar que Deus irá me mostrar sua vontade.

Há algumas coisas que você pode perguntar a si mesmo, que podem ajudá-lo bastante nessas questões do dia-a-dia. Veja[15]:

1 – "É legítimo o que eu quero fazer?" Se vai contra os preceitos de Deus, você já tem a resposta.

2 – "Traz edificação para mim o que quero fazer?" Ou seja, melhora minha vida com Jesus, com as outras pessoas, me dá maturidade? I Co 10.23.

---

[15] Extraído de: Heber Carlos de CAMPOS; *op cit.*, pp. 377-379.

3 – “Será de grande ajuda para os outros o que quero fazer?” O egoísmo é condenado. I Co 10.24; 33.

4 – “Há perigo de me tornar escravo do que quero fazer?” Há certas coisas que não são más em si mesmas, mas é possível que você comece a fazê-las e depois não consiga mais parar. I Co 6.12

5 –“Traz glória para Deus o que quero fazer?” Este é o objetivo principal. I Co 10.31

Depois de submeter sua dúvida quanto à vontade de Deus sobre o assunto que lhe perturba a essas questões acima e estar certo da vontade de Deus para sua vida, pratique a vontade de Deus! (Lc 12.47)

SOBRE O HOMEM

"Criou Deus, pois o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou". Gênesis 1.27

COMO SURGIU?

Na história da humanidade há inúmeras teorias quanto ao surgimento do homem. Mas apenas uma ganhou grande repercussão, a saber, o Evolucionismo. Essa teoria de Charles Darwin (1809-1882) diz que o homem é fruto de uma evolução como todas as outras coisas, e apresenta alguns pontos para tentar fundamentar sua teoria; porém não chega a todas as respostas.

Lembremos que teoria é uma hipótese que não foi comprovada, portanto não deve ser considerada como verdade e muito menos como a verdade absoluta, mas somente como uma teoria.

Para os cristãos a resposta é clara: para nós o homem surgiu devido à criação de Deus (Gn 2.7)[16]. Não é uma teoria, é a própria revelação de Deus. Mas, para muitos, que fogem da sua própria natureza que indica a existência do Deus criador, essa afirmação cristã é uma história, é um

---

[16] Na CFW temos um capítulo específico sobre a Criação que diz: *"Ao princípio aprouve Deus o Pai, o Filho, e o Espírito Santo, para manifestação da glória de seu eterno poder, sabedoria e bondade, criar ou fazer do nada, no espaço de seis dias, e tudo muito bom, o mundo e tudo o que nele há, quer as coisas visíveis quer as invisíveis (Gn 1; Rm 11.36; Hb 1.2; Jo 1.2,3; Rm 1.20; Sl 104.24; Jr 10.12; At 17.24; Cl 1.16; Ex 20.11; etc)".* Cf. A Confissão de Fé de Westminster, *op. cit.*, pp. 25-28.

ficcionismo, ou seja, apenas uma ficção. Mas, **no mínimo**, estes deveriam olhar para o criacionismo também como uma teoria pois,de igual modo, a "*ficção"* do evolucionismo assim é vista; pelo menos até estudarem de modo profundo a revelação de Deus.

Agora, como já dissemos, independente desses que questionam o criacionismo, para o cristão não há dúvida:

> *"Depois de haver feito as outras criaturas, Deus criou o homem, macho e fêmea (Gn 1.27), com almas racionais e imortais (Sl 8.5,6; Ec 12.7; Mt 10.28; Lc 23.43), e dotou-os de inteligência, retidão e perfeita santidade, segundo a sua própria imagem (Gn 1.26), tendo a lei de Deus escrita em seus corações (Rm 2.14,15) e o poder de cumpri-las, mas com a possibilidade de transgredi-la, sendo deixados à liberdade de sua própria vontade, que era mutável (Gn 2.16,17)."* CFW cap. IV – II.

QUAL A ESSÊNCIA DO HOMEM?

Uma questão que parece secundária, mas que acaba influenciando em questões de importância maior na teologia, é sobre a essência do Homem (genérico). Existem basicamente duas linhas de pensamento: tricotomia e dicotomia.

Para os tricotomistas, o homem foi criado e possui sua essência dividida em três partes, a saber: corpo, alma e espírito. Utilizam-se de alguns textos bíblicos para fundamentarem seu pensamento, como (Hb 4.12 e 1 Ts 5.23); apesar

de que a influência helenística (grega) é a grande base para este pensamento.

Para os dicotomistas, o homem foi criado tendo como essência: corpo e alma, onde alma[17] é sinônimo de espírito e vice-versa. Textos como Gn 2.7; Ec 12.7; Mt 10.28 servem como base desse pensamento, que negam a base tricotomista, mostrando que o texto de Hebreus trata da supremacia da Palavra de Deus e que o texto de 1 Tessalonicenses trata sobre a necessidade de uma santificação total num contexto de pessoas que eram helenistas (influência grega) e não falam nada sobre a essência do homem.

Para os reformados (calvinistas) o pensamento dicotomista é o que realmente expressa a revelação bíblica sobre a essência do homem. Calvino disse: *"Que o homem é composto de duas partes, a alma e o corpo, não se pode duvidar. Sobre a alma, eu entendo ser uma essência imortal, e, ainda que criada, é a parte*

---

[17] Sobre a origem a respeito da alma, temos várias teorias. **Criacionismo** – afirma que Deus cria uma alma para cada indivíduo no momento em que é gerado. Esbarra no fato da obra da criação já ter sido terminada. **Preexistencialismo** – a alma de cada pessoa já existe antes que seu corpo fosse formado. Baseia-se no fato de que a obra da criação já fora realizada de uma vez por todas. E, **Traducionismo** – afirma que a alma é gerada junto com o corpo, como se fosse uma informação genética, ou seja, é transmitida pelos pais aos filhos. Usam como exemplo a criação de Eva. Porém, apesar dessas teorias, nenhuma delas consegue afirmar categoricamente suas teses, o que faz desse assunto algo sem uma definição; faz parte daquilo que não foi revelado. Para conferir melhor cada teoria, argumentos em favor e objeções, veja: Louis BERKHOF; *Teologia Sistemática*, Campinas, Luz para o Caminho, 1990, pp. 196-201.

mais nobre do homem. Algumas vezes na Escritura é chamada de espírito".[18]

O HOMEM PERMANECEU NO ESTADO EM QUE FOI CRIADO?

Infelizmente, a resposta é não! Quando o homem foi criado por Deus, além dos preceitos escritos em seu coração, *"receberam o preceito de não comer da árvore da ciência do bem e do mal (Gn 2.16,17); enquanto obedeceram a este preceito, foram felizes em sua comunhão com Deus e tiveram domínio sobre as criaturas (Sl 8.6-8)".*[19] (pacto de obediência)[20].

Mas *"nossos primeiros pais, seduzidos pela astúcia e tentação de Satanás, pecaram ao comerem o fruto proibido (Gn 3.13)".*[21] Isto debaixo da permissão de Deus para a sua própria glória.

Devido a este pecado, eles perderam a retidão original e a comunhão com Deus, e conseqüentemente se tornaram mortos em pecado (Rm 5.12; Ef 2.3) e totalmente corrompidos em todo o seu ser (Gn 6.5). E por eles serem nossos primeiros pais e conseqüentemente, nossos

---

[18] Juan CALVINO; *Institución de la religión cristiana*, Barcelona, FELiRé, 1994. Vol. 1, p. 114.

[19] Cf. *A Confissão de Fé de Westminster*, *op. cit.*, p. 26.

[20] Pacto das Obras ou da Obediência, ou ainda Aliança das Obras – termos teológicos para a aliança que Deus estabeleceu com o homem na criação, exigindo-lhe obediência (Gn 2.16,17). Com a desobediência o homem quebra tal aliança e recebe, de modo justíssimo, a conseqüência, ou seja, a morte, ou separação espiritual de Deus. Para maiores detalhes cf. O. Palmer ROBERTSON; *O Cristo dos Pactos*, São Paulo, Luz para o Caminho, 1997, 275 p. cf. também: *A Confissão de Fé de Westminster*, *op. cit.*, *pp.41-47.*

[21] *Idem. Ibidem*,. p. 36.

representantes legais, o seu delito foi imputado em cada um de seus filhos, ou seja, todos os homens (At 17.26; Rm 5.12,15-19; I Co 15.21-22, 45,49). Assim, a mesma condição de morte e corrupção está sobre nós (Rm 3.10-12).

QUAL A SITUAÇÃO DO HOMEM HOJE?

O homem nasce na iniqüidade (Sl 51.5) e nessa corrupção ele permanece, ou seja, o homem está morto (separado) para Deus, do mesmo modo em que Adão e Eva ficaram quando pecaram; o homem está em um estado de depravação total. Esse homem é inclinado para o que é mal, e sendo assim, ele não tem condições de retornar ao estado original ou se arrepender e buscar a Deus.

Sabemos que Adão e Eva, criados de modo reto, tinham o livre arbítrio[22] dado por Deus para escolher, ou seja, conhecer aquilo que não lhes pertencia. Com a queda, o homem perde o que entendemos por livre arbítrio[23], pois não consegue deixar seu estado atual e ir para outro que é diferente da sua realidade. Pergunta: você que pensa ter livre arbítrio, por que não deixa de pecar a partir de hoje até o último dia de sua vida? Sabe por quê? Porque você não tem livre arbítrio. Hoje você age de acordo com aquilo que você é, ou seja,

---

[22] J. CALVINO afirma: *"Quando o homem gozava da integridade* (moral) *tinha Livre Arbítrio, com o qual, se quisesse, podia alcançar a vida eterna".* Cf. Juan CALVINO; *op. cit.*, p. 123.

[23] Para outras fontes que afirmam sobre a perda da Livre Arbítrio num sentido de liberdade plena de escolha, após a Queda, veja: R. C. SPROUL; *Eleitos de Deus*, São Paulo, Cultura Cristã, 1998, pp. 47-65.

conhecedor do bem e do mal, ou em outras palavras, pecador.

O atuar do homem natural somente o conduz mais para a transgressão. Ele está cego para a luz, surdo para a salvação e mudo para pedir qualquer tipo de ajuda.

Ele está inteiramente pervertido em seu pecado, corrompido totalmente, danificado por completo, e por si só não consegue achegar-se a Deus.

Ele está: morto (Rm 5.12); cativo (2 Tm 2. 25-26); cego e surdo (Mc 4. 12; Jo 12. 40); ignorante ao seu estado deplorável (1 Co 2. 14).

Portanto, todos os homens e mulheres sem exceção estão no caminho da perdição eterna, devido a sua escolha contrária à vontade de Deus.

O pecado trouxe com ele uma dívida muito grande para com Deus, com o qual o homem é incapaz de acertar sua conta; e por isso ele padece, de forma justa, a conseqüência de sua dívida, ou seja, a condenação/inferno.

HÁ SOLUÇÃO PARA O HOMEM DECAÍDO?

Vemos que a solução seria pagar a dívida que ele tem para com Deus. Sabemos que ela é muito grande e o homem não tem como quitá-la. Mesmo porque, como já vimos, ele está ignorante de sua dívida, de seu pecado e conseqüentemente de seu estado. E por isto não tem condições, por si só, de mudar sua realidade espiritual.

Mas sabemos que existem algumas pessoas que, segundo a revelação, estão justificadas. Como isto aconteceu? Se elas não possuem nada em si próprias para se justificarem, nem ao menos têm

condições de pedir ajuda, ou até mesmo de aceitar ajuda de outrem?

Só podemos chegar a uma conclusão: se há alguma solução para o homem, e sabemos que há, essa não vem dele próprio e muito menos de qualquer esforço, por menor que seja, realizado por ele. Este depende de alguém. Porém, este alguém não pode ser pecador, ou seja, estar em dívida com Deus!

SOBRE CRISTO, O MEDIADOR

"...Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles" Mateus 1.21

POR QUE SE PRECISA DE UM MEDIADOR?

Vimos na aula sobre o homem, que ele não permaneceu no estado em que foi criado (Gn 3.22,23), caiu no pecado, conseqüentemente perdeu seu livre arbítrio e assim permanece em seu estado de miséria e separação de Deus.

O homem está totalmente depravado, morto espiritualmente, incapaz de quitar sua dívida com o Deus criador.

Logo, todos estão carentes e condenados à morte eterna. E Deus continua sendo justo em deixar o homem em seu estado de queda. Sua justiça nunca é manchada, pois foi o próprio homem que utilizou a sua liberdade escolhendo o que era mau.

Essa escolha custou-lhe a vida com Deus; este homem está perdido em seu pecado, sem condição alguma de reconhecer sua situação, sair dela ou até mesmo pedir ajuda. Somente um mediador correto pode pagar a dívida e tirar o homem dessa situação de miséria e morte.

TODOS IRÃO PARA O INFERNO?

Mesmo sabendo que Deus continuaria sendo justo, permitindo que o homem caído permaneça

nesse estado e receba em si a punição pelo pecado, *"Ele aprouve em seu eterno propósito escolher e ordenar o Senhor Jesus, seu Filho unigênito, para ser o Mediador entre Deus e o homem."*[24] (Is 42.2; 1 Pe 1.19-20; 1 Tm 2.5; Jo 3.16).

Jesus além de Mediador, também é o:

Profeta – Dt 18.15; At 3.20-22;

Sacerdote – Hb 5.5-6;

Rei – Is 9.6-7; Sl 2.6;

Cabeça e Salvador da Igreja – Lc 1.33; Ef 5.23;

Herdeiro de todas as coisas – Hb 1.2;

Juiz do mundo – At 17.31; 2 Co 5.10;

Assim sendo, Deus deu a Jesus, desde toda a eternidade, um povo para ser sua semente (Jo 17.6; Ef 1.4; Jo 6.37-39, etc) e para, no tempo devido, ser por ele remido, chamado, justificado, santificado e glorificado (Rm 8.30; Mc 10.45; 1 Co 1.30; 1 Tm 2.5,6)[25].

Logo, nem todos permanecerão na condenação/inferno, pois Deus, em seu grande amor e para a sua glória, escolheu alguns dentre os caídos para resgatá-los, sendo que o motivo da escolha está totalmente em Deus e de maneira nenhuma no homem (Rm 9.11-16).

QUEM É JESUS, O MEDIADOR?

Jesus é o Filho de Deus, a segunda pessoa da Trindade, sendo verdadeiro e eterno Deus, da mesma substância do Pai e igual a Ele, e que no

---

[24] *A Confissão de Fé de Westminster*, *op. cit.*, p. 47.

[25] *Idem. Ibidem*,. p. 47-56.

cumprimento do tempo se encarnou (Jo 1.1,14; 1 Jo 5.20; Fp 2.6; Gl 4.4; Hb 2.14). ou seja, Jesus é um ser teantrópico, 100% homem, 100% Deus.

Ele se tornou carne com todas as suas propriedades essenciais e enfermidades comuns, contudo, sem pecado (Hb 2.17; 4.15). Portanto, é verdadeiro Deus e verdadeiro homem (Rm 1.3-4), porém um só Cristo, o único mediador (1 Tm 2.5).

POR QUE ELE ESTÁ APTO PARA SER O MEDIADOR?

Primeiro porque é Deus-homem (*teantrópico)*, depois porque vemos que:

Foi santificado (separado) e ungido pelo Espírito Santo – Lc 4.18,19,21; At 10.38.

Tem em si os tesouros da sabedoria e da ciência – Cl 2.3,17.

Nele habita a plenitude – Cl 1.19.

Ele é santo, inocente, incontaminado e cheio de graça e verdade – Hb 7.26; Jo 1.14.

Recebeu esse ofício do Pai – Hb 5.4,5.

Foi autorizado pelo Pai – Jo 5.22,27; Mt 28.18.

COMO ELE CUMPRIU SEU OFÍCIO?

Primeiramente, vemos que o Senhor Jesus agiu voluntariamente, conforme Fp 2.5-8, mas para cumprir seu ofício de Mediador, Ele:

Fez-se sujeito à Lei – Gl 4.4.

Cumpriu a Lei perfeitamente – Mt 3.15; Jo 17.4.

Padeceu em sua alma – Mt 26.37-38.

Sofreu os mais cruéis tormentos – Mt 26. 50,67,68; Mt 27.2,26-31.

Foi crucificado e morreu – Fp 2.8.

Foi sepultado, mas não viu corrupção – At 13.37.

Ressuscitou dentre os mortos – 1 Co 15.4.

Subiu ao céu e está assentado à destra do Pai – At 1.9; 2.33-36.

Voltará para julgar os homens e os anjos – Mt 16.27; 2 Tm 4.1.

POR QUEM CRISTO CUMPRIU SEU OFÍCIO?

Sabemos que Cristo não morreu por todos, pois se assim fosse, todos seriam salvos, mas Ele cumpriu seu ofício somente pelos eleitos. Assim, dizemos que Cristo satisfez plenamente a justiça de seu Pai (Rm 5.19; Hb 10.14) somente por aqueles que o Pai lhe deu (Ef 1.11,14; Jo 17.2; Rm 5.10-11; Hb 9.12,15), reconciliando-os com Ele e assegurando herança no Reino dos céus (Ap 13.8; Jo 10.16; Jo 6. 37,39).

Mas e os textos que falam que Deus amou o "mundo" (Jo 3.16), que Jesus é a propriciação pelos pecados do "mundo inteiro" (1 Jo 2.2)?

Para explicar estas passagens, dentre outras, primeiramente devemos entender o uso do termo *"mundo"* nas páginas da Bíblia, em especial no Novo Testamento. Nem sempre ele é usado como expressão de totalidade sem exceção. Por exemplo: João 12.19 – será que todas as pessoas do mundo, daquela época, estavam seguindo a Jesus? Claro que não!

Utilizamos deste método ainda hoje. Quando ouvimos no noticiário "Na última reunião da ONU

todo mundo estava lá"; isto significa dizer que todas as pessoas do mundo, sem exceção, estavam presentes na reunião? Não! Mas que o mundo, representado por indivíduos ou comissões de todos os povos ou nações, estava na reunião.

No texto de João 3.16, a divisão feita pelo título *A missão do filho* (acrescido posteriormente em nossa tradução) serve para quebrar uma seqüência quando lemos toda a perícope, e isto é ruim. É importante lembrar que o verso 16 ainda faz parte de uma conversa particular entre Jesus e Nicodemos, este era fariseu, principais dos judeus. É para ele, inicialmente, que Jesus afirma o verso 16. Isto ocorre pelo fato de Nicodemos ser judeu, filho de Abraão, conhecedor da lei e por pensar que a salvação seria apenas para os descendentes de Abraão, ou seja, apenas para a nação judaica. E a afirmação de Jesus neste contexto faz sentido quando ele diz que, na visão de Deus, a salvação é para todas as nações, ou seja, para o mundo e não somente para os descendentes de Abraão ou judeus. Porém, isto não significa afirmar que todas as pessoas do mundo sem exceção serão salvas.

Textos como Mt 25.34; Jo 17.7,9-10,24; Rm 8.31-33; Ap 7.9 demonstram que o entendimento de mundo, num contexto para aplicação da obra de Cristo, não pode significar todas as pessoas sem exceção.

No caso de 1 João 2.2, temos que identificar os destinatários (crentes da região da Ásia Menor - historicamente). Logo, quando João afirma que Jesus não morreu apenas pelos "nossos" pecados (referindo-se aos pecados dos destinatários primários, mais o seu próprio pecado), mas pelos do mundo inteiro, significa que os crentes de outras

regiões e tempos também tiveram seus pecados perdoados em Cristo. Simplesmente isso.

Mas vamos supor que Jesus Cristo morreu por todos, por todas as pessoas do mundo. Pergunto:

1) Deus quer salvar a todos?
2) Todos serão salvos?
3) Então, Deus não tem poder para salvar a todos?
4) Logo, Deus tem poder para salvar a todos?
5) Mas, todos vão para o céu?
6) Por que então nem todos serão salvos?

Simples, apesar de difícil de aceitar. É porque Deus, em sua vontade suprema não quis salvar a todos (Rm 9.6-24), mesmo não tendo prazer na morte do ímpio.

SOBRE A SALVAÇÃO

"E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos (Jesus)." Atos 4.11-12

Já vimos que Deus, o criador, é soberano e fez tudo para sua própria glória. Fez com o homem um pacto de obediência e também deu liberdade a este homem. Debaixo desta liberdade, o homem escolheu o contrário à ordenança de Deus.

Assim, o homem tornou-se culpado, separado e com uma dívida muito grande para com Deus, dívida esta que ele não tem como pagar e por isso recebeu justa punição. Porém Deus, em seu amor, de forma voluntária agradou-se em expressar em seu pacto a sua graça, oferecendo aos pecadores a vida e a salvação através de Jesus Cristo, exigindo deles a fé para que sejam salvos. Jo 3.16; At 16.30-31.

COMO AS PESSOAS ERAM SALVAS NO VELHO TESTAMENTO?

No tempo da Lei, ou seja, do Velho Testamento, o pacto foi administrado por meio de promessas, profecias, sacrifícios, da circuncisão, do cordeiro pascal e de outros tipos e ordenanças, mas tudo prefigurando o Messias, ou seja, Jesus Cristo que haveria de vir (Gn 3.15; Rm 4.11).

Assim, as pessoas no VT eram salvas pela crença no Messias (Jesus) que haveria de vir,

enquanto hoje, somos salvos mediante a fé no Jesus que já veio uma primeira vez.

SOB O NOVO TESTAMENTO, COMO O PACTO É ADMINISTRADO?

Sob o Evangelho, a administração do pacto passou a ser pela:

Pregação da Palavra;

Administração dos sacramentos do Batismo e da Ceia do Senhor.(Cl 2.17; Mt 28.19-20; 1 Co 11.23-25).

COMO A SALVAÇÃO É APLICADA NO HOMEM?

Deus é quem aplica a salvação em todos aqueles que Ele predestinou para a vida, chamando-os eficazmente pela Sua Palavra e pelo Seu Espírito, no tempo por Ele determinado e aceito, tirando-os daquele estado de pecado e morte e transportando-os para a graça e a salvação em Jesus (Rm 8.30; 11.7; 8.2; 2 Ts 2.13-14; 2 Tm 1.9-10)[26].

Isso Ele faz:

Iluminando os seus entendimentos no campo espiritual e para a salvação (At 26.18; 1 Co 2.10-12).

Tirando-lhes os seus corações de pedra e dando-lhes corações de carne (Ez 36.26; 11.19-20).

Renovando as suas vontades e determinando-as, pela sua onipotência, para aquilo que é bom (Ez 36.27; Fp 4.13; Dt 30.6).

---

[26] Cf. CFW, *op. cit.*, pp. 60-63.

Atraindo-os eficazmente a Jesus Cristo de maneira que eles venham mui livremente (Jo 6.44,45).

O QUE O HOMEM FAZ PARA SER SALVO?

Como já vimos em outra aula, o homem está separado de Deus.

Isso significa que está morto espiritualmente e incapaz de fazer qualquer coisa para ser salvo.

A Salvação é obra exclusiva de Deus e provém unicamente de Sua livre e especial graça (Ef 2.8), e não de qualquer coisa prevista no homem (2 Tm 1.9; Tt 3.4-5; Rm 9.11;).

O homem é inteiramente passivo quanto à salvação até ser vivificado e renovado pelo Espírito Santo (1 Co 2.14; Rm 8.7-9; Ef 2.5), e somente após isto fica habilitado a corresponder à salvação e a receber a graça nela oferecida e comunicada (Jo 5.25).

A partir desta ação divina, o homem, segundo sua livre agência (conhecimento do bem e do mal), consegue demonstrar e agir de modo livre em prol do favor imerecido de Deus, recebido por meio da obra redentora de Cristo Jesus, através de uma postura de arrependimento, fé, gratidão e compromisso com Deus, Sua Palavra e Seu Reino.

A FÉ PRODUZ OU É O FRUTO DA ELEIÇÃO?

Se considerarmos a fé como nascida do homem e como o que produz a salvação, estaremos dizendo que a salvação é devida a algo previsto no homem, ou seja, que devido à fé que o homem possui, ele foi eleito para a vida. Isso é uma

inverdade! A fé não produz a eleição, pelo contrário, é fruto da eleição.

Somente possuirá a fé para a salvação aquele que antes foi eleito por Deus, porque a fé também vem de Deus (At 3.16; 13.48; 14.27; 16.14; 18.27; Rm 12.3; Gl 5.22).

A CFW diz: *"A graça da fé, por meio do qual os eleitos são habilitados a crer para a salvação das suas almas, é obra que o Espírito de Cristo faz nos corações deles,...".*[27](1Co 12.3; Ef 2.8; Hb 12.2).

Mas o que falar dos textos que apresentam a eleição como conseqüência da pré-ciência de Deus, ou de conhecimento de antemão (Rm 8.29 e 1 Pe 1.2)? Isto não indica que Deus viu uma predisposição no homem para crer? Será?

Para respondermos tal questão, primeiramente precisamos recorrer ao entendimento sobre o termo "conhecer" na Bíblia. Em muitas passagens ele é usado como *eufemismo*[28], por exemplo: na Edição Corrigida no texto de Gênesis 4.1 encontramos o verbo *conhecer* traduzido corretamente, sendo usado como eufemismo de relação sexual, intimidade do primeiro casal. O mesmo ocorre em Mateus 1.25, já na edição atualizada, quando o evangelista demonstra que Maria e José tiveram vida conjugal/sexual após o nascimento de Jesus, e que antes não. O termo aqui não refere-se a conhecer

---

[27] Cf. Idem, Ibidem., pp. 75-77.

[28] Eufemismo – *"Ato de suavizar a expressão duma idéia substituindo a palavra própria por outra mais cortês"*. Aurélio Burarque de Holanda FERREIRA; Minidicionário da Língua Portuguesa; Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

no sentido pleno, pois tanto Adão e Eva já se conheciam, como José e Maria eram noivos e portanto se conheciam pessoalmente, porém, num eufemismo, refere-se a conhecer como homem e mulher, através da relação conjugal, de intimidade.

Essa postura que envolve o termo "conhecer" chamamos de hebraísmo, ou seja, uma influência do entendimento do termo no Hebraico, que foi importado para a escrita do Novo Testamento, redigido em Grego, com o sentido de amor intenso, intimidade, estar ligado a uma afeição diferenciada. Outro exemplo é registrado em Mateus 7.21-23: Jesus refere-se ao dia do julgamento final, onde alguns que aparentemente viveram um cristianismo, inclusive atuante, realizando muitas coisas em nome de Jesus, foram surpreendidos com a frase – "nunca vos conheci". Eu me pergunto: se Jesus é Deus como a Bíblia diz, se foi restaurado a sua posição de glória e portanto assume novamente sua totalidade divina, inclusive a onisciência, como ele pode dizer nunca vos conheci? A resposta obedece o entendimento que falamos a pouco, ou seja, Jesus respondeu: eu não tenho intimidade com vocês,; vocês não fazem parte de um grupo com o qual eu mantenho uma afeição diferenciada, ao ponto de salvá-los. Pois é impossível pensar que Jesus não conheça todas as pessoas do mundo sem exceção.

Dentro dessa seqüência de entendimento, fica claro compreender que os textos que falam sobre conhecer de antemão, ou de pré-ciência (conhecimento anterior), não servem de base para dizer que Deus viu previamente fatos, ou inclinações de crença nas pessoas, mas simplesmente que Deus conheceu, no sentido de

amor, intimidade, todos aqueles que ele escolheu e predestinou para a vida. Somente isto.

O ARREPENDIMENTO É NASCIDO NO HOMEM NATURAL?

É a mesma postura sobre a fé, o homem natural está "morto"; tudo o que é necessário para que ele chegue a salvação depende de Deus, inclusive o arrependimento (At 5.31; 11.18; Rm 2.4; 2 Co 7.9-10; 2 Tm 2.25). *"O arrependimento para a vida é uma graça evangélica,...".*[29] *(At 11.18)*

Porém, tanto o arrependimento como a fé são exigidos ao homem naquilo que chamamos de *sinergismo* entre a ação soberana de Deus e a responsabilidade pessoal do homem (Lc 24.47; Mc 1.15; At 20.21). Em outras palavras, isto significa que o homem somente responderá ao chamado da salvação quando for tocado por Deus de modo irresistível; e, a partir daí, o homem se torna responsável em reconhecer, arrepender, crer e agir em conformidade com a revelação de Deus. Agora, a falta da intervenção divina não isenta o homem natural (morto espiritualmente – não por vontade de Deus) de sua responsabilidade em reconhecer o plano salvífico de Deus, arrepender-se e crer (Jo 3.17-19). Por isso, o homem é condenado.

E QUANTO AS CRIANÇAS QUE MORREM NA INFÂNCIA E OS INCAPAZES?

Sabemos que a salvação é sempre pela graça da eleição e que Deus usa meios ordinários

---

[29] Cf. CFW, *op. cit.*, p. 77.

para chamar os seus escolhidos, que são a pregação do Evangelho e a administração dos sacramentos. E todos os que são capazes de serem chamados por esses meios, assim o são. Exemplo: Geração de Nínive nos tempos do profeta Jonas; as pessoas alcançadas por meio da obra missionária.

No caso das crianças que morrem na infância e dos incapazes, como exemplo os deficientes mentais, ainda permanece a mesma postura: somente os eleitos serão salvos. Mas nesse caso Deus usa meios extraordinários, regenerando-os e salvando-os em Cristo, por meio da atuação do Espírito Santo que opera quando, onde e como lhe apraz. (Jo 3.8; Gn 17.7; At 4.12; Lc 18.15-16).

QUAIS OS BENEFÍCIOS QUE RECEBO EM CRISTO?

Aqueles a quem Deus chama eficazmente, Ele também os:

- Justifica[30] (Rm 8.30; Rm 3.24) – isso significa que nossos pecados são perdoados e somos considerados justos em Cristo (Ef 1.7).

- Adota (Ef 1.5; Gl 4.4-5; Jo 1.12) – isso significa (1) gozar a liberdade e privilégio dos filhos de Deus, tendo acesso a Ele, chamando-o por Pai e recebendo o que é necessário para um filho (proteção, correção, amor, etc. – Hb 12.6); (2) ser selado com o Espírito Santo, tendo a certeza de ser herdeiro da eterna salvação (Rm 8.17; Ef 1.13-14).

---

[30] Para maiores detalhes sobre Justificação, Adoção e Santificação cf. *A Confissão de Fé de Westminster*, *op. cit.*, pp. 64-74.

- Santifica (At 20.32; Rm 6.5-6) – isso significa que pela virtude da morte e ressurreição de Cristo, por sua palavra e por seu Espírito que habita em nós, o domínio do pecado é destruído (Rm 6.6,14); suas concupiscências são mais e mais enfraquecidas e mortificadas (Gl 5.24; Cl 3.5); e somos fortalecidos para a prática da verdadeira santidade (2 Co 7.1; Hb 12.14). Aqui vemos mais uma vez o chamado *sinergismo espiritual,* que agrega a ação de Deus e a responsabilidade humana em busca pela santificação (Lv 20.7-8).

Há muitos outros benefícios que recebo em Jesus Cristo (a própria eleição é exemplo disso), mas essas mencionadas são diretamente relacionadas com o aplicar da salvação em nós. Lembramos que isso tudo provém unicamente da livre graça de Deus (Rm 6.23).

QUAL O MEU PAPEL COMO SALVO EM JESUS?

Alguns pensam: "Esta segurança infalível da eleição não predispõe a pessoa para a negligência ou para o pecado?" Quem pensa assim não entendeu que a salvação vem exclusivamente de Deus, e é Ele quem atua nos seus eleitos e os conclama a viver de modo digno a vocação a que foram chamados (I Jo 3.9; II Pe 1.10; Rm 6.1,2; Tt 2.11-14).

A eleição, por sua vez, estimula a pessoa chamada:

- a pregar o evangelho, ou seja, testemunhar de Jesus (At 18.9-10 "muito povo": referência ao povo pertencente a Deus, ou seja, os eleitos);
- a glorificar a Deus (I Co 1.27-31; I Ts 2.13);

- a uma vida de humildade, mansidão, longanimidade, amor, unidade, etc. (Ef 4.1-3);
- a uma vida santa e em submissão (Cl 3.12 – 4.1 “revesti-vos como eleitos de Deus...”);
- a uma vida perseverante em oração (Cl 4.2);
- a um andar com sabedoria (Cl 4.5); etc...

Portanto, o meu papel como salvo em Jesus é ser um discípulo verdadeiro dele, seguindo os seus passos (I Jo 2.6; I Pe 2.21).

O ELEITO PODE PERDER A SALVAÇÃO?

O texto de Hebreus 6.4 certamente é um dos que têm gerado alguma dúvida sobre a certeza da salvação. Porém, é importante ter em mente as verdades sobre a doutrina da eleição que já foram estudadas e observar todo o contexto do cap. 6. No verso 9, o autor faz uma distinção entre os iluminados do verso 4 e os “amados”, mostrando que estes permanecem, enquanto aqueles na verdade nunca foram luz (Mt 5.14), mas iluminados por estarem convivendo com os crentes. Por este fato, saíram, abandonaram, negaram e rejeitaram porque nunca foram dos nossos (1Jo 2.19), ou seja, eleitos.

Deste modo, os eleitos de Deus, chamados e santificados pelo Espírito Santo, não podem perder a salvação, mas permanecerão por estarem eternamente salvos. (Fp 1.6; Jo 10.28-29; 1 Pe 1.5,9; Jr 32.40).

Essa certeza não vem da fidelidade do eleito para com Deus, mas sim da fidelidade de Deus

para consigo mesmo, ou seja, da imutabilidade do decreto da eleição (II Tm 2.19; Jr 31.3; Rm 8.35-39; II Tm 2.13).

O eleito pode ter a certeza da salvação abalada ou até mesmo interrompida, porém nunca perderá a salvação. Pode até mesmo ceder ao pecado, recebendo a punição por isto, mas não perderá a salvação dada gratuitamente por Deus (Sl 89.30-34).

POSSO TER CERTEZA DA MINHA SALVAÇÃO?

Segundo a Palavra de Deus, todo aquele que se arrependeu, reconhecendo ser pecador, e com fé crê no Senhor Jesus, o ama com sinceridade e procura andar segundo a vontade do Pai, esse pode e tem a certeza da graça de Deus e alegra-se na esperança verdadeira da glória de Deus (2 Tm 1.12; 1 Jo 2.3; 5.13; 3.14,18, 19, 21,24; Rm 5.2,5).

Esta certeza se fundamenta:

Na segurança infalível da fé – Hb 6.11,12;

Nas promessas divinas de Salvação (fidelidade de Deus) – Hb 6. 17-20; II Pe 1.4,5;

Na evidência interna das promessas em nós – II Pe 1.10,11; I Jo 3.14;

No testemunho do Espírito Santo com o nosso espírito – Rm 8.15,16; e:

Na atuação do Espírito Santo em nós – Ef 1.13,14; II Co 1.21,22.

SOBRE O ESPÍRITO SANTO

"A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava sobre as águas".
Gênesis 1.2

QUEM É O ESPÍRITO SANTO?

Desde o momento que passamos a estudar a revelação que Deus fez de si mesmo a nós, encontramos a figura do Espírito Santo: na criação, na revelação, na salvação, etc... Mas o que será que é o Espírito Santo?

Muitas discussões já ocorreram a respeito dele na Igreja Cristã[31], fato que inclusive trouxe divisões e cismas para a Igreja[32]. Mas um estudo sério, com uma hermenêutica bíblica correta, nos conduz a identificarmos o Espírito Santo não como um poder ou uma força como alguns acreditam, mas sim afirmar que: *"O Espírito Santo é a terceira pessoa da Trindade, procedendo do Pai e do Filho, da mesma substância e igual em poder e glória, e deve-se crer nele, amá-lo, obedecê-lo e adorá-lo,*

---

[31] O monarquianismo, o arianismo e o macedonismo são exemplos de movimentos que discutiram sobre o Espírito Santo. O primeiro nega que o Espírito seja uma pessoa, enquanto que o segundo de certa forma ao negar a divindade de Jesus, faz o mesmo com o Espírito Santo, pois o consideram como criatura do Filho; já o terceiro, eram opositores diretos da divindade do Espírito Santo. Cf. Heber Carlos de CAMPOS; *op cit*, pp.118-123.

[32] Um dos motivos do cisma de 1054 d.C. entre a Igreja Católica Romana e Igreja Católica Ortodoxa, conhecidas naquela ocasião, como Igreja do Ocidente e do Oriente, respectivamente, foi sobre a doutrina a respeito do Espírito Santo.

juntamente com o Pai e o Filho, por todos os séculos".[33](Mt 3.16-17; 28.19; 2 Co 13.13; Jo 15.26; 16.7,13, 14; 17.24).

QUAL O PAPEL DO ESPÍRITO SANTO?

O Espírito de Santo é Deus e, portanto, toda a obra divina tem sua participação. Sua atuação e sua presença estão em toda a eternidade. Ele atuou na criação (Gn 1.2); através dele, homens santos (profetas/escritores) falaram da parte de Deus e foram inspirados para o registro da revelação especial (2 Pe 1.19-21); Ele age *no* homem (Jo 16.8), *através* do homem (At 2.37,38), e *por meio* do homem (At 8.29,37), aplicando de modo eficaz a regeneração (At 1.5; Tt 3.4-7); Ele habita naqueles que são de Deus (Lc 11.13; 1 Co 3.16,17; 6.19), iluminando a mente do cristão (1 Co 2.10; Ef 4.23), fortalecendo-os (Jo 14.16-17, 26; Rm 8.15,26), confortando (At 9.31), guiando (Jo 16.13; At 16.6-7), santificando (Rm 15.16), chamando e dotando-os para a obra (At 13.2; 20.28; 1 Co 2.13; 12.7-13) e preservando-os, juntamente com toda a Igreja, para o dia da redenção (Ef 4.30).

Sobre a atuação do Espírito Santo entre os homens, olhando para o V.T, para os dias do ministério terreno de Jesus e nos dias de hoje, podemos citar as palavras de Billy Graham:

> "*No Antigo Testamento Ele veio* ***sobre*** *algumas pessoas à Sua escolha, permanecendo por um tempo determinado (Juízes 14:19). Os evangelhos mostram como Ele mora* ***com*** *os discípulos, na*

---

[33] Cf. A Confissão de Fé de Westminster, *op. cit., p. 162-A.*

*pessoa de Cristo (João 14:17). Do segundo capítulo de Atos em diante a Bíblia diz que Ele está **no** povo de Deus (1 Cor. 6:19)"*[34].

De um modo geral, podemos dizer que o papel do Espírito Santo, como terceira Pessoa da Trindade, é aplicar a obra da redenção, realizada por Jesus Cristo, a segunda Pessoa da Trindade, em conformidade com a vontade soberana de Deus, a primeira Pessoa da Trindade, em todos aqueles que foram escolhidos para a vida.

O QUE SIGNIFICA VIVER NO ESPÍRITO SANTO?

Na Igreja Contemporânea muita ênfase tem sido dada àquilo que se chama "viver no Espírito Santo", que no entendimento da maioria dos cristãos de hoje, significa ter sido batizado no Espírito com manifestação de dons de línguas e sentir de modo emocionante a presença e atuação do Espírito, de modo a apresentar, principalmente nos momentos de adoração, manifestações ditas espirituais.

Em decorrência deste entendimento a respeito da vida espiritual, têm sido produzidas muitas divisões, cismas, preconceitos e raiz de amargura dentro do contexto cristão. Prova disso, são as inúmeras comunidades cristãs que passaram por divisões e irmãos na fé que receberam frustrações e traumas por conta da busca pela experiência com o Espírito Santo, independente do ensinamento bíblico.

O que será que a Bíblia nos diz sobre isso?

---

[34] Billy GRAHAM; *op. cit.*, p. 38.

Nas páginas do N.T. principalmente, vemos que viver no Espírito Santo está relacionado muito mais com aquilo que o crente em Cristo é e faz, do que com o que ele sente. Para início de conversa, a própria Escritura nos mostra, em tom de exortação, que viver no Espírito significa:

Andar no Espírito - que está diretamente em oposição ao andar segundo aos desejos da nossa carne (Gl 5.16-17, 25);

Ser guiado pelo Espírito – (Gl 5.18; Jo 16.13,14);

Possuir o fruto do Espírito – que está em oposição às obras da carne (Gl 5.22-24);

Transbordar das coisas de Deus – (Jo 4.13,14; 7.38);

Ter conhecimento e testemunhar sobre as coisas de Deus – (1 Co 2.12-14; At 1.8; 4.31);

Confiar nas promessas de Deus – (Rm 8.26; Ef 1.13-14).

Além de nos explicar o que significa viver no Espírito, a Bíblia também nos mostra como viver no Espírito Santo. Para isto:

Precisamos ter o Espírito em nós (Ef 1.13). Ele não pode ser comprado (At 8.18-21); Deus o dá a todos quanto pedem (Lc 11.13), e isto ocorre no momento em que cremos e confessamos Jesus Cristo como nosso Senhor e Salvador (At 19.2).

Precisamos nos encher do Espírito (Ef 5.18-21).

Precisamos agradar ao Espírito (Ef 4.30; 1 Co 12.7-11; Rm 12.3-8).

Sendo assim, somente aqueles que receberam o Espírito Santo quando creram em Jesus Cristo (At 19.2), aceitaram Sua Palavra (Ef 1.13), buscam a plenitude do Espírito através de

uma vida de Adoração (Ef 5.19), de Gratidão (Ef 5.20) e de Sujeição (Ef 5.21) e obedecem, através de uma vida que glorifica a Deus e da execução do ministério que receberam do Espírito Santo, de modo santo e em amor (1 Co 13.1-3), vivem no Espírito Santo.

E A RESPEITO DOS DONS CARISMÁTICOS?

Outro assunto que tem trazido certo desconforto entre a cristandade é o relacionado aos dons carismáticos. O mau entendimento a respeito deste assunto tem produzido crentes que negligenciam fatos importantes sobre a sã doutrina, como por exemplo: o fim do período de revelação no Filho (Hb 1.1-4), o propósito dos dons (Mc 16.20; 1 Co 12.7), o período e a utilização dos dons de profecia, cura, milagres e línguas (1 Co 13.8; 2 Co 12.12), o verdadeiro papel do Espírito Santo (Jo 16.14), etc...

Algumas comunidades e denominações cristãs afirmam que o Batismo *com, no* ou *do* Espírito Santo deve vir acompanhado da manifestação de dons carismáticos, principalmente o dom de línguas[35], como acontecido no dia do Pentecostes, registrado no Livro Histórico dos Atos

[35] Algumas denominações pentecostais, inclusive registram, em seu estatuto ou constituição, da exigência, para os que aspiram certos ministérios, da manifestação do dom de línguas. *"O pentecostalismo deseja, em resumo, ser entendido como um cristianismo de experiência, sendo que sua experiência culmina no batismo do crente no Espírito Santo, evidenciado, como no Pentecoste, pelo falar em outras línguas".* Cf. Frederick Dale BRUNER; Teologia do Espírito Santo, São Paulo, Vida Nova, p. 16.

dos Apóstolos (At 2). Utilizam-se de textos como Marcos 16, Atos 2, 8, 10, 19 e 1 Coríntios 12-14, para fundamentarem sua crença[36].

Visando um fim de esclarecimento sobre a contemporaneidade dos dons carismáticos (curas e milagres – sinais e expulsão de demônios, línguas e profecias), sob a iluminação do Espírito Santo, passamos a estudar as referências citadas acima, focando com maior atenção o falar em línguas.

Marcos 16.9-20:

"9 Havendo ele ressuscitado de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiro a Maria Madalena, da qual expelira sete demônios.

10 E, partindo ela, foi anunciá-lo àqueles que, tendo sido companheiros de Jesus, se achavam tristes e choravam.

11 Estes, ouvindo que ele vivia e que fora visto por ela, não acreditaram.

12 Depois disto, manifestou-se em outra forma a dois deles que estavam de caminho para o campo.

13 E, indo, eles o anunciaram aos demais, mas também a estes dois eles não deram crédito.

14 Finalmente, apareceu Jesus aos onze, quando estavam à mesa, e censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, porque não deram crédito aos que o tinham visto já ressuscitado.

15 E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura.

---

[36] Para maiores informações sobre este assunto, numa visão bíblica e com uma hermenêutica correta, apresentada como fruto de um trabalho exegético sério, cf. Frederick Dale BRUNER; *Teologia do Espírito Santo*, São Paulo, Vida Nova. Cf. também: John MAcARTHUR, Jr; *Os Carismáticos*, São José dos Campos, Fiel, 1988.

16 Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado.
17 Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem: em meu nome, expelirão demônios; falarão novas línguas;
18 pegarão em serpentes; e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados.
19 De fato, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu e assentou-se à destra de Deus.
20 E eles, tendo partido, pregaram em toda parte, cooperando com eles o Senhor e confirmando a palavra por meio de sinais, que se seguiam" (RA).

Sobre este texto muitos afirmam que a promessa, registrada nos versos 17 e 18, é para todos os crentes de todos os tempos. Porém, um estudo mais minucioso nos conduz à outra verdade.

Porém, quando confrontamos os versos em questão com os iniciais do capítulo 16, facilmente percebemos que a parte iniciada no verso 9 é um acréscimo feito *a posteriore*. Tanto que em algumas edição apresentam Marcos 16.9-20 como não constando nos melhores manuscritos. Contudo, isto não desqualifica o texto, mesmo porque esta porção em nada conflita com o restante do Evangelho de Marcos, nem com os demais livros da Bíblia. Na verdade, trata-se de um apêndice registrando um fato histórico de modo bastante resumido das ações de Jesus Cristo após a sua ressurreição - exortando os onze discípulos, dando-lhes uma ordem e fazendo-lhes uma promessa.

Para entendermos, devemos lembrar que Marcos foi o primeiro evangelho a ser escrito e que tinha como objetivo falar do ministério terreno de Jesus, indo do seu nascimento até a sua ressurreição. Mas, ao que tudo indica, da mesma forma que Lucas, que também escreveu um evangelho e viu a necessidade de escrever outro livro contando a seqüência e a história dos primeiros cristãos (Livro de Atos), Marcos também sentiu a necessidade de registrar que a história da redenção através de Jesus não termina na sua ressurreição, mas que Ele deu autoridade para seus discípulos para continuar seu ministério. É disso que trata a parte final de Marcos. É como se tivéssemos um Evangelho + Registro Histórico específico do que aconteceu com os apóstolos e para os apóstolos. Da mesma forma que Atos é um registro histórico e portanto, não normativo, apesar de trazer princípios, o final de Marcos também é.

Deste modo, quando olhamos para o contexto próximo da perícope, vemos:

v. 11 – os discípulos "não acreditaram" na ressurreição de Jesus, afirmada por Maria Madalena;

v. 13 – os discípulos continuam a não dar crédito à notícia sobre a ressurreição de Jesus;

v. 14 – Jesus "censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, porque não deram crédito...";

Vejamos: Jesus está falando com os onze, ou seja, os discípulos que Ele havia escolhido durante o ministério terreno para uma missão, que depois seria aplicada em todos os crentes.

v. 15 – Ordem de evangelização mundial (não apenas aos judeus);

v.16 – Procedimento para com os convertidos;

v. 17 – Promessa de sinais para os que crêem. *"Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem"* – veja o verbo crer, que no verso anterior foi usado no futuro, agora é utilizado no presente. E aqui nos perguntamos: Por que? Jesus falava com quem? Quem não estava crendo? Ou seja, a promessa de sinais referia-se aos onze, mas somente àqueles que cressem que Ele, Jesus, havia ressuscitado.

Veja que tal promessa de sinais tem um propósito e no verso de nº 20 isto fica claro: confirmar a palavra pregada pelos apóstolos. E isto aconteceu, cf. At 5.12; 2.43; 4.23-31; 14.3; 2 Co 12.12 e Hb 2.4.

Concluindo sobre Marcos 16.9-20, vemos que este texto não pode ser usado de modo bíblico e sincero como base para dizer que todos os crentes têm que possuir os sinais citados no verso 17, justamente pelo fato de ser um apêndice histórico, e portanto, não normativo. Mas, que ensina sobre o princípio de que a Igreja Cristã foi organizada sob a autoridade dada aos apóstolos e como aplicação podemos dizer que ainda hoje Deus levanta líderes para, sob sua Palavra, ser fiel às doutrinas dos apóstolos.

Outro texto que devemos estudar encontra-se no livro de Atos no capítulo 2. vejamos:

"1 Ao cumprir-se o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos no mesmo lugar;

2 de repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados.
3 E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles.
4 Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.
5 Ora, estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos, vindos de todas as nações debaixo do céu.
6 Quando, pois, se fez ouvir aquela voz, afluiu a multidão, que se possuiu de perplexidade, porquanto dada um os ouvia falar na sua própria língua.
7 Estavam, pois, atônitos e se admiravam, dizendo: Vede! Não são, porventura, galileus todos esses que aí estão falando?
8 E como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna?
9 Somos partos, medos, elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia,
10 da Frigia, da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem,
11 tanto judeus como prosélitos, cretenses e arábios. Como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus?
12 Todos, atônitos e perplexos, interpelavam uns aos outros: Que quer dizer isto?
13 Outros, porém, zombando, diziam: Estão embriagados!" (RA).

Para a grande parte das igrejas evangélicas, o texto de Atos 2 é o mais usado como base para a crença e a prática do dons de línguas, como é visto hoje. Eles afirmam que o Batismo com o Espírito Santo (alguns afirmam ser o batismo com

fogo mencionado por João Batista e erram, pois naquele contexto fogo é sinônimo de julgamento e condenação - confronte com Atos 1.5) é *uma experiência após a conversão, evidenciada pelo falar em línguas e é resultado de uma busca sincera pelo crente*. Porém, quando olhamos para o texto em questão, podemos, sob a orientação do próprio Espírito Santo, enxergar fatos importantes.

Primeiramente, devemos nos lembrar que se trata de uma narrativa histórica (Atos 1.1); isto é importante para relembrarmos que as passagens contidas neste livro apresentam princípios a serem seguidos, porém, suas histórias não são normativas, ou seja, não servem de norma para que aconteça o mesmo conosco também.

Em segundo lugar, vamos lembrar o contexto:1) Jesus Cristo havia ressuscitado e estado com os discípulos por quarenta dias (Atos 1.3). Isso significa que os discípulos ficaram praticamente nove dias aguardando em Jerusalém a promessa de Jesus. Neste meio tempo oraram, permaneceram juntos, resolveram eleger Matias para ocupar o lugar de Judas no colégio apostólico e inicia-se o capítulo 2, datando o evento como sendo no Dia do Pentecoste (50 dias após o sábado da Páscoa).

Diz a Escritura que “estavam todos reunidos no mesmo lugar” e o final do verso 2 indica que eles estavam numa “casa onde estavam assentados” – provavelmente todos os apóstolos e uma boa parte dos quase 120 citados em Atos 1.15. Depois aparece o termo traduzido por “de repente”, dando a idéia de algo não esperado, súbito, realçando que eles não estavam clamando

ou pedindo pelo Espírito Santo. Outro termo chama a atenção é o fato de Lucas (autor de Atos) afirmar que estavam assentados – significa que não estavam orando, pois os judeus tinham costume de orar em pé com as mãos erguidas ou em alguns casos, depois dos ensinos de Jesus, com a cabeça e mãos abaixadas, porém, em pé (cf. Lc 18.11-13 e Mt 6.5,6). Outro termo, "veio do céu" – diretamente de Deus, para que fique claro, não veio de um assopro no microfone de um pastor qualquer. "...um som, como de vento" – não era vento, como também as línguas derramadas não eram de fogo, mas sim "como de fogo". Isto indica quão foi maravilhoso esta experiência, o Batismo com o Espírito Santo. "...e passaram a falar em outras línguas," – línguas conhecidas, idiomas dos que estavam em Jerusalém naquela ocasião, provavelmente pela festa.

Aqui vale a pena dizer que este episódio, como qualquer outro, teve como objetivo confirmar o que fora prometido em Marcos 16, e que tal sinal serviria para confirmar a pregação, o que de fato aconteceu. Mais à frente na narrativa vemos Pedro pregando e quase três mil pessoas sendo batizadas (Atos 2.37-41). Veja que não há registro de nenhuma dessas pessoas falando em línguas, mas, segundo Pedro, receberam o Espírito Santo (At 2.38).

Outra coisa importante, para desvincularmos aquilo que vemos hoje nas igrejas e movimentos como o que aconteceu em Atos 2, é o fato de Pedro ter dito que o episódio era o cumprimento de uma profecia, a de Joel (Atos 2.16-21).

Sendo assim, o que ocorreu em Atos 2 veio diretamente de Deus como promessa, sem os

envolvidos estarem pedindo, orando ou até mesmo aguardando (eles não tinham conhecimento de como seria). Visava a confirmação da pregação da palavra e foi evidenciado pelo falar de línguas conhecidas, línguas humanas, não glossolalia ou línguas de anjos, como se diz por aí. Logo, Atos capítulo 2 não deveria ser usado como base para afirmar que o dom de línguas contemporâneo é o mesmo que o registrado na Bíblia, pois não apresenta nenhuma semelhança.

Outra passagem utilizada como base para os dons carismáticos no dia de hoje é Atos 8. vejamos:

"14 Ouvindo os apóstolos, que estavam em Jerusalém, que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram-lhe Pedro e João;
15 os quais, descendo para lá, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo;
16 porquanto não havia ainda descido sobre nenhum deles, mas somente haviam sido batizados em o nome do Senhor Jesus.
17 Então, lhes impunham as mãos, e recebiam estes o Espírito Santo." (RA).

Os pentecostais, neo-pentecostais e os adeptos da terceira onda dizem em sua teologia que o crente recebe o Espírito Santo de forma limitada na conversão, e que por isso precisa receber a "plenitude" do Espírito, através do Batismo *no, com* ou *do* Espírito Santo.

Como já mencionamos anteriormente, na compreensão deles, as características principais do Batismo no Espírito são:

1) É subseqüente ou após a conversão;
2) É evidenciado inicialmente pelo falar em outras línguas;
3) É conseqüência da busca sincera do crente.

Vimos que eles usam o texto de Atos cap. 2 como base para fundamentar sua teologia sobre o Espírito Santo, porém como já estudamos, este texto não pode ser usado para fundamentar seus ensinos. Será que Atos capítulo 8 pode?

Aqui temos o registro de pessoas que creram, aceitaram o batismo cristão e que mesmo assim não haviam recebido o Espírito Santo. Por sinal, é o único texto que afirma isso.

Será que esse tempo da conversão e batismo para o recebimento do Espírito era esperado?

Vimos que a explicação dada no texto mostra que talvez não fosse isso o esperado, pelos apóstolos.

Vejamos o caso dos conversos antes de Atos 8. Logo após a descida do Espírito Santo, no Pentecoste, vemos Pedro pregando o evangelho e prometendo, àqueles que cressem, o recebimento do Espírito Santo (Atos 2.38-41). Vemos aqui que o recebimento do Espírito era algo provindo da aceitação do evangelho do Senhor Jesus. Por isso, no caso de Atos 8, houve a necessidade de Lucas, o autor de Atos, dar uma explicação no verso 16; "*porquanto não havia ainda descido sobre nenhum deles, mas somente*

haviam sido batizados em o nome do Senhor Jesus."

Sê olharmos para textos posteriores, veremos também Cornélio (Atos 10) recebendo imediatamente o Espírito Santo, como também os discípulos de João Batista em Atos 19.

Portanto, qual era o problema? Seria Filipe? Será que o problema estava com os samaritanos? Talvez os samaritanos não estavam buscando sinceramente o dom!? Incrível, o texto não diz nada disso.

Segundo o texto a solução não foi procurada, nem achada em qualquer postura dos samaritanos. Nem mesmo nada foi proposto aos samaritanos. Isto se dá, pelo fato de que o problema não estava com os samaritanos. E muito menos com Filipe. Não há registro sobre isso, mas vemos que Filipe continuou pregando o evangelho, outra citação que vemos, é sobre o eunuco e muitos outros de Azato até Cesareia; e não vemos registro de que os apóstolos tiveram que suprir algo nesses episódios. Filipe não era o problema! (Confira o Atos 8.6-7).

Será que era a falta da "imposição das mãos"?

Vemos outros casos o livro de Atos onde o Espírito Santo foi recebido sem a imposição das mãos. Exemplo: Atos 2 e Atos 10. E, por outro lado, a imposição das mãos eram um acompanhamento normal. Veja: Atos 9.17, 19; 19.5-6 e Hb 6.2. E, além de tudo isso, vemos que o texto nos diz que o que faltava aos samaritanos não era a imposição das mãos, mas, sim, o Espírito Santo. (Atos 8.15 e 16).

Mas, então como explicar a demora no recebimento do Espírito Santo pelos samaritanos?

O objetivo de Deus e até mesmo o propósito do livro de Atos pode nos ajudar. Sabemos que a ordem era para testemunhar sobre Jesus, de Jerusalém até aos confins da terra. Mesmo sabendo disso, a igreja estava confinada em Jerusalém até que a perseguição veio (início do cap. 8). Só então, o evangelho começou a ganhar o mundo. Outro detalhe importante, é que os Judeus e os Samaritanos não se davam. Isso era claro até mesmo nos dias de Jesus (João 4.9). Mas, o plano de Deus é de levar o evangelho a todas as terras e isso incluía, Samaria.

A demora para o recebimento do Espírito Santo, serviu exclusivamente para unir os judeus aos samaritanos e vice-versa. Vejamos:

Os apóstolos (Judeus – Pedro e João) que tinham autoridade dada por Deus viram com os seus olhos que o Espírito Santo também fora recebido pelos samaritanos; e os samaritanos reconheceram a autoridade dos apóstolos e da igreja vinda dos judeus, pelo fato de terem recebido o Espírito pela imposição das mãos destes.

É importante lembrar que, o Livro de Atos é o registro histórico de um período de transição. Aquilo que conhecemos como a *Babel inversa*, ou seja, Deus reunindo todos, como um só rebanho.

Assim, explicamos o motivo da demora no recebimento do Espírito Santo pelos samaritanos. Mas, ainda há uma questão:

Os samaritanos não falaram em línguas, da mesma forma que os quase três mil conversos no dia de Pentecoste. Por quê?

Não há menção de línguas como fogo, som como de vento e muito menos, línguas como manifestação ou evidência do recebimento do Espírito Santo. Isso é um problema?

Não para nós! Mas com certeza para aqueles que defendem que o dom de línguas evidencia o recebimento do Espírito Santo. Na verdade, sabemos que o recebimento do Espírito Santo não significa evidência ou manifestação de línguas naquele que o recebe.

Outro texto que devemos estudar é Atos 10. Vejamos:

"44 Ainda Pedro falava estas cousas quando caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra.
45 E os fiéis que eram da circuncisão, que vieram com Pedro, admiraram-se, porque também sobre os gentios foi derramado o dom do Espírito Santo;
46 pois os ouviam falando em línguas e engrandecendo a Deus. Então, perguntou Pedro:
47 Porventura, pode alguém recusar a água, para que não seja batizados estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo?
48 E ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo. Então, lhe pediram que permanecesse com eles por alguns dias." (RA).

Devemos ler todo o capítulo para que possamos compreender o contexto dos versos acima. Mas em linhas gerais, Atos 10 relata a salvação e o recebimento do Espírito Santo por parte de Cornélio e outros gentios (10.24), em Cesaréia de Filipos. Mas, quem eram os gentios?

De um modo geral, gentios eram todos os outros povos, não judeus.

É importante aqui, relembrar o objetivo do Livro de Atos e da ordenança do Senhor Jesus (Atos 1.8). Ou seja, nessa passagem vemos que o evangelho estava alcançando realmente "até os confins da terra".

Vimos no estudo sobre Atos 8 que havia divisão entre os judeus e os samaritanos (judeus que haviam miscigenado com outros povos), e que naquele episódio, Deus quebrou. Agora, quando falamos em relação aos judeus com os gentios, não temos uma divisão, temos um verdadeiro abismo.

Um judeu não entrava na casa de um gentio (Atos 10.28). E segundo MacArthur em seu livro "Os Carismáticos", um judeu não comeria uma refeição feita por mãos de gentios e nem compraria carne cortada por um açougueiro gentio[37].

Olhando para o contexto geral, vemos Saulo (Paulo), aquele que assolava a igreja no cap. 8, sendo convertido ao Cristianismo e começando a pregar a Jesus como o Messias, o Filho de Deus. A paz volta a reinar sobre a igreja, que cresciam em número, por toda a Judéia, Galileia e Samaria (Atos 9.31).

O relato de Lucas, continua a registrar os atos de Pedro curando enfermos, ressuscitando mortos, ou seja, fazendo sinais e prodígios para confirmar a palavra; e nesse ínterim recebendo uma visão, onde Deus lhe diz que não faz acepção de pessoas e chama não apenas judeus

---

[37] John MAcARTHUR, Jr; *op. cit.;* p. 92. "*O preconceito racial era muito mais profundo do que temos visto em alguns lugares entre negros e brancos".*

à salvação (compare Atos 10.9-16 com Atos 10.28-29, 34-35).

Nesse entendimento, Pedro e alguns judeus vão até a casa de Cornélio, gentio, centurião romano; e quando Pedro estava falando sobre o evangelho da paz (10.36), sem ninguém esperar, diz o texto: “caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra”. (cp. Rm 10.17).

Pergunto: Cornélio, seus parentes e amigos íntimos eram crentes em Jesus antes? Não!

Eles tinha sido batizados, eram membros da Igreja? Não!

Eles pediram o Batismo *com, no* ou *do* Espírito Santo? Não!

Pedro invocou o Espírito Santo sobre eles? Impôs as mãos? Não! Então, o que aconteceu?

No momento em que creram, eles foram batizados com o Espírito Santo – na conversão!

Os judeus (*os fiéis que eram da circuncisão*), admiraram-se, ou seja, não esperavam que o dom o Espírito Santo fosse derramado sobre os *gentios.* Essa admiração veio pelo fato dos gentios falarem em línguas, engrandecendo a Deus.

Línguas estranhas diz o texto?

Não! Os judeus entendiam o que eles estavam falando, pois os ouviam engrandecer a Deus. Era uma língua conhecida dos judeus.

Depois, vemos Pedro confirmando que o episódio era vindo da parte de Deus e que “nós”, ou seja, os judeus cristãos, não podiam negligenciar tal fato.

Atos 10 nos ensina que não há espaço de tempo entre a conversão, ou seja, a crença em Cristo e o recebimento do Espírito Santo. No caso

de Cornélio e dos seus, eles receberam o Espírito no momento da conversão. Pedro confirma isso quando diz, em seu relatório sobre a visita aos gentios, no capítulo 11, verso 17: "*Pois se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós nos outorgou* ***quando cremos*** *no Senhor Jesus, quem era eu para que pudesse resistir a Deus?".*

Pedro alega que o recebimento do Espírito Santo foi dado por Deus no momento em que ele creram. Mais uma vez, vemos a união das raças, a Babel inversa. Com essa passagem, os judeus cristãos creram que os crentes gentios, também faziam parte da Igreja de Cristo, e que impedir a entrada deles era resistir à Deus. O falar em línguas foi o sinal externo para comprovar isso, para convencer aos judeus.

Outro ensinamento de Atos 10 é que o Espírito Santo age de modo independente do ser humano. Ninguém pediu, buscou, invocou ou impôs as mãos. O Espírito Santo é livre da ação humana. Com isso, Deus ensina aos gentios, que eles são chamados a mesma igreja e a figura de Pedro como agendo proclamador do evangelho da paz, conduz aos gentios entender que a Igreja vinda dos judeus era uma só. E que tantos os judeus, como os samaritanos, como os gentios, possuem o mesmo Espírito Santo e participam do mesmo Corpo, a Igreja de Cristo.

Ainda podemos aprender que aqueles que se convertem, recebem o Espírito Santo no momento da conversão, devem ser batizado no batismo de Jesus. Assim, aquele que foi selado pelo Espírito (Ef 1.13) e ingressou na igreja invisível, agora pelo Batismo Cristão, ingressa na igreja visível, onde não há acepção de pessoas.

Com isso, vemos que Atos 10, também, não pode ser usado como base para a doutrina pentecostal do Batismo do Espírito Santo.

Recapitulando:

Até agora, nós vimos que em nenhum caso o recebimento do Espírito Santo, se deu por busca do crente, seja sincera ou não. Que a imposição de mãos, não foi manifestada em todas as passagens que falam sobre o assunto. E, que o falar em línguas não foi evidenciado em todos os episódios e nem em todos os crentes em Atos. (os quase três mil, os samaritanos, Paulo, etc...).

Outro ponto importante, é que em todos os casos, onde ocorreu a manifestação externa de línguas, foram línguas conhecidas, e sempre havia a presença de um apóstolo, para confirmar que na igreja de Cristo, vinda dos judeus, não havia lugar para acepção de pessoas.

Vemos que o espaço de tempo entre o crer e o recebimento do Espírito Santo não é a regra, e sim a exceção, bem explicada em atos 8.

Mas, ainda temos outros textos para estudarmos, o próximo é Atos 19. Vejamos:

"1 Aconteceu que, estando Apolo em Corinto, Paulo, tendo passado pelas regiões mais altas, chegou a Éfeso e, achando ali alguns discípulos,

2 perguntou-lhes: Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crestes? Ao que lhe responderam: Pelo contrário, nem mesmo ouvimos que existe o Espírito Santo.

3 Então, Paulo perguntou: Em que, pois, fostes batizados? Responderam: No batismo de João.

4 Disse-lhes Paulo: João realizou batismo de arrependimento, dizendo ao povo que cresse naquele que vinha depois dele, a saber, em Jesus.

5 Eles, tendo ouvido isto, foram batizados em o nome do Senhor Jesus.

6 E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e tanto falavam em línguas como profetizavam.

7 Eram, ao todo, uns doze homens." (RA).

Temos aqui mais um texto usado como base para os pentecostais, quanto a doutrina dos dons carismáticos. Isto se dá, pelo fato, de haverem pessoas recebendo o Espírito Santo e falando em línguas.

O que não podemos esquecer, é que, o Livro de Atos registra um período de transição, onde pessoas também estão em transição. O texto em questão mostra isto claramente.

Alguns pensam que Paulo, está tratando com pessoas crentes em Jesus, e que estavam se *esvaziando* para então receber o batismo com o Espírito Santo. Não é isso que vemos. Paulo identificou aquelas pessoas como sendo: discípulos de João Batista e não de Jesus. Tanto que prega sobre Jesus a ele e não sobre o Espírito Santo.

Outro fator importante no texto, é que Paulo ao questionar se eles já haviam recebido o Espírito Santo, condiciona sua pergunta ao momento da conversão. Ele disse: *"Recebeste, porventura, o Espírito Santo* ***quando crestes****"*(v2 – grifos meus). Paulo não questiona se eles queriam receber o Espírito Santo, não os conduz a um busca sincera, onde deveriam se esvaziar de todo prática que impede o batismo com o Espírito Santo, e coisas desse tipo, que algumas

igrejas fazem. Nem mesmo, pergunta se eles receberam o Espírito Santo, ***desde que creram***.

Paulo sabia que eles não eram crentes em Cristo, por isso, pregou sobre Jesus, conduziu-os ao Batismo de Jesus[38] e o fato é que, no momento da conversão, eles receberam o Espírito Santo, evidenciado pelo falar em línguas e profetizar.

Mas, por que Paulo teve que lhes impor as mãos?

Lucas registra este episódio que se passa em Éfeso, aqui já estamos na terceira viagem missionária. O evangelho já tinha ultrapassado as fronteiras de Jerusalém, Judéia, Samaria e, quebrado as barreiras dos judeus com os samaritanos e gentios. Porém, a autoridade de Paulo, como apóstolo, teria que ser evidenciada (2 Co 12.12). Ao impor, Paulo, as mãos sobre estas pessoas, além de demonstrar que agora, eles deveriam seguir os ensinos dos apóstolos e não mais de João Batista, servia também, para evidenciar a autoridade de Paulo, em pé de igualdade aos demais apóstolos.

Mas, por que eles falaram em línguas?

Certamente, para confirmar o apostolado de Paulo; além, é claro, de demonstrar àqueles que creram em Cristo e receberam o Espírito Santo, que eles, apesar de estarem em Éfeso, faziam parte de uma única Igreja, a Igreja do Senhor Jesus Cristo, e que foram trazidos ao aprisco do

---

[38] Quanto a diferença do Batismo de João e do Batismo Cristão, veremos mais adiante. Porém, é importante verificar, que Paulo considera dois batismos, apesar de referendar de que o Batismo Cristão é superior ao Batismo que João Batista aplicou.

Senhor, formando com toda cristandade um único corpo (Jo 17.21).

É importante ressaltar, que o texto de Atos 19 não supre as expectativas dos pentecostais. Pois, vemos que o recebimento do Espírito Santo se deu no momento da conversão, da mesma forma que ocorreu em Atos 10, e não posteriormente; não foi resultado de uma busca, mas sim de um propósito maior de unificar todos os crentes em uma só igreja, a de Jesus Cristo, baseada em uma só autoridade, a apostólica.

Saindo do livro de Atos, passemos agora a estudar um pouco sobre 1 Coríntios 12,13 e 14. Por ser uma perícope, um tanto longa, não transcreveremos, apenas citaremos os versos conforme a necessidade.

Antes de entrarmos propriamente no tema, é necessário relembrarmos o que motivou Paulo a escrever esta carta. A Igreja em Corinto foi resultado da obra missionária de Paulo em sua 2ª viagem missionária. Agora ela estava passando por algumas dificuldades doutrinárias e dúvidas sobre várias práticas cristãs. Paulo ao que tudo indica escreve para sanar algumas dúvidas e principalmente para exorta-los quanto algumas posturas doutrinárias. Dentro desse contexto, um dos problemas que Paulo queria resolver, era referente aos dons espirituais e seu uso na obra e no culto à Deus.

Para isto, Paulo apresenta algumas características sobre os dons:

1 Coríntio 12.4-6: nos diz que os dons são diversos;

versos 4,5 e 6 – todos os dons vêm do mesmo doador, o Deus Trino;

verso 7 – os dons são distribuídos visando um fim proveitoso;

verso 11 – o Espírito é livre para distribuir os dons;

versos 12 ao 30 – nem todos possuem o mesmo dom, mas que eles se completam na interdependência dos crentes;

cap. 13 – que o combustível do dom é o amor. Que devem ser utilizados com amor e por amor.

Focando de perto sobre o dom de línguas, vemos Paulo nos ensinar, que:

12.10 – existem uma variedade de línguas. Ou seja, vários tipos de línguas.

12.30 – o dom de línguas não é para todos. Pois, se fosse, deixaria de ser dom, e passaria a ser uma característica do cristão.

13.1 – não serve para fundamentar que as línguas que vemos hoje, ou que eram naqueles dias, fossem línguas de anjos. Paulo usa uma suposição extremada, como o entregar o próprio corpo para ser queimado, para explicar que em qualquer exercício ministerial, é essencial haver amor, para se aplicar o dom.

13.8 – afirma que as línguas cessariam.

14.2,6,9,16 – as línguas usadas sozinhas, não obedecem o propósito do dom, que é a edificação, ou seja, trazer um fim proveitoso a todos.

14.4 – Edifica quem fala. Isto não ocorre com a maioria daqueles que dizem ter o dom de línguas hoje. Eles não sabem o que estão falando.

14.5 – as línguas são inferiores, comparada com a profecia.

14.19 – o dom de línguas não é essencial, se usada sem propósito.

14.22 – constituía um sinal para os israelitas incrédulos e não para os crentes.

14.23 – gera inconvenientes quando usada sem propósito.

14.27 – deve vir acompanhada de um interprete.

14.28 – sem a presença de um interprete, não se usa o dom em hipótese alguma.

14.32,33 - há ordem e nunca confusão na utilização do dom.

14.34 – as mulheres não podiam falar na igreja, seria vergonhoso.

14.39 – não era proibido, desde que se obedecessem as ordens dadas.

Se formos estudar, exaustivamente cada ponto, teríamos a certeza de que o dom registrado nas páginas da Bíblia, em nada tem a ver com a glossolalia que vemos em muitas igrejas nos dias de hoje[39]. Mas, somente com esses, vemos que há grande diferença entre o que acontecia nos tempos da Igreja Primitiva e hoje.

Ainda usando como fonte o Livro de John F. MacArthur, Jr. – Os Carismáticos, já outrora citado, vejamos as razões que ele nos dá, afirmando de as línguas da Bíblia são idiomas e

[39] Para maiores detalhes e aprofundamento, recomendo o livro de: Augustus Nicodemus LOPES; *O Culto Espiritual – Um estudo em 1 Coríntios sobre questões atuais e diretrizes bíblicas para o culto cristão*; São Paulo, Cultura Cristã, 1999. 253 páginas.

não línguas de anjos ou outra coisa qualquer[40]. Ele apresenta sete razões:

1. A palavra grega *"glossa"* significa primariamente idioma humano quando usada na Escritura.
2. A palavra grega "*dialektos"* refere-se a palavra dialetos, traduzida para o português, ou seja, língua humana.
3. Tanto em Atos como em 1 Coríntios o termo para idioma é o mesmo.
4. Na perspectiva de Paulo, as línguas podem ser interpretadas, pois, são conhecidas, humanas.
5. 1 Co 12.10 menciona tipos diferentes de línguas.
6. 1 Co 14.21 – indica que línguas eram línguas estrangeiras dadas como sinal para o Israel descrente.
7. 1 Co 14.27 – indica uma língua genuína porque deveria ser traduzida.

MacArthur, Jr. ainda apresenta mais seis razões porque as línguas cessaram[41]:

1. O dom de línguas era dom de milagre, e a era de milagres cessou com os apóstolos (At 28.7-10; 2 Co 12.12; Hb 2.3-4). Hoje vivemos debaixo da atuação milagrosa de Deus, mas isto não significa, que estamos ainda na era de milagres, com pessoas

---

[40] John MAcARTHUR, Jr; *op. cit.;* pp. 153-154.
[41] John MacARTHUR, Jr.; *idem ibidem*; pp. 160-165.

capazes de curar com sua sombra, ou imposição de mãos.

2. As línguas era um sinal para Israel.
3. As línguas era inferior ao dom da profecia. 1 Co 14.1-3.
4. O falar em línguas foi considerado inútil uma vez completo o Novo Testamento. Não precisava mais confirmar a palavra (Mc 16.20)
5. As línguas só são mencionadas nos livros de data mais antiga do Novo Testamento.
6. A história documenta a cessação de línguas como dom. (Por cerca de dezessete séculos nunca houve um registro sobre o dom de línguas na história do cristianismo, na visão pentecostal isso significa dizer que nesse período, não havia crentes que tiveram a plenitude do Espírito Santo, insanidade!).

Além disso, MacArthur, Jr. ainda apresenta três possibilidades para as línguas de que ouvimos falar nos dias atuais:

1. As línguas podem ser satânicas ou demoníacas. (uma das dificuldades que os pentecostais têm, é de explicar por que, espíritas, católicos carismáticos, testemunhas de Jeová, Mórmons, e outros grupos, falam em línguas idênticas as deles, se esses grupos não possuem o Espírito Santo).

2. As línguas são um comportamento aprendido. (é comum encontrarmos comunidades ditas cristãs, que em seus cultos incentivam pessoas a falarem em línguas, utilizando-se inclusive de meios para que isso ocorra. Por exemplo: a repetição mecânica e constante de uma mesma palavra por um período relevante, até que a pessoa comece a proferir fonemas desconexos).
3. As línguas podem ser psicológicas. (não é incomum encontrarmos manifestações de línguas, dentro de um ambiente preparado para que ele ocorra, música, euforia de um clamor de orações, etc... Tudo isso, produz condições favoráveis de bastante fervor e emoção, para que manifestações, somente explicadas pela psicologia, ocorram).

Concluindo esta parte, queremos conduzi-lo a questionar uma prática baseada apenas no empirismo (experiência) e que destrói a soberania e a liberdade que o Espírito Santo tem de agir como lhe apraz.

SOBRE A VIDA CRISTÃ

"Bem-aventurado aquele que teme ao Senhor e anda nos seus caminhos". Salmo 128.1

A LEI DE DEUS

Sabemos que Deus outorgou a Adão uma lei como um pacto de obras. E posteriormente revelou a Moisés e através dele que esta lei se dividia em lei moral, cerimonial e judicial.

A lei cerimonial que foi dada a Israel, a Igreja do Velho Testamento, em parte se referia ao culto e prefigurava Cristo, sua graça, seus atos, seu sofrimento e benefícios (Hb 10.1; Gl 4.1-3; Cl 2.17), mas foi abolida sob o Novo Testamento (Hb 9.11-15).

A lei judicial também deixou de vigorar sob o Novo Testamento, mas ainda exige a eqüidade geral (Mt 5.38,39).

Quanto à lei moral que foi entregue também por Deus no monte Sinai, em dez mandamentos escritos em duas tábuas de pedra, vemos que os primeiros quatro mandamentos contêm nossos deveres para com Deus e os outros seis, os nossos deveres para com os homens (Êx 20.1-17; Mt 22.37-40).

A lei moral obriga a todos a prestar obediência a Deus para sempre (Rm 13.8,9; 3.31; Ec 12.13). Cristo reveste essa lei com maior vigor (Mt 5.18,19; Tg 2.8).

É lógico que quando se diz “que não estamos mais debaixo da lei”, significa que não estamos sob a lei como um pacto de obras para nossa justificação ou condenação (Rm 6.14; 8.1). Contudo, a lei serve de grande proveito, informando-nos a vontade de Deus (Rm 7.12), nossa situação como pecador (Rm 7.7), levando-nos a maior humilhação e necessidade de Cristo, e conduzindo-nos à obediência devida a Cristo (Gl 3.24), etc.

A LIBERDADE CRISTÃ

A Liberdade que Cristo, sob o Evangelho, comprou para nós, os crentes, significa que somos libertos:

- Do pecado, da ira condenatória de Deus, da maldição da lei moral (Tt 2.14; I Ts 1.10);
- Deste presente mundo ímpio, do cativeiro de Satanás, do domínio do pecado (Gl 1.4; At 26.18; Cl 1.13; Rm 6.14);
- Da nocividade das aflições, do aguilhão da morte, da vitória da sepultura e da condenação eterna (I Co 15.56,57);
- Da separação para com Deus (Rm 5.2 Ef 2.18; Hb 4.14,16);
- Do medo servil (Rm 8.14,15; I Jo 4.18);
- Da Religiosidade (Jo 8.31-36).

Essa liberdade em Cristo deve nos conduzir à algum lugar, ou seja: Somos libertos para quê?

- Para servir ao Senhor em santidade e justiça, por todos os nossos dias (Lc

1.74,75; Rm 6.15; Gl 5.13; I Pe 2.16; Jo 8.34); e

- Para preservar e obedecer todas as ordenanças de Deus sendo passível de disciplina quem assim não proceder (I Pe 2.13,14,16; Hb 13.17; I Co 5.1-5,11,13; Tt 1.13; II Ts 3.14; Tt 3.10);

A ADORAÇÃO

O que significa adoração? De um modo geral podemos dizer que: adoração é o ato de render tributo, honra e glória à um ser, seja divino ou não. Como afirma o Rev. Hermisten Maia P. Costa:

> *"A adoração é imperativo do mesmo modo que a religião é própria do homem; desta forma, não podemos separar a adoração da religião, nem que a adoração se caracterize pelo culto silenciosamente eloqüente do permanecer frente ao espelho com o ar de sacerdote e divindade..."*[42]

Mas, e no cristianismo?

A própria revelação geral (criação) mostra que há um Deus poderoso e soberano (Sl 19.1-6; Rm 1.19,20) e que deve ser adorado (*temer, amar, louvar, invocar, crer e servir de todo o coração, de toda a alma e de toda a força*).

A adoração deve ser realizada seguindo aquilo que o verdadeiro Deus, revelando em sua Palavra, instituiu. Isso quer dizer que Ele não pode ser adorado segundo as imaginações e invenções

---

[42] Hermisten Maia P. COSTA; Teologia do Culto; São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1987, p. 10.

dos homens, ou sugestão de Satanás, ou de qualquer outro modo não prescrito nas Escrituras (Dt 12.32; Mt 15.9; Êx 20.4-6).

O que é preciso para se adorar num sentido bíblico? Desde o princípio, a revelação de Deus deixa claro que para a adoração são necessários dois agentes interdependentes: a pessoa do *Ofertante* e a *Oferta*.

Em Gênesis 4, vemos registrado o primeiro ato de adoração na Bíblia. E vemos Abel e sua oferta serem aceitas, enquanto Caim e sua oferta não serem aceitas. Posteriormente, na Lei, vemos Deus aceitar tanto o holocausto como Frutas, o que nos conduz a compreender que não basta termos uma oferta aceitável, é preciso um conjunto. A própria Escritura afirma que Caim era do Maligno (1 João 3.12). Nesta perspectiva, afirmamos que na Adoração ao Deus Trino, é necessário uma postura de adorador correta somada a uma oferta correta, segundo a própria revelação do Deus.

Outros exemplos são: Nadabe e Abiu (Lv 10.1-2) adoradores escolhidos por Deus, porém apresentaram uma oferta estranha, morreram; Uzá (2 Sm 6.6-7) apesar da boa intenção e de um aparente benefício em segurar a arca quando os bois tropeçaram, ele não podia tocar na arca, morreu.

É importante aqui, trazer uma palavra para a igreja contemporânea. Hoje em dia temos visto que a santidade tem estado em baixa, apresenta-se um Deus permissivo que está sempre pronto a fazer “vistas grossas” para o nosso pecado; além disso, a cada dia o homem, baseado numa falta de conhecimento bíblico exorbitante, declara ter recebido revelação impondo uma criatividade no

culto que não lhe é permitido. Todos os dias vemos inovações e *aberrações* serem incluídas na adoração e no culto. A única certeza que temos é que Deus não tem aceitado tais manifestações de adoração, que desprezam a postura correta e santa do adorador e, por mais que haja boa intenção, não obedecem o prescrito pelo próprio Deus como oferta, "em espírito e em verdade" (Ml 2.13; Jo 4.23-24; Rm 12.1-2).

Voltando propriamente ao estudo sobre adoração, ainda precisamos responder:

Onde adorar? Sob o Novo Testamento, a adoração não é restrita a um certo lugar, nem a uma direção (Jo 4.21). Mas Deus deve ser adorado em todo lugar (Ml 1.11; I Tm 2.8).

Quando adorar? A adoração tem que ser permanente, em tudo que faço, diariamente (Mt 6.11; Js 24.15; Fp 4.6; Cl 3.17; I Ts 5.17; Sl 150), em família (Dt 6.7; Jó 1.5; At 10.2), em secreto, estando sozinho (Mt 6.6; Ef 6.18) e no culto com os demais irmãos (Is 56.7; Hb 10.25; At 2.42; Lc 4.16; At 13.42).

Como adorar? Já vimos que é conforme o que o próprio Deus instituiu em sua Palavra. Portanto, a adoração deve ser prestada:

Somente a Deus, Pai, Filho e Espírito Santo (Jo 5.23; II Co 13.13; Mt 4.10), isso exclui adoração aos anjos, santos, como a toda criatura - viva ou morta (At 10.25-26; 14.13-15; Rm 1.25; Cl 2.18; Ap 19.10).

Pela mediação de Jesus Cristo unicamente (I Tm 2.5; Ef 2.18).

Com auxílio do Espírito Santo (Rm 8.26).

Em espírito e em verdade (Jo 4.23,24).

Com humildade (Gn 18.27; Tg 4.10).

Com racionalidade (Rm 12.1-2).

Com fé e obediência (Gn 4.1-7; Hb 11.4; I Cr 16.29).

Sobre o Culto: qual a diferença entre adoração e culto? Ou seja:

O que é culto?[43] Culto é adoração prestada ao Senhor nosso Deus, de acordo com o que Ele mesmo instituiu em Sua Palavra, através de orações, leitura bíblica, sã pregação da Palavra, cânticos e administração dos sacramentos instituídos por Jesus (Batismo e Ceia).

Qual a diferença entre Culto e Missa? Basicamente podemos dizer que a diferença esta na liturgia, ou seja, nas partes que compõem o culto ou a missa. Sabemos que a Missa obedece uma liturgia cerimonial rígida e foi instituída por volta do ano 394 d.C. baseada nos elementos do Tabernáculo e no Templo registrados no Antigo Testamento, substituindo Jesus no lugar das ofertas e holocaustos. Por isso, se diz que na missa Cristo é dominicalmente crucificado. Já o culto é uma prática realizada desde os primórdios pelo povo de Deus, depois referendado pelo povo de Israel, com uma liturgia definida pelas Sinagogas Judaicas e que sob o Novo Testamento recebem a aplicabilidade dos ensinos de Jesus Cristo e dos Apóstolos.

E SOBRE A ORAÇÃO?

Segundo o Catecismo Maior de Westminster na sua pergunta de nº 178 – que é a oração,

---

[43] Para maiores detalhes confira: Hermisten Maia P. COSTA; *op. cit.;* 62 páginas.

vemos: *"A oração é o oferecimento dos nossos desejos a Deus, em nome de Cristo e com o auxílio do seu Espírito, com a confissão de nossos pecados e um grato reconhecimento das suas misericórdias"*.[44]

Podemos dizer que:

- a oração é um instrumento dado por Deus como fonte de comunhão (Fp 4.6; Mt 17.21; 26.41; Mc 11.25; At 1.14; 1 Co 7.5);
- a oração demonstra obediência (1 Tm 2.8; Lc 18.1; 1 Ts 5.17);
- a oração revela dependência de Jesus (Jo 14.13,14);
- a oração mostra confiança no auxílio do Espírito Santo (Rm 8.26);
- a oração implica em sujeição à vontade de Deus (1 Jo 5.14; Tg 4.2-3).

Além disso, devemos nos lembrar que a Revelação de Deus, também nos traz princípios sobre a oração, e que são tratados no Catecismo Maior, da pergunta 179 à 186. Princípios como:

- Orar somente a Deus (At 1.24; Sl 65.2; Mt 4.10; Sl 50.15);
- Orar em nome de Jesus (Jo 14.13,14; Hb 4.14-16; 1 Tm 2.5; Cl 3.17; Hb 13.15);
- Orar confiando na ajuda do Espírito (Rm 8.26).

Outras questões são importantes, quando estamos tratando do tema oração. Por exemplo, como, quando, onde e por quem orar. Vejamos:

Como devemos orar?

---

[44] O CATECISMO MAIOR DE WESTMINSTER; Pergunta 178, São Paulo, Cultura Cristã, 2002, pág. 275.

De modo perseverante, porém, sem vãs repetições (Rm 12.12; Cl 4.2; 1 Ts 5.17; Mt 6.7).

Com toda a humildade, confiança e dependência (Mt 6.5; Lc 18.11-14; Mt 26.44; 1 Ts 3.10; At 14.23; 6.6; 13.3; Jd 20).

Quanto a posição, esta não é o mais importante, desde que demonstre reverência, mas o foco está na atitude (posição) do coração e da mente.

Quando devemos orar?

Sempre, em todo o tempo, diariamente (1 Ts 5.17; Ef 6.18; Mt 6.11).

Onde devemos orar?

Podemos orar em todo lugar, seja em secreto ou em público, em casa ou na igreja (Mt 6.6; At 2.42; At 9.10-11; 10.2; 3.1).

Por quem e pelo que devemos orar?

Por tudo que a Palavra de Deus nos revela, que redunde em glória a Deus, à sua igreja e a seu povo. Porém, devemos tomar cuidados com aquilo que a Bíblia demonstra ser ilícito (Ef 6.18; Sl 28.9; 1 Tm 2.1-2; 2 Ts 3.1; Cl 4.3; Gn 32.11; Tg 5.16; 2 Ts 1.11; Mt 5.44; 1 Tm 2.1; Jo 17.20; 2 Sm 12.22,23; Lc 16.25,26; Hb 9.27,28; 1 Jo 5.16);

Ainda podemos dizer que há vários tipos de oração, que devem ser observados, principalmente no culto público:

Oração de Adoração – pelo que Deus é (1 Sm 2.1-3);

Oração de Louvor – pelo que Deus fez, faz ou fará (Lc 1.46-49; Sl 42.8);

Oração de Gratidão (Ações de Graças) – por algo que Deus fez (Sl 72.15; Ef 5.20);

Oração de Súplica – pedido de ajuda por alguém ou por si mesmo (Sl 6.9; Tg 5.13; 1 Tm 2.1,2; Jo 17.20; Lc 1.13);

Oração de Intercessão – por alguém (At 12.5; Mt 5.44);

Oração de Contrição – desejo de mudança (Sl 51.17);

Oração de Confissão – arrependimento pelo pecado (1 Jo 1.9-10; Sl 51.4; Tg 5.15).

QUAIS SÃO OS SACRAMENTOS?

Antes de propriamente identificarmos quais são os sacramentos bíblicos, faz-se necessário entendermos o que é um sacramento.

Quanto a definição há várias frases prontas, mas que apontam para o mesmo lugar. Separamos algumas dentro da perspectiva da Igreja Reformada. Vejamos:

Para Calvino:

> *"É um sinal externo com que o Senhor sela em nossa consciência a promessa de sua boa vontade para nós, a fim de sustentar na fraqueza de nossa fé, e de testemunhar por nossa parte diante de Dele, dos anjos e dos homens a piedade e reverência que lhe professamos"*[45].

Já para Agostinho, inclusive citado por Calvino, sacramento é uma forma visível de uma graça invisível, ele diz: "*Sacramento é um sinal visível de uma coisa sagrada".*

---

[45] Juan CALVINO; *op. cit.*, pág. 1007.

Na CFW vemos:

> *"Os sacramentos são santos sinais e selos do pacto da graça, imediatamente instituídos por Deus para representar Cristo e seus benefícios, e confirmar o nosso interesse nele, bem como para fazer uma diferença visível entre os que pertencem à Igreja e o restante do mundo, e solenemente comprometê-los no serviço de Deus em Cristo, segundo sua Palavra".*[46]

De um modo geral, todas as definições levam ao mesmo entendimento, ou seja: sacramento é algo ordenado por Cristo (sendo Deus), onde por meio de um sinal visível nos é aplicado verdades invisíveis já recebidas, dadas pela graça de Deus a nós, seus filhos, para nos fortalecer na fé e nos dar a oportunidade de testemunhar sobre ela aos outros. (Gn 17.9-11; Ex 13.9-10; 12.3-20; Rm 4.11).

Baseado nessas definições e nos textos lidos, podemos definir que os objetivos dos sacramentos são:

- Sustentar nossa fé, dando-nos certeza sobre ela (Rm 6.3-4; 1 Co 10.14-22);
- Servir para testemunhar nossa fé em Deus (Ex 12.48; Hb 13.10; 1 Co 11.27-29).

Quanto do significado da palavra "sacramento" o mais usado no contexto bíblico é: "mistério das coisas divinas ou sagradas" (Ef 1.9; 3.2-3; Cl 1.26-27).

Por ser um mistério todo sacramento tem que estar fundamentado na Palavra de Deus. Os sacramentos são totalmente dependentes da

---

[46] CFW; *op. cit.*, Capítulo XXVII – Dos Sacramentos, 3ª ed. 1997, pág. 137.

Palavra, não podem existir sem base explícita nas Escrituras. Caso contrário, tornam-se meros ritos, sem nenhum vínculo com os meios de graça divino.

A falta de conexão entre o entendimento de sacramento e daquilo que o próprio Deus revelou em sua Palavra, gerou alguns ritos e práticas dentro de um contexto de igreja sem as devidas características de um sacramento bíblico. É o que vemos acontecer na Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR).

Por que há diferença entre os sacramentos ensinados nas Igrejas Protestantes e na ICAR?

Primeiramente, porque para os teólogos da ICAR, sacramento é um rito instituído por Cristo e *pela Igreja Católica Apostólica Romana* como sinal externo e visível de alguma graça interna e espiritual. E, em segundo lugar, porque tendo a ICAR igual autoridade a de Cristo, através de sua Tradição, ela pôde instituir sacramentos de acordo com os ritos freqüentes no meio de seus fiéis.

Deste modo, há na ICAR sete sacramentos, sendo que a maioria foi fixado pela tradição medieval. São eles:

- Batismo (perspectiva para regeneração);
- Confirmação
- Santa Eucaristia
- Penitência
- Extrema-unção
- Santas Ordens (ordenação) e
- Matrimônio.

Na perspectiva da ICAR todos são necessários para a regeneração e conseqüentemente para a salvação. Mas biblicamente falando, o modo que eles entendem,

não passam de ritos, sem características de sacramento.

Já na Igreja Reformada[47] a única autoridade normativa é a Palavra de Deus, que inclui todos os livros do Velho e Novo Testamento, conforme já estudamos.

Devido a essa expressão de fé,todos os assuntos e doutrinas da Igreja Reformada, têm base na própria Escritura; portanto, quanto ao estudo sobre sacramentos, não é diferente.

Segundo a Bíblia no Velho Testamento encontramos dois sacramentos, que correspondem a definição: Circuncisão e Páscoa (Gn 17.9-14; Ex 12.1,2).

Circuncisão – prática instituída por Deus, usada como símbolo para os filhos dos que pertenciam ao povo de Deus, ou para aqueles que ingressavam na profissão da fé judaica. É interpretado como sinal de pacto entre Deus e o seu povo escolhido. Porém, se caracterizava por um sinal externo, aparentemente cruento, onde o prepúcio do pênis era cortado.

Páscoa – prática instituída por Deus para representar a redenção dos judeus da servidão no Egito; servia para testemunhar a redenção do povo de Deus da servidão do pecado. Porém, também, se caracterizava por um sinal externo cruento, com o sacrifício de um cordeiro.

---

[47] Como já sabemos, são as igrejas provenientes da Reforma Protestante do séc. XVI, com sistema teológico calvinista, tendo a Palavra de Deus como regra única e infalível de fé e prática, e que adotam como símbolos de fé a Confissão de Fé de Westminster e os seus catecismos.

Já no Novo Testamento vemos uma transição dos sinais externos dos sacramentos, já instituídos no Velho Testamento. O significado de cada um permanece, porém, o sinal visível e externo passa por uma transição.

A circuncisão, que é o sinal visível do pacto com Deus, passa a ser representada pela prática do Batismo Cristão, que também serve para selar aqueles que creram, mostrando que fazem parte do povo de Deus, da parte visível da Igreja de Cristo, ou seja, simboliza a mesma bênção espiritual que era simbolizado pela circuncisão antes do ministério de Cristo. Agora todos as pessoas, não apenas o menino ou o homem recebem o sinal, mas todos os que crêem e professam sua fé. E não é um sinal cruento.

A Páscoa que representa a libertação do povo de Israel da servidão do Egito e conseqüentemente da escravidão do pecado, através do sangue de um cordeiro imolado, é transferido para o sinal da Celebração da Santa Ceia, onde Cristo assume a figura de cordeiro pascal que tira o pecado do mundo (Jo 1.29). Portanto, a Santa Ceia representa o que Cristo fez pelos seus, ou seja, simboliza a redenção que a Páscoa simbolizava para o judeu. Na Santa Ceia o "corpo e o sangue", representados pelo "pão e o vinho" simboliza a morte de Cristo como nosso substituto, e nos relembra da bênção espiritual que a obra de Jesus traz a todo que nele crê. E não é cruento como a cerimônia da Páscoa.

Deste modo, chegamos a dois sacramentos apenas, instituídos por Cristo, tendo Ele mesmo como mensagem principal, simbolizando bênçãos espirituais já recebidas e assim fortalecendo-nos na

fé e no testemunho; a saber: Batismo e Santa Ceia. Não há nenhum outro sacramento além desses dois nos textos da Escritura.

Quanto ao Batismo infantil, o mesmo esta firmado no pacto de Deus com seu povo, quando instituiu a circuncisão como sinal do pacto. Tendo em vista a transição do sinal do Antigo Testamento no Novo Testamento, ou seja, da circuncisão para o Batismo Cristão, da mesma forma que os meninos tinham direito à cerimônia da circuncisão no Velho Testamento, hoje nossas crianças têm o direito do sinal do pacto sob o Novo Testamento, que é o batismo. Não para regeneração, como os católicos pensam e ministram, mas, por obediência a revelação de Deus, que promete ser nosso Deus e de nossos descendentes, inclusive com sanções para aqueles que desprezam o pacto (Gn 17.14).

Vemos portanto, que nos dias de Abrão, a igreja, também designado povo de Deus, recebeu um sinal visível a ser ministrado naqueles que pertenciam à Aliança da Graça. Este sinal era a marca de ingresso na comunidade dos crentes e simbolizava as promessas de regeneração feita à Abraão e a sua descendência. No Velho Testamento (Antiga dispensação) esse sinal era a circuncisão, aplicada a todos do sexo masculino. No caso dos filhos de crentes, ao oitavo dia de vida, deveriam receber o sinal ordenado pelo próprio Deus. No Novo Testamento (Nova dispensação), a Aliança continua, pois é perpétua e imutável, mas o sinal externo, foi substituído pelo batismo cristão (Mt 28.19; Cl 2.11,12) e agora é aplicado a todas as pessoas que pertencem a Aliança, independente do sexo (Gl 3.27-29). Logo o Batismo infantil é ministrado com base na aliança, da mesma forma

que era aplicada a circuncisão. Assim, as crianças, filhos de crente, devem receber o batismo como sinal e selo da Aliança, significando que estão dentro da Igreja e sob a promessa feita por Deus.

E O DÍZIMO?

Está aqui um dos assuntos mais constrangedores de nossos dias. Constrangedor para aqueles que não conhecem o verdadeiro significado, objetivo e resultado da prática do dízimo e das ofertas. Constrangedor para aquele que não reconhece a benevolência do Senhor e sua real soberania. Constrangedor para aqueles que têm seu coração nas posses e bens materiais ao invés de tê-lo no reino de Deus.

Porém, para aquele que entende que dele, por meio dele e para ele são todas as coisa, estudar sobre mordomia cristã, é compreender que o que somos, temos e possuímos pertence unicamente ao Senhor e Criador de tudo, nosso Deus, e que a contribuição financeira é uma bênção.

Para aqueles que questionam a prática do dízimo em nossos dias, que zombam ou negligenciam, falta-lhes conhecimento de que a prática em questão não é apenas uma prática de membro de igreja, para sustentar uma instituição, mas sim, de qualquer crente em qualquer tempo.

Para aqueles que pensam que o dízimo é algo determinado pela Lei cerimonial e que portanto, perde o valor quando Cristo cumpre cabalmente a lei cerimonial, negligenciam fatos importantes a respeito do dízimo, que passamos a expor:

Primeiramente, devemos mencionar que a prática de dizimar ao Senhor foi utilizada primeira vez, em caráter germinal, ou seja, sem características específicas do dízimo, com Abel, que trouxe das *primícias* em oferta ao Senhor (Gn 4.4). Propriamente o dízimo foi entregue pela primeira vez pelo patriarca Abraão (Gn 14.20) à Melquisedeque que era sacerdote do Deus Altíssimo (Gn 14.18). Em outro momento, Jacó, outro patriarca, após uma experiência com Deus, fez-lhe um voto afirmando que daria o dízimo (Gn 28.18-22). Estes exemplos demonstram que a prática do dízimo é anterior a Lei e que portanto, não estava presa a lei cerimonial, realizada por Cristo. Nesse período vemos que o dízimo tem como significado demonstrar gratidão à Deus e servir como testemunho e profissão de fé.

Em segundo lugar, vemos que a Lei incorporou tal prática como uma obrigação ao povo de Deus que agora se via ligado a uma instituição, e que como qualquer outra necessitava da manutenção. Moisés revelando sobre a vontade de Deus deixa claro que a prática do dízimo era uma responsabilidade sobre cada um (Lv 27.30). Nesse momento o dízimo acrescenta em seu significado o fato de demonstrar obediência, fidelidade e santidade ao Senhor. Tanto que o último livro do Antigo Testamento traz uma “Sentença” contra aqueles que estavam sendo infiéis e tornando-se “ladrões” diante de Deus por negligenciar a prática do dízimo e das ofertas (Ml 3.8-10). Ainda é acrescentado nesse período a finalidade do dízimo. No Antigo Testamento fica explícito que os objetivos do dízimo são: trazer sustento para aqueles que serviam no santuário (Nm 18.21), os

levitas; trazer amparo ao estrangeiro, ao órfão e a viúva que estavam no convívio com o povo de Deus (Dt 14.28,29); e trazer recursos para manutenção da casa de Deus (Ml 3.10).

Em terceiro lugar, é preciso entender que sob o Novo Testamento, Jesus Cristo, o Senhor da Igreja e posteriormente os apóstolos, não derrubam ou impedem a prática do dízimo e das ofertas, pelo contrário, confirmam a prática num contexto neotestamentário, inclusive aplicando como responsabilidade de todo cristão, quer judeu, quer gentio. Jesus confirma e sanciona a doutrina do dízimo, quando condena os escribas e fariseus pela ausência de em conjunto com a fidelidade nos dízimos a prática da justiça, da misericórdia e da fé (Mt 23.23). Quando o Senhor Jesus diz: *"...devíeis, porém, fazer estas cousas, sem omitir aquelas!",* Ele se refere que como tementes a Deus, os escribas e fariseus deveriam praticar a justiça, a misericórdia e a fé, sem negligenciar ou omitir a fidelidade na entrega do dízimo.

Ainda no Novo Testamento vemos o apóstolo Paulo, inspirado por Deus, sancionar que tanto o dízimo como as ofertas servem para manter aqueles que dedicam sua vida à obra do evangelho (1 Co 9.13,14; Fp 4.10-17), e em amparar as necessidades da igreja e dos verdadeiramente necessitados (Rm 15.26; 2 Co 8.3,4; 1 Tm 5.16).

Outro aspecto importante, refere-se ao significado do dízimo, Jesus acrescenta que além de demonstrar gratidão, servir de testemunho e profissão de fé, de mostrar obediência, fidelidade e santidade, a prática de entregar o dízimo e as ofertas, revelam nossa confiança plena na soberania e providência divina (Mc 12.41-44).

Além disso, poderíamos citar vários outros textos e contextos onde o dízimo e as ofertas são práticas de obediência e consagração (Pv 3.9; Ex 23.15). Porém, nem o dízimo, nem as ofertas devem ser um peso, ou um meio de troca, focando apenas as promessas de Deus para aquele que dizima e oferta (2 Co 9.7).

Certamente as bênçãos do Senhor serão derramadas sobre aqueles que alegremente em: gratidão, fé, obediência, fidelidade, santidade e confiança trouxerem à Deus seu dízimo e suas ofertas (Ml 3.10b); mas não serão derramadas sobre aqueles, que ofertam com o intento de satisfazer sua concupiscência, como Caim, Nadabe, Abiu, Ananias, Safira e tantos outros, ou sobre aqueles que pensam que dizimando estão quites com Deus e sua obra. Sobre isto cito o Rev. Adão Carlos Nascimento que diz:

> *"Algumas pessoas afirmam que não dão ofertas porque são dizimistas. Pensam que entregando o dízimo fielmente estão cumprindo todas as suas obrigações financeiras com a obra de Deus. Mas o dízimo é o mínimo. Quem entrega fielmente o dízimo está apenas cumprindo a sua obrigação em devolver ao Senhor a parte que lhe cabe em nossa renda. Além do dízimo devemos consagrar ao Senhor as nossas ofertas, pois são elas que demonstram a nossa gratidão a Deus e o nosso amor à sua igreja e à sua obra".*[48]

Quando compreendemos que a entrega do dízimo e das ofertas demonstram gratidão, fé, obediência, fidelidade, santidade e confiança plena

---

[48] Adão Carlos NASCIMENTO; *Pensando e Repensando a Profissão de Fé*; Santa Bárbara D'Oeste-SP, Socep, 2004, pp. 158-159.

em Deus e em suas promessas de providência diária, que através do dízimo e das ofertas glorificamos a Deus e somos instrumentos de bênçãos na vida de outros, que através do dízimo e das ofertas já nos fazemos abençoados, pois temos algo a entregar, então, receberemos a melhor recompensa que a entrega do dízimo e das ofertas pode nos dar: a alegria de participar da graça de Deus e de ver sua graça sendo derramada sobre nós por causa da sua fidelidade e não da nossa. (2 Co 8.9).

SOBRE A IGREJA

"Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela". Mateus 16.18

O QUE É A IGREJA?

Quando pensamos em Igreja, vários pensamentos são possíveis: desde um edifício em algum lugar conhecido, ou uma denominação específica, até mesmo, uma comunidade cristã, ou num sentido mais amplo, a totalidade dos crentes do passado, presente e futuro. Porém, na Bíblia o enfoque é dado como assembléia, grupo reunido, reunião daqueles que crêem (ekklesia).

Num sentido mais apurado, podemos dizer que a igreja é o corpo de Cristo formado por todos os seus verdadeiros servos, juntamente com seus filhos, espalhados pelo mundo inteiro (Mt 16.18; Ef 1.22-23; 4.5; 5.23; ,27,32; Cl 1.18; Gn 17.7; At 2.39; I Co 7.14). E por isso se diz que a Igreja é católica ou universal. É esta a definição exposta em nossa Confissão de Fé.

Porém, não podemos nos esquecer que a Igreja veio de Deus e é de Deus (Mt 16.18; Ef 1.22-23).

HÁ QUANTAS IGREJAS?

Há somente uma igreja de Cristo, porque há somente um corpo de Cristo.

Se pensarmos na definição que demos e cremos sobre a Igreja, fica fácil compreender que a mesma teve início no Antigo Testamento. Há uma divergência nesse sentido entre alguns grupos evangélicos, porém, nada que um olhar sincero e bíblico não resolva. Se a Igreja é o corpo de Cristo, e isto significa dizer que é formado por pessoas que crêem em Cristo como seu salvador, não fica difícil entender porque a Igreja começa bem cedo. Diria que no Jardim do Éden, provavelmente. Vejamos: no momento da queda, nossos primeiros pais receberam a justa punição, mas ao mesmo tempo receberam uma promessa (Gn 3.15); nessa promessa Deus prometia que o descendente da mulher prevaleceria e venceria o descendente do diabo, em outras palavras foi prometido um salvador, redentor. Depois de expulsos do Jardim, Adão e Eva dão a entender que creram na promessa do salvador, isto fica claro na fala de Eva por ocasião do nascimento de Caim e na prática de ofertório dos seus filhos (Gn 4.1-6,26). Outro ponto importante e determinante sobre a afirmação de que a Igreja existe deste o Antigo Testamento e que é a mesma, deve-se ao fato de que não há salvação fora de Jesus, e que portanto, as pessoas do Antigo Testamento também eram salvas por crerem em Jesus, ou seja, o Messias Prometido. Se a Igreja é a reunião de todos os que crêem em Jesus Cristo, ela está presente desde o Antigo Testamento. A diferença é apenas temporal, aqueles que creram na promessa do Messias, aqueles que creram no Messias, e aqueles que crêem e crerão na primeira vinda e ministério terreno do Messias.

Isso é importante para entendermos que as alianças feitas no Antigo Testamento permanecem, que os sacramentos são os mesmos, que a igreja é a mesma. Tanto que Estevão em sua defesa refere-se ao povo de Israel nos dias de Moisés como sendo da Igreja do deserto (At 7.38), o que é corroborado por Paulo quando explica sobre a entrada dos gentios na igreja, usando a figura de uma oliveira, onde foi enxertada ramos de oliveira brava (gentios), mas a oliveira é sempre a mesma (Rm 11.17-22).

Esta Igreja teve início desde o Velho Testamento, porém, teve seu "amadurecimento" com o derramamento do Espírito Santo, que é quem mantém a igreja, tornando-se universal. Porém, há distinções feitas na igreja de Cristo, dividindo-a:

a. Igreja Invisível – constituída pelo número total dos eleitos de todos os tempos – *coetus electorum* (Hb 12.23).
b. Igreja Visível – constituída de todos os membros da igreja no mundo, *coetus fidelium*, e estes divididos em igrejas locais.

Outra divisão que é feita para melhor estudarmos sobre o tema é:

a. Igreja Militante – constituída pelos crentes pelo mundo, que militam contra as forças do mal para cumprirem a missão que o Senhor designou à toda Igreja. É a parte da igreja que está na terra, lutando e anunciando o evangelho (Ef 6.12).
b. Igreja Triunfante – constituída por todos os crentes que atuaram na igreja militante

e que já partiram para a Glória Celestial. É a parte da igreja que já está no céu com o Senhor (Ap 7.9-17).

O QUE CARACTERIZA UMA IGREJA CRISTÃ?

Uma verdadeira igreja cristã é caracterizado pelas marcas da verdadeira igreja, que são três:

Pregar e ensinar os oráculos de Deus para o ajuntamento e aperfeiçoamento dos santos (Ef 4.11-12; Is 59.21; Mt 28.19,20).

Administrar os sacramentos instituídos pelo Senhor Jesus Cristo: Batismo e Santa Ceia (Mt 28. 19,20; Mc 16.16; I Co 11.23-26).

Aplicar a disciplina eclesiástica (I Co 5.6,7; Mt 18.15-20).

POR QUE A DISCIPLINA É IMPORTANTE?

Além de ser uma das marcas da verdadeira Igreja Cristã, é pela disciplina que Deus através da Igreja, aplica sua correção naqueles que Ele ama (Hb 12.4-17).

Em virtude do contexto de assédio do pecado, inclusive sobre os regenerados, e de que em determinados momentos estes podem se desviar dos caminhos, a disciplina na Igreja se torna necessária e útil: para manter a Igreja perfeitamente ordenada (Gl 5.15; Mt 16.18; Ef 1.22-23) e, manter cada membro em seu devido lugar (1 Pe 2.5; Ef 2.21).

Ao contrário do que muitos pensam, a disciplina não tem como objetivo humilhar e castigar o faltoso. Na verdade a disciplina na Igreja

tem por objetivos: suscitar o arrependimento dos pecadores (Mt 18.15; Gl 6.1; 2 Tm 3.16; Hb 12.10-11; 2 Ts 3.14; 1 Co 5.5; Ez 3.18), manter a pureza da Igreja e dos sacramentos (1 Co 5.6-13; Jo 18.17; 1 Co 11.27-34; Cl 1.24; Ez 33.8) e, servir de exemplo para impedir que outros pratiquem ofensas semelhantes (1 Tm 5.20; At 5.11; 1 Co 5.6-13; 2 Ts 3.14).

Outro fator importante é reafirmar a autoridade que o próprio Deus confiou à sua Igreja, pois somente a autoridade constituída pelo próprio Deus tem condições de aplicar a disciplina sobre os culpados. Foi o próprio Senhor Jesus que constitui um governo através dos oficiais, dando-lhes autoridade para disciplinar (1 Ts 5.12; At 20.17, 28; 1 Co 12.28; 2 Co 2.6-8; Mt 16.19; 18.18-20; Jo 20.21-23).

Em suma, a disciplina na Igreja é importante para evitar que os crentes individualmente e a Igreja como um todo se desviem, e percam as características cristãs.

DESVIOS DA IGREJA CRISTÃ

Justamente por não estar atenta as marcas da verdadeira Igreja de Cristo, na história vemos momentos em que a Igreja acaba por se desviar de Deus e de Sua Palavra, desfigurando-a e conduzindo-a para tradições humanas e práticas pagãs.

Desde o Antigo Testamento vemos registrado na Bíblia que isso acontece; e mesmo quando a Igreja não aplica a disciplina como deveria, o próprio Deus age para restaurar sua

Igreja. Histórias como o dilúvio, escravidão no Egito, exílio Babilônico são exemplos disso.

Porém, mesmo depois do período de revelação, com a Bíblia completada e todo os desígnios de Deus revelado na pessoa de Jesus Cristo, a Igreja ainda continuou buscando acrescentar coisas novas à prática ortodoxa.

Na era conhecida como Cristã, após o período chamado de Igreja Primitiva, marcado pelo crescimento do cristianismo e por várias perseguições, vivemos a era dos pais da igreja. Por volta de 310 d.C. Constantino era imperador de Roma e pelo que tudo indica se converteu e oficializou o cristianismo como religião do império. Isto significou que não ser cristão era ir contra o poder do império, e ninguém queria isso. Deste modo todos que estavam debaixo do jugo de Roma agregaram-se a Igreja Cristã, porém, o coração continuava nas suas falsas religiões e práticas abomináveis à Deus, que com o tempo foi acrescida dentro da Igreja de Cristo, num processo chamado sincretismo religioso. Daí surgiu a denominação que conhecemos como Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR). Vejamos alguns desvios dos ensinamentos bíblicos, que esta denominação trilhou:

310 d.C – reza pelos defuntos.
320 d.C – uso das velas.
375 d.C – culto dos Santos.
394 d.C – instituição da missa.
431 d.C – culto a virgem Maria[49].

---

[49] Tudo indica que os seguidores de *Diana, Afrodite* e outras divindades femininas, ao se agregarem a Igreja Cristã onde não havia uma figura feminina para adoração, trabalharam para que a figura de

500 d.C – uso da roupa sacerdotal.

503 d.C – doutrina do purgatório.

606 d.C – Bonifácio III se declara bispo universal “Papa”.

609 d.C – obrigatoriedade de se beijar os pés do bispo universal.

783 d.C – adoração de imagens e relíquias.

850 d.C – uso da água benta.

993 d.C – canonização dos Santos.

1003 d.C – instituição da festa dos “Fiéis Defuntos” (Finados).

1074 d.C – celibato sacerdotal.

1076 d.C – dogma da “infalibilidade da Igreja”.

1090 d.C – invenção do rosário.

1184 d.C – instituição da “Santa Inquisição”.

1190 d.C – venda de indulgências.

1200 d.C – pão da comunhão foi substituído pela óstia.

1215 d.C – criou a confissão auricular.

1215 d.C – dogma da transubstanciação.

1220 d.C – adoração da óstia.

1229 d.C – proibição da leitura da Bíblia.

1295 d.C – uso das campainhas na missa.

1316 d.C – instituição da reza da “Ave Maria”.

1415 d.C – eliminação do uso do vinho na comunhão.

Maria fosse adorada encobrindo o desejo de adoração para as demais divindades femininas pagãs. Isto pode ser comprovado inclusive no catolicismo brasileiro onde várias imagens de santos católicos são usados como imagem para entidades do candomblé, quimbanda, umbanda e etc. (Ex. N. S. Aparecida – Yemanjá; Sta Bárbara – Yansâ; etc...).

1546 d.C – doutrina que equipara a tradição com a Bíblia.

1546 d.C – introdução de sete livros apócrifos nas Escrituras.

1854 d.C – dogma da imaculada concepção de Maria.

1870 d.C – dogma da infalibilidade papal.

1950 d.C – Dogma da presença real e corporal de Maria no céu (Ascensão de Maria).

Aqui estão alguns exemplos do desvio que a Igreja Católica trilhou em sua história. Mas, como já vimos que a Igreja é de Deus e veio de Deus, ele em determinados momentos levantou instrumentos seus para restaurar e reformar sua Igreja. Noé, Moisés, Josué, Elias, Eliseu, Josias, Neemias, seu próprio Filho, os Apóstolos, John Huss, Martinho Lutero, João Calvino, e tantos outros.

Deste modo, tratando especificamente com os desvios da ICAR, em 31 de Outubro de 1517, Deus permitiu que homens lutassem para ver a Igreja possuir novamente as marcas de uma verdadeira Igreja Cristã. Surgiu então um movimento conhecido posteriormente como Reforma Protestante que tinha como bandeira, cinco pilares: Somente a Escritura, Somente a Graça, Somente Cristo, Somente a Fé e Somente Glória à Deus.

Sob direção de Deus e firmados nesses pilares vimos ressurgir a Igreja Cristã nos moldes bíblicos.

QUAL A MISSÃO DA IGREJA CRISTÃ?

A Igreja além de possuir as marcas de uma verdadeira igreja cristã, deve também estar ciente da sua missão. Existem três palavras gregas que expressam corretamente qual é a missão da igreja cristã. São elas:

□□□□□□□□(Kerigma) – significa mensagem, ou seja, a proclamação do evangelho a toda criatura (Mc 16.15).

□□□□□□□□ (Diaconia) – significa serviço, ou seja, prestação de auxílio às pessoas e à sociedade, por parte da Igreja (At 2.45).

□□□□□□□□ (Koinonia) – significa comunhão, ou seja, a prática da união e fraternidade na igreja, resultando em testemunho e serviço, e comunhão com o próprio Deus (At 2.42-44).

QUAIS SÃO MEUS DEVERES PARA COM A IGREJA?

Viver de acordo com a doutrina da Escritura Sagrada (Ef 4.1);

Honrar e propagar o Evangelho pela vida de testemunho e pela pregação da Palavra (II Tm 3.14; 4.2);

Sustentar, moral e financeiramente a igreja e suas instituições (Ml 3.10-11; I Co 9.1-14);

Obedecer às autoridades da Igreja enquanto permanecerem fiéis aos ensinos da Bíblia (Hb 13.17);

Participar dos trabalhos e reuniões, inclusive administrativas, quando convocados (Hb 10.25).

QUANDO SERÁ O FIM DA IGREJA?

A Igreja tem sofrido grandes ataques do nosso inimigo. Erram aqueles que pensam que o Anticristo vem se apresentar em oposição direta a Cristo e sua Igreja. Como a palavra permite, Anticristo não significa apenas contra Cristo, mas pode ser traduzida como: *em lugar de Cristo.* E é isso que temos visto. A Igreja tem sofrido por se adaptar ao presente século. Liturgia, doutrinas e práticas que aparentemente não vão contra Cristo e a Palavra de Deus, mas que quebram sutilmente a autoridade de Cristo e de Sua Palavra.

Porém, mesmo diante desses perigos a Igreja não terá um fim, pois mesmo na eternidade será ainda a reunião do corpo de Cristo.

A Igreja de Cristo continuará até a ponto da mais gloriosa perpetuidade, e sempre haverá na terra um remanescente fiel, até a volta de Jesus.

E depois deste evento, a Noiva e o seu Noivo viverão eternamente juntos e felizes. (Ef 5.23-27).

SOBRE AS ÚLTIMAS COISAS

"...Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá de modo como o vistes subir" Atos 1.11

O QUE ACONTECE DEPOIS DA MORTE?

Sabemos que a morte é uma conseqüência direta do pecado e que pesa sobre todos os seres (Rm 5.12). Existe uma trajetória na vida de todos que culmina na morte, é inevitável. Mas o que acontece depois da morte?

Seguindo a CFW, os corpos dos homens, depois da morte, voltam ao pó e vêem a corrupção (Gn 3.19; At 13.36; Ec 12.7), mas suas almas (que nem morrem nem dormem), sendo imortais, voltam imediatamente para Deus que as deu (Lc 23.43; Fp 1.23; II Co 5.6-8).

As almas dos justos, sendo aperfeiçoadas em santidade, são recebidas no mais alto do céu, onde contemplam a face de Deus em luz e glória, esperando a plena redenção de seus corpos (Rm 8.23). As almas dos ímpios (injustos) são lançadas no inferno, onde permanecerão em tormentos e em trevas espessas (2 Pe 2.9). Além desses dois lugares distintos às almas separadas dos seus respectivos corpos, as Escrituras não reconhecem nenhum outro lugar.

O QUE ACONTECERÁ NO ÚLTIMO DIA?

Primeiramente temos a promessa da volta do Senhor Jesus, isso resultará nos demais acontecimentos do último dia (1 Ts 4.13-17; Mt 24.29-31).

No último dia, os que estiverem vivos não morrerão, mas serão transformados (I Ts 4.17; I Co 15.51,52).

Todos os mortos, sem exceção, serão ressuscitados com os seus mesmos corpos, embora com qualidades diferentes, e se unirão novamente às suas almas para sempre (1 Co 15.42-44).

Os corpos dos injustos serão, pelo poder de Cristo, ressuscitados para a desonra (At 24.15; Jo 5,28,29).

Os corpos dos justos serão ressuscitados para a honra e para serem semelhantes ao próprio corpo glorioso de Cristo (Fp 3.21).

Ainda nesse dia, Jesus Cristo, com justiça, há de julgar o mundo (At 17.31; Mt 25.31-34; Jo 5.22,27). Não somente serão julgados os anjos apostatas, mas igualmente todas as pessoas que viveram sobre a terra, a fim de darem conta de seus pensamentos, palavras e feitos (Jd 6; II Pe 2.4; II Co 5.10; Ec 12.14; Rm 2.16; 14.10,12; Mt 12.36,37; I Co 3.13,15)

Assim a glória de Deus se manifestará: em sua misericórdia, na eterna salvação dos eleitos (Rm 9.23; Ef 2.4-7) e em sua justiça, na condenação dos injustos (Rm 2.5,6; II Ts 1.7,8).

Os justos irão para a vida eterna e receberão aquela plenitude de alegria e refrigério procedentes da presença do Senhor (Mt 25.31-34; At 3.19; Sl

16.11). Mas os ímpios serão lançados nos eternos tormentos e na punição eterna procedentes da presença punidora do Senhor (Mt 24.41,46; II Ts 1.9; Mc 9.47,48).

A VOLTA DE JESUS CRISTO

A segunda vinda de Cristo, apesar de certa (At 1.11; Lc 21.27; Mc 13.26-27), faz parte de um dos assuntos que envolvem um certo mistério. Principalmente pelo fato de não sabermos exatamente quando ocorrerá a volta (Mt 24.36,42) e de não ser da nossa competência estipular datas ou épocas para que ela ocorra (At 1.6-7).

Porém, algumas informações podemos obter ao cruzarmos textos da Palavra de Deus que referem-se ao assunto.

Em 1 Tessalonicenses 4.13-17 (*texto foca o consolo para aqueles que perderam entes queridos e não sobre a volta de Cristo prioritariamente*) vemos alguns dados relacionados a segunda vinda de Jesus, mas, não se trata de um texto incisivo, apenas relaciona fatos que ocorrerão na segunda vinda de Jesus e que estão relacionados com o consolo e conforto para aqueles que estavam tristes pela morte de entes queridos, pensando que a morte colocaria um fim em tudo. Nestes dados fica claro que por ocasião da volta de Jesus, haverá a ressurreição dos que já morreram (dormem), a transformação dos que estiverem vivos, o arrebatamento da igreja e a inauguração do estado final (para sempre com o Senhor).

Em João 14.1-3 mais uma vez fica claro que a volta de Jesus tem por objetivo maior, inaugurar o chamado Estado Final (v.3).

Em Lucas 21.25-27 vemos que o período que antecede a volta de Jesus será marcada por tribulação, que segundo o verso 28 é o sinal para nós os crentes da iminente volta do Senhor. E que na volta propriamente, Jesus virá com “poder” e “grande glória”, indicando: sua autoridade para o Juízo (veja ainda Mt 16.27) e reconhecimento universal de todos os homens, justos e injustos, do seu reinado.

Em Mateus 24.3-44 vemos de modo mais claro que a volta de Jesus será precedida de um período de evangelização das nações, de uma grande tribulação e de sinais nos céus. Ao mesmo tempo nos versos 30-31, vemos que a volta de Jesus: será visível a todos, para aplicar sua justiça (poder – refere-se ao juízo final) e tornar conhecido seu reinado aos incrédulos (muita glória); e inaugurar o Estado Final (reunirão os seus escolhidos).

Já no texto de Mateus 25.31-46, vemos Jesus explicar mais detalhadamente como será o evento do Juízo Final. Primeiramente este ocorrerá na segunda vinda de Jesus (v. 31 cp. Mt 24.30); em segundo lugar, todas as nações serão reunidas em sua presença, para isso a ressurreição tem de ser tanto de crentes como de descrentes como afirma At 24.15 e Jo 5,28,29; em terceiro lugar vemos que após o julgamento, será aplicada a sentença eterna, inaugurando de uma vez por todas o Estado Final – castigo eterno para o diabo, seus anjos e todos os demais injustos ou vida eterna na presença inigualável do Deus Trino para os que foram justificados.

Apesar destes textos todos, ainda assim existe uma controvérsia sobre a volta de Jesus

Cristo, dividindo os cristãos em quatro escolas sobre como ocorrerá a 2ª Vinda de Jesus. O texto bíblico que gera várias interpretações e conseqüentemente esta divisão em escolas é o texto de Apocalipse capítulo 20.

Tudo se dá, principalmente, pelo entendimento a respeito dos "mil anos", que chamamos de "milênio", citados nos versos 2,3,4,5 e 6.

Este milênio refere-se ao período do reinado de Jesus antes da implantação total do Estado Final. E é sobre este período (milênio) que se desenvolve pelo menos quatro perspectivas diferentes[50]:

Pré-milenista – esta se divide em Histórica ou Dispensacionalista, mas sua base está na crença de que a volta de Jesus Cristo será precedida dos sinais expostos por Mateus 24 e que então Cristo viria e aplicaria seu reino a partir deste momento, reinando por mil anos. Depois voltaria mais uma vez para o juízo. Nesta perspectiva Jesus voltaria duas vezes, ocorreria três momentos de ressurreição distintos e mais três juízos, para então aplicar os estados eternos de Céu e inferno (Estado Final). Em outras palavras, nessa perspectiva a volta de Jesus antecede a implantação do reino.

Pós-milenista – para esta escola o reino de Deus está atualmente sendo expandido através do ensino e pregação do evangelho à todas as nações. Isso resultará em um longo período de paz,

---

[50] Para maiores detalhes veja: Robert G. CLOUSE; *Milênio – Significado e Interpretação*; Campinas, LPC, 1985, 1ª ed., 202 páginas. E Louis BERKHOF; *Teologia Sistemática*; Campinas, LPC, 1990, pp. 701-742.

chamado milênio, onde o cristianismo superará todo mal, que será minoria, gerando prosperidade. Em outras palavras, nessa perspectiva a implantação do reino antecede a volta de Jesus e os demais eventos do Dia Final.

Amilenista ou Milênio Realizado – nesta perspectiva vemos a crença de que já estamos vivendo os últimos dias, que o reino de Jesus já é uma realidade para os cristãos, apesar de não ser visível a todas as pessoas do mundo. Que nossa história caminhará para os eventos que precedem a volta de Jesus, como a grande tribulação por exemplo, e que o Dia Final é um único evento com vários acontecimentos: a 2ª Vinda de Jesus, a ressurreição de todos, a transformação dos vivos, o juízo, o arrebatamento, a aplicação dos estados eternos. Em outras palavras, nessa escola o reino de Jesus já está implantado, o milênio não é literal e culminará na volta de Cristo e nos demais eventos do último dia.

Olhando mais de perto em Apocalipse 20[51], vemos que os pressupostos teológicos, principalmente sobre Deus e sobre a salvação, serão determinantes para a interpretação bíblica que me conduzirá a uma inclinação para alguma das escolas citadas.

O mais importante, referente a Apocalipse 20, é determinar nosso entendimento sobre os mil anos e sobre a referida primeira ressurreição.

Segundo os versos 2 e 3, Satanás foi preso, lançado no abismo que foi fechado e selado por mil

---

[51] Para uma interpretação mais completa e exaustiva leia: William HENDRIKSEN; *Mais que Vencedores – Uma Interpretação do Livro de Apocalipse*; São Paulo, Cultura Cristã, 1987, 246 páginas.

anos, e é dado o objetivo disso: “para que não mais enganasse as nações...”. É lógico que isso não significa que o diabo não age, mas que nesse período a evangelização das nações será possível, pois o diabo não estariam mais enganando-os. A evangelização das nações começou com a ascensão de Cristo e o derramamento do Espírito Santo. Nesta ocasião, Pedro diz que estamos vivendo os últimos dias e que o reino já é uma realidade, ao referir-se sobre o cumprimento da profecia de Joel.

No verso 4 vemos durante os mil anos “as almas” dos justo, vivendo e reinando com Cristo. Sabemos que os justos que morrem hoje, imediatamente vão ter com o Senhor e gozam da sua presença. O episódio do ladrão na cruz, a certeza do apóstolo Paulo quanto estar com Jesus logo após a sua morte, que ele chama de lucro, provam esta verdade. Não ficam aguardando a chegada do milênio para reinar, pois na verdade o milênio já está sendo realizado. Na verdade devemos entender que o reino já fora inaugurado, porém ainda não visível e de modo definitivo, pois há um paralelo entre a era presente, onde os crentes sabem que Cristo reina, mas não desfrutam totalmente dos benefícios do reino, e a era vindoura, onde haverá apenas o Estado Final para toda a eternidade.

Quanto ao verso 5 refere-se tão simplesmente ao fato da conversão, onde nós que segundo Efésios 2.1 estávamos mortes, recebemos a vida, ou seja, a ressurreição espiritual, os restantes dos mortos não reviveram, porque não foram convertidos, chamados e a ressurreição deles será apenas no último dia, quando

reconhecerão que negaram a luz e amaram mais as trevas (Jo 3.19).

O verso 6 serve para confirmar tal interpretação, pois aqueles que se converteram, foram chamados em Cristo, ou seja, os que passaram pela primeira ressurreição, não sofreram a segunda morte, a morte eterna, mas viverão eternamente. E enquanto estiveram na igreja militante serão sacerdotes de Deus, para anunciar as boas novas do evangelho da paz e reinarão com Cristo como embaixadores do seu reino no tempo presente.

No verso 7 vemos o relato sobre a Grande Tribulação, que será abreviada por causa dos eleitos e logo em seguida volta-se a tratar dos acontecimentos do Dia Final, que é um único e grande evento, sendo finalizado com a aplicação definitiva do estado final (céu e inferno).

QUAL É A NOSSA ESPERANÇA?

Nossa esperança é que, mesmo com o aumento das dificuldades e dos sofrimentos que já são esperados, o Senhor Jesus Cristo volte como foi prometido (At 1.11) em glória, e que neste dia os mortos sejam ressuscitados e os vivos transformados. Que haja o julgamento com justiça, levando-nos para gozar da presença de Deus por sua misericórdia, para todo o sempre (At 24.15; Tt 2.13,14).

Em outras palavras, a nossa esperança é de vida eterna com Deus em seu Reino de Luz (Tt 1.2; 3.4-7; Ap 21.3,4).

O QUE FAZER ENQUANTO ESPERAMOS?

Devemos viver em vigilância (Mt 24.36; 7.21-23) com um compromisso verdadeiro de:

- Amar (1 Jo 3.16; 4.16; Mt 22.37-38).
- Ser fiel (Ap 2.10; 1 Co 4.1-2).
- Obedecer (Jo 14.15, 21-24; Mt 15.8; 28.19-20).
- Se dispor (1 Co 3.9; Is 6.8; Mt 4.19-22; Lc 9.60-62; 2 Co 9.6-10).
- Testemunhar (At 1.8; Mt 10.32-33; Mc 16.15; Rm 10.14-17; 1 Co 9.27).
- Servir (Mt 6.24; 10.37-38; Lc 9.23; 14.25-33).
- Lutar (Fp 1.27; 1 Tm 4.10; 2 Tm 2.4-13).

Fazendo isso certamente naquele dia ouviremos: “Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo”. (Mt 25.34).

INTRODUÇÃO À IPB

"Por esta causa, te deixei em Creta, para que pusesses em ordem as cousas restantes, bem como, em cada cidade, constituísses presbíteros, conforme te prescrevi".

Tito 1.5

COMO SURGIU A IPB?

Muito antes da IPB, a Igreja Presbiteriana surgiu da Reforma Protestante do século XVI, que tem como data básica o dia 31 de outubro de 1517, quando Martinho Lutero afixou as suas 95 teses contra as indulgência e práticas do papado, na porta da capela de Wittenberg, onde era monge agostiniano. Depois desse episódio levantaram-se vários outros nomes em outras regiões da Europa, dentre eles Zwinglio e João Calvino[52] (1509-1564). Este entendendo que a ICAR não iria ser reformada, conduziu seu povo de volta à Bíblia, nascendo a igreja reformada, também conhecida como Presbiteriana[53].

O nome vem do sistema de governo representativo através dos presbíteros (At 15.6), por isso Igreja Presbiteriana, ou seja, governada pelos presbíteros (sistema de governo bíblico).

---

[52] Para maiores informações sobre Calvino de modo claro e simples vide: Adão Carlos NASCIMENTO; *A Razão da Nossa fé*, São Paulo, Cultura Cristã, 2007, pg. 10.

[53] O termo "Presbiteriano" vem da palavra grega presbíteros = ancião. Refere-se ao sistema representativo de governo baseado num conselho eleito pela igreja de anciãos ou presbíteros.

A IPB teve dificuldades em nascer. Já no século XVI, Calvino envia alguns missionários presbiterianos franceses ao Brasil, no ano de 1557. Mas, com a saída dos franceses, expulsos em 1567, pois fim nesse trabalho. Outra tentativa ocorreu com os holandeses no século XVII, em 1624 e 1630. Porém, apenas no século XIX com a chegada do Missionário americano Rev. Ashbel Green Simonton (1833-1867), que veio para o Brasil com o objetivo de pregar o evangelho aos brasileiros, chegando aqui no dia 12 de Agosto de 1859, iniciou-se a Igreja Presbiteriana do Brasil.

A Primeira Igreja Presbiteriana a ser organizada no Brasil foi à do Rio de Janeiro, capital do Império, no dia 12 de Janeiro de 1862, à Rua Nova do Ouvidor, nº31. Nesta data foi celebrada a Santa Ceia pela primeira vez.

No entanto, conforme trabalho do Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa, os primeiros oficiais da Igreja Presbiteriana no Brasil só foram eleitos em 1866: Os diáconos em 02/04/1866; eram três: Guilherme Ricardo Esher (origem irlandesa), Camilo José Cardoso (português) e Antonio Pinto de Sousa (brasileiro). Os presbíteros em 07/07/1866; eram dois: Guilherme Ricardo Esher e Pedro Perestrello da Câmara (de origem portuguesa). Todos foram ordenados no dia 09/07/1866.

Portanto, a Igreja Presbiteriana é uma igreja reformada, com sistema de governo presbiteriano (que é dividido em concílios – conselho de igreja, presbitério, sínodo e supremo concílio), tendo como única regra de fé e prática os ensinos da Bíblia, Antigo e Novo Testamento, como Palavra de Deus

e possui como padrão de exposição das doutrinas bíblicas seus símbolos de fé que são: a Confissão de Fé de Westminster; o Catecismo Maior e o Breve Catecismo, devido à Bíblia não trazer as doutrinas já sistematizadas.

O QUE É A IPB?

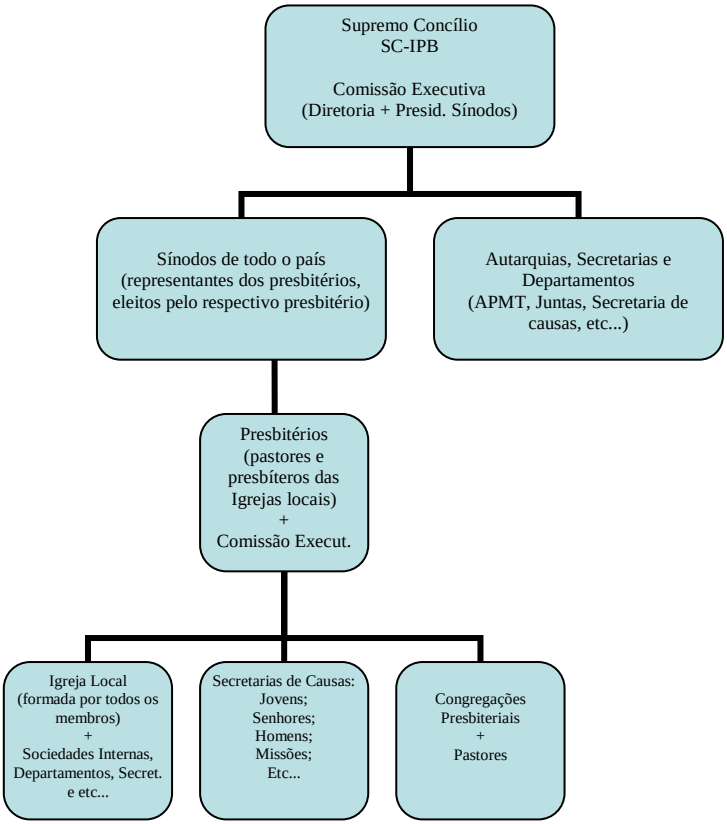
Segundo a própria Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil[54]: "*A Igreja Presbiteriana do Brasil é uma federação de Igreja locais, que adota como única regra de fé e prática as Escrituras Sagradas do Antigo e Novo Testamento e como sistema expositivo de doutrina e prática a sua Confissão de Fé e os Catecismos Maior e Breve;...*" e tem por finalidade: "*prestar culto a Deus, em espírito e verdade, pregar o evangelho, batizar os conversos, seu filhos e menores sob sua guarda e 'ensinar os fiéis a guardar a doutrina e prática das Escrituras do Antigo e Novo Testamentos, na sua pureza e integridade, bem como promover a aplicação dos princípios de fraternidade cristã e o crescimento de seus membros na graça e no conhecimento de Nosso Senhor Jesus Cristo".*

COMO SE ORGANIZA A IPB?

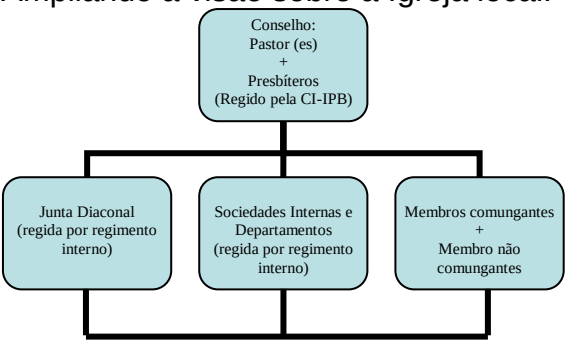
A organização da IPB segue o seguinte organograma:

---

[54] Cf. Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil, artigos 1º e 2º.



Ampliando a visão sobre a Igreja local:



QUANTOS NÓS SOMOS?[55]

Estatística IPB – 2016

649.510
MEMBROS

507.933
Membros Comungantes

141.577
Membros Não Comungantes

4.475
PASTORES

12.622
Presbíteros

17.140
Diáconos

2.805
IGREJAS

2.263
Congregações

993
Pontos de Pregação

---

[55] http://www.executivaipb.com.br/estatisticas/

APÊNDICE:

OS CINCO PONTOS DO CALVINISMO

"Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça;" João 15.16

Baseados nas mesmas doutrinas estudadas em nosso curso, uma Assembléia Eclesiástica reuniu-se em 1º de Novembro de 1618, na cidade holandesa de Dordrecht. Ali estavam representantes de igrejas reformadas de todo o mundo protestante: Inglesas, Alemãs, Francesas, Suíças e Holandesas. Elas se reuniram para tratar de um assunto muito importante, que era de interesse de todo mundo cristão, pois o assunto era relacionado com a velha heresia.

Com base, portanto, na fé reformada, os representantes das igrejas, em oposição à exposição da fé denominada arminiana, redigiram uma exposição de fé conhecida por Cinco Pontos do Calvinismo. Eles dizem:

1º Ponto – **Depravação Total**: todo homem está separado de Deus, morto em seus pecados e incapaz de se voltar para Deus e alcançar sua salvação. (Rm 5.12);

2º Ponto – **Eleição Incondicional**: devido ao primeiro ponto e estando o homem em débito para com Deus e sem condições para quitar sua dívida sendo, sem exceção, todos condenados à morte, Deus, em sua misericórdia, *elege* alguns homens

devido o seu grande amor de forma incondicional, pois o homem não tinha nada a oferecer. (Rm 9.11-21; Jo 15.16)

3º Ponto – **Expiação Limitada**: sendo Deus quem escolhe os que serão salvos da condenação eterna, a morte de Jesus não foi para toda a humanidade, mas sim limitada somente para os eleitos (Ef 1.4; Jo 17.9,24).

4º Ponto – **Graça Irresistível**: é algo que não temos como resistir. Quando Deus nos chama isso é irresistível e não temos como recusar (Jo 6.37,44; I Pe 2.9; I Pe 5.10).

5º Ponto – **Perseverança dos Santos**: devido a salvação vir exclusivamente e totalmente de Deus, é Ele mesmo quem aplica e nos dá a certeza da salvação (Fp 1.6; Jo 6.39; Jo 10.28; Rm 5.10; Rm 8.1,28-30).

Esses cinco pontos conhecidos como "Cinco Pontos do Calvinismo" são um resumo da exposição bíblica da redenção do homem caído. Realçam a soberania e o poder de Deus e a dependência do homem.

Para finalizar, gostaria de citar as palavras do Rev. Charles Haddon Spurgeon, um pastor Batista (reformado da Inglaterra):

> *A antiga verdade pregada por Calvino, a qual Agostinho pregou, assim como Paulo, é a verdade que tenho de pregar hoje, ou serei falso para com a minha consciência e meu Deus. Não posso moldar a verdade, não conheço algo como tirar as arestas de uma doutrina. O evangelho de John Knox é o meu evangelho; aquilo que trovejou pela Escócia, deve trovejar pela Inglaterra de novo.*

Assim, encerramos nossos estudos bíblicos, seguindo a seqüência da Confissão de Fé de Westminster.

Que Deus seja louvado!

LEITURA SUGERIDA

W. J. Seaton; Os Cinco Pontos do Calvinismo. São Paulo, PES.

John Owen; Por Quem Cristo Morreu?. São Paulo, PES.

A. Booth; Somente Pela Graça. São Paulo, PES.

R. C. Sproul; Discípulos Hoje. São Paulo, Cultura Cristã, 1998. 272 págs.

Heber Carlos de Campos: O Ser de Deus e os seus atributos. São Paulo, Cultura
Cristã, 1999. 415 págs.

A Confissão de Fé de Westminster. São Paulo, Cultura Cristã, 3ª ed, 1997.

O Catecismo Maior. São Paulo, Cultura Cristã, 1997.

O Breve Catecismo. São Paulo, Cultura Cristã, 4ª ed, 1997.

Adão Carlos Nascimento; A Razão da Nossa Fé. São Paulo, Cultura Cristã, 8ª ed, 2000.

Samuel Falcão; Escolhidos em Cristo. São Paulo, Cultura Cristã, 1998.

Anthony A. Hoekema; A Bíblia e o Futuro. São Paulo, CEP, 1ª ed, 1989.

Louis Berkhof; A História das Doutrinas Cristãs. São Paulo, PES.

O que é a Bíblia? Uma introdução ao livro da fé cristã, Barueri-SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 2005, 64 p.

BIBLIOGRAFIA

A Confissão de Fé de Westminster. São Paulo, Cultura Cristã, 3ª ed, 1997.

BERKHOF; Louis, *Teologia Sistemática*, Campinas, LPC, 1990. 791 págs.

BRUNER; Frederick Dale, *Teologia do Espírito Santo*, São Paulo, Vida Nova. 275 págs.

CALVINO; Juan, *Institución de la Religion Cristiana*, Barcelona, FeliRé, 1994, 2 Volumes.

CAMPOS; Heber Carlos de, *O Ser de Deus e os seus atributos*. São Paulo, Cultura Cristã, 1999. 415 págs.

CHAMPLIN; R. N., BENTES; J. M., *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. São Paulo, Candeia, 1995, 6 Volumes.

CLOUSE; Robert G., *Milênio – Significado e Interpretações*, Campinas, LPC, 1985. 202 págs.

COSTA; Hermisten Maia P., *Teologia do Culto*, São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1987. 62 págs.

FERREIRA; Aurélio Buarque de Holanda, *Minidicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

GRAHAM; Billy, *O Espírito Santo – Ativando o poder de Deus em sua vida*, São Paulo, Vida Nova, 1980. 220 págs.

HENDRIKSEN; William, *Mais que Vencedores – Uma interpretação do Livro de Apocalipse*, São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1987. 246 págs.

LANDES; Philippe, *Estudos Bíblicos sobre o Batismo – O modo de administrá-lo*, São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1964. 190 págs.

LOPES; Augustus Nicodemus, *O Culto Espiritual – Um estudo em 1 Coríntios sobre questões atuais e diretrizes bíblicas para o culto cristão*, São Paulo, Cultura Cristã, 1999. 253 págs.

MAcARTHUR JR; John, *Os Carismáticos*, São José dos Campos, Fiel, 1988. 213 págs.

NASCIMENTO; Adão Carlos, *Pensando e Repensando a Profissão de Fé*, Santa Bárbara D'Oeste, SOCEP, 2004. 191 págs.

O Catecismo Maior. São Paulo, Cultura Cristã, 1997.

PINK; Arthur W., *Los Atributos de Dios*, Barcelona, El Estandarte de la Verdad, 1997. 132 págs.

ROBERTSON; O. Palmer, *O Cristo dos Pactos*, Campinas, LPC, 1997. 276 págs.

SPROUL; R. C., *Discípulos Hoje*. São Paulo, Cultura Cristã, 1998. 272 págs.

_____, *Eleitos de Deus*, São Paulo, Cultura Cristã, 1998. 192 págs.